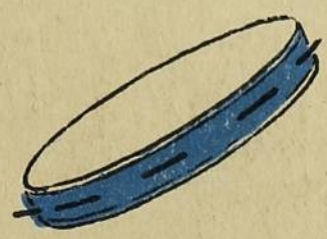
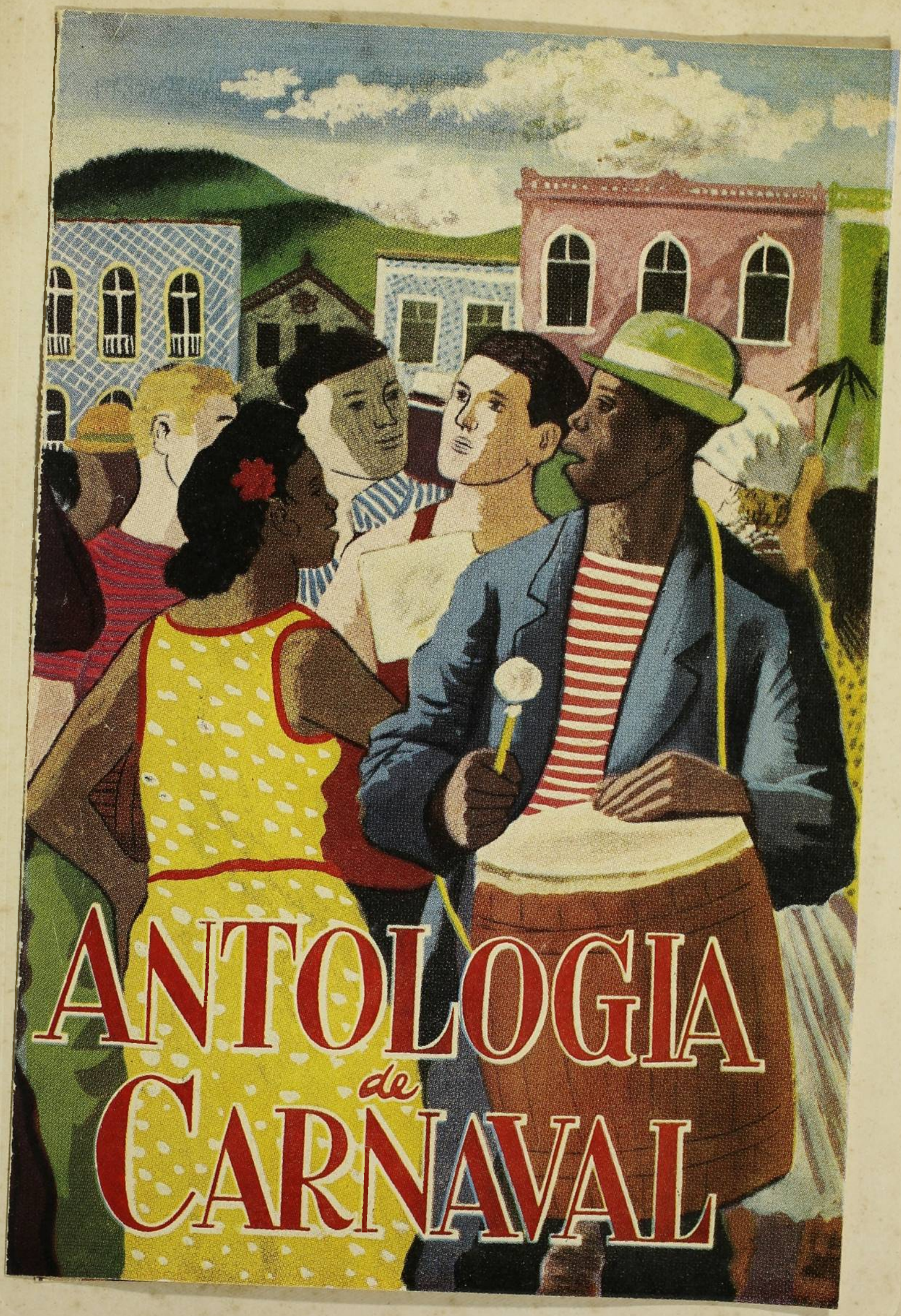
ANTOLOGIA DE CARNAVAL



1945

SEÇÃO DE LIVROS DA
EMPRÊSA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.
RIO DE JANEIRO — BRASIL


ANTOLOGIA
de
CARNAVAL

Livros & Livros
DO LIVRO NOVO AO USADO
COMPRA - VENDA - TROCA
Fone (0482) 22-1244
Rua Marechal Deodoro, 13 - Sala 02
Sobreloja - Edifício Max - 88010
Florianópolis - Santa Catarina

ANTOLOGIA DE CARNAVAL

Da presente edição, em papel "buffon", foram tirados sòmente duzentos e cinqüenta e três exemplares de luxo. Esta edição se destina aos bibliófilos, é numerada de 1 a 253 e vai assinada pelo Sr. Frederico Chateaubriand, diretor da Seção de Livros da Emprêsa Gráfica "O Cruzeiro" S. A.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1945.

Nº 0244

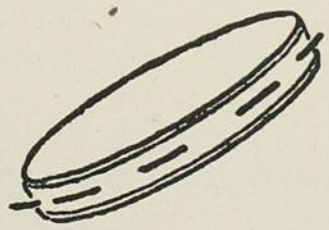
Antologia de Carnaval

Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica O CRUZEIRO S. A., à rua do Livramento, 191, Rio de Janeiro, para sua "Seção de Livros". Superintendente — Leão Gondim de Oliveira. Diretores — Frederico G. Chateaubriand e Antonio Accioly Netto. Em fevereiro de 1945.

ANTOLOGIA DE CARNAVAL

ORGANIZADO POR WILSON LOUZADA

DESENHOS DE PERCY DEANNE



1945

"Seção de Livros" da
EMPRÊSA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.
Rio de Janeiro — Brasil

ÍNDICE

WILSON LOUZADA
Introdução 9

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA (1831-1861)
As Baianas 19

MACHADO DE ASSIZ (1839-1908)
Crônica da Semana — 4 de fevereiro de 1894 25

VIEIRA FAZENDA (1847-1917)
O Zé-Pereira 33

ARTUR AZEVEDO (1855-1908)
Como eu me diverti 43

JOÃO RIBEIRO (1860-1934)
O Carnaval 53

COELHO NETO (1864-1934)
Carnaval de outrora 59

OLAVO BILAC (1865-1918)
Carnavalescos 71

GRAÇA ARANHA (1868-1931)
Carnaval 81

LUÍS EDMUNDO (1878)
A tragédia do cordão "Estrêla de Dois Diamantes' .. 87

JOÃO DO RIO (1881-1921)
Cordões 95

LIMA BARRETO (1881-1922)
Cló 111

MELO MORAIS FILHO (1884-1919)
O entrudo 127

MÁRIO SETE (1886)
Maracatus e frevos 137

ALVARO MOREYRA (1888)
Depois do Carnaval 147

CARLOS CHIACCHIO (1889)
Carnaval 153

JOSE' DO PATROCÍNIO FILHO
A evolução da família 161
GRACILIANO RAMOS (1892)
Carnaval — 1910 169
ANIBAL MACHADO (1895)
A morte da porta-estandarte 177
RIBEIRO COUTO (1898)
O bloco das Mimosas Borboletas 193
DANTE MILANO (1899)
Filmagem do Carnaval noturno 209
ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO (1901-1935)
O mártir Jesus — Senhor Crispiniano B. de Jesus 217
JORGE DE LIMA (1901)
À procura de alegria no Carnaval 227
JOSE' LINS DO RÊGO (1901)
Carnaval de engenho 233
Carnaval de Recife 241
ADALGISA NÉRI
Dois mascarados 247
MARQUES REBÊLO (1907)
Uma senhora 259
Trecho do capítulo VII, de "Marafa" 269
RAYMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR (1907)
A rainha do rancho 279
FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO (1909)
Embaixada da Concórdia 291
RIVADÁVIA DE SOUZA
Carnaval em Pôrto Alegre 307
ROBERTO MACEDO
Primeiro préstito carnavalesco 315
RAQUEL CROTMAN
O bloco 321
DANTE COSTA (1912)
Carnaval 333
JORGE AMADO (1912)
História de Carnaval 341
LÚCIO CARDOSO (1913)
Carnaval de antigamente 351
RUBEM BRAGA (1913)
Batalha no Largo do Machado 359

Introdução

WILSON LOUZADA

O CARNAVAL, *cujas origens se perdem na antiguidade greco-romana, adquiriu no Brasil uma importância fundamental como expressão máxima de festa popular. Antes do Carnaval, só conhecíamos o entrudo, precursor do culto a Momo, que chegou até nós por intermédio dos portuguêses, ainda nos tempos coloniais. Essa emigração, provàvelmente, deve ter dado novas características ao tradicional divertimento popular, cujas origens, aliás, são bastante obscuras. Entretanto, o entrudo, tal como era praticado no Brasil, parece que só chegou a adquirir real popularidade entre os habitantes dos centros urbanos. No interior do país, entre as populações sertanejas ou matutas, êsses festejos eram menos conhecidos e praticados, exceto talvez nas regiões próximas das cidades mais adiantadas.*

As cheganças, *os* reisados, *os* bumba-meu-boi, *os festejos de junho, as* cavalhadas, *o Natal, o dia de Reis, e outras espécies de folguedos, monopolizavam com certeza o interêsse dos aglomerados humanos das zonas menos povoadas, imunizando-os contra a influência daquele divertimento, popularíssimo nas cidades. Por isso mesmo, o entrudo não chegou a modificar-se tão profundamente como seria de esperar da sua transplantação de Portugal para o Brasil, e dos contatos culturais a que esteve sujeito, tanto por parte das formas lúdicas primitivas dos nossos selvagens, como das dos negros escravos importados da África. Deve-se salientar, aliás, que tanto a civilização negra como a civilização indígena, ao que parece, nêle não deixaram vestígios profundos de sua constante proximidade material. Todavia, o certo é que o entrudo desenvolveu-se no Brasil, a tal ponto e com tal entusiasmo, que acabou sendo proibido no Rio de Janeiro, mais ou menos em 1854, por ordem da polícia. Acentue-se, porém, que, se êsse folguedo adquiriu um desenvolvimento maior, foi talvez em virtude das proibições que pesavam sôbre deter-*

minados aspectos típicos do carnaval europeu. O uso de máscaras, por exemplo, tão característico, não era permitido pelas autoridades portuguêsas, em nenhuma hipótese, e muito principalmente nos dias que precediam a Quaresma. E' exato que João Batista Debret, no seu livro Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, *tomo I, deixa um claro testemunho do que assistiu, a propósito, num carnaval do Rio de Janeiro: "Vi, durante a minha permanência, certo carnaval em que alguns grupos de negros mascarados e fantasiados de velhos europeus imitaram-lhes muito jeitosamente os gestos, ao cumprimentar à direita e à esquerda as pessoas instaladas nos balcões — eram escoltados por alguns músicos, também de côr e igualmente fantasiados". Aquela proibição, como é lógico, impediu que o carnaval pròpriamente dito, antigo de séculos na Europa, conseguisse vencer ràpidamente no Brasil, o que só aconteceu em 1855, após o desaparecimento do entrudo, quando foram então fundadas as duas primeiras sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro:* Sumidades Carnavalescas *e* Veneziana. *Entretanto, segundo informa Vieira Fazenda, os primeiros bailes de carnaval efetuados no Rio de Janeiro, datam de 1846, portanto ainda em pleno apogeu do entrudo, com os seus limões de cheiro, com as suas tinas de água, com as suas ferozes batalhas líquidas entre moços, velhos e crianças, nas ruas e nas casas. Assim o descrevem, pelo menos, nossos cronistas e numerosos estrangeiros que visitaram o Brasil no século XIX, como por exemplo D. P. Kidder e J. C. Fletcher, dois metodistas americanos que aqui estiveram, o primeiro de 1836 a 1842 e o segundo de 1851 a 1865. Do livro dêsses dois missionários —* Brazil and the Brazilians, *traduzido para nossa língua sob o título de* O Brasil e os Brasileiros, *vamos transcrever algumas impressões sôbre o nosso entrudo:*

"O entrudo, que corresponde ao carnaval na Itália, estende-se por três dias antes da Quaresma e é geralmente considerado pelo povo como uma visível determinação para compensar, por meio de divertimento, o longo retiro que irão guardar na Quaresma. O entrudo, entretanto, não é mais celebrado como quando estive pela primeira vez no Rio. Dava-se então uma saturnal do mais líquido aspecto e todos — homens, mulheres e crianças — entregavam-se a êle, com o abandono *que constituia o mais forte contraste com a sisudez e a inação habitual dos mesmos. Antes de ser suprimido pela polícia, constituía um notável acontecimento. Não era com chuva de confeitos, que as pessoas se saudavam nos dias do entrudo, mas com chuveiros de laranjas e ovos, ou antes com bolas de cêra feitas com a forma*

de laranjas e ovos, cheias d'água. Êsses artigos são preparados antes em grande quantidade e expostos à venda nas lojas e nas ruas. A casca era forte bastante para permitir que fôsse lançada a grande distância, mas, no momento do choque, fazia-se em pedaços, espalhando água por onde caísse. Diferentemente de qualquer brincadeira análoga de bolas de neve, nos países frios, êsse jôgo *não se limitava às crianças ou às ruas, mas era feito na alta roda, tanto quanto na classe inferior, fora e dentro de casa. O consenso geral parecia permitir que cada um se divertisse à vontade, molhando o próximo, quer quando uma visita entrava em casa, quer quando o transeunte passava pela rua. De fato, todo aquêle que saísse nesses dias experimentava uma ducha, e achava melhor levar consigo um guarda-chuva, pois no entusiasmo da brincadeira as bolas de cêra logo se consumiam, e seguiam-se-lhes as seringas de brinquedo, bacias, tijelas e, às vêzes mesmo, baldes de água, que eram usados sem piedade, até que ambos os partidos ficassem totalmente ensopados. Os homens e as mulheres lutavam entre si, nas varandas e janelas, das quais não só combatiam uns aos outros, como também os transeuntes. Tão grandes eram realmente os excessos que provinham dêsse briquedo, que foi proibido por lei. Os magistrados dos diferentes distritos formalmente se declaravam de ano para ano contra o entrudo, porém com pouco efeito até 1854, quando um novo chefe de polícia, com grande energia, pôs fim ao violento entrudo, seus combates e duchas. O entrudo agora se realiza de um modo sêco, porém ainda divertido, no estilo de Paris e Roma. A origem do entrudo foi por muito tempo considerada como tendo remotas ligações com o batismo, porém, o Sr. Ewbanck foi o primeiro a traçar claramente os seus primórdios, num artigo arqueológico muito interesante, no qual veio tratando do assunto desde a Índia, essa fornecedora de "muitas das práticas da igreja latina".*

O divertimento do entrudo, conforme estamos vendo, chegou ao delírio coletivo no Rio de Janeiro e em muitas outras cidades brasileiras. Não só entre a população branca, ou presumidamente branca, como também entre a numerosa escravaria, que, nos três dias anteriores à Quaresma, se dedicava com entusiasmo ao grande folguedo. Aliás, essa intromissão de escravos na prática do entrudo, e no comércio dos artigos com êle relacionados, deve ter concorrido para que o carnaval de hoje conservasse inúmeras reminiscências musicais e coreográficas de origem negra, embora essa intromissão pouco tenha alterado a fisionomia típica do entrudo enquanto foi entrudo. E' certo que o

nosso carnaval aproveitou, naturalmente modificadas, certas características que só eram encontradas no jôgo do entrudo, tal como era praticado até meados do século XIX, assimilando, nesse caso, não só o que era contribuição de origem negra como também o que era contribuição apenas do próprio entrudo. A partir dessa época, porém, em face da severa repressão das autoridades policiais, foram então desaparecendo, das ruas do Rio de Janeiro, as curiosas batalhas de limões de cheiro, os banhos imprevistos nos transeuntes pacíficos, e todo o instrumental dêsse extravagante brinquedo: bolas de cêra, bacias, tijelas, seringas de lata e até baldes de água. Os carnavalescos passaram a usar de outros meios menos grosseiros, e começou-se a empregar, em lugar de violentas duchas, banhos muito mais delicados: banhos de flores. As batalhas de confete, que hoje conhecemos, mas que também já estão desaparecendo, eram então verdadeiras batalhas de flores. Mais tarde, entretanto, apareceu o confeti, e as antigas seringas e limões de cheiro, que inundavam de água os foliões, cederam lugar ao moderno lança-perfume, reminiscência visível daquelas enormes seringas do tempo antigo. Uma outra particularidade dessa festa de outrora, que o tempo destruiu ou modificou, era o Zé-Pereira, famosa descoberta de um cidadão do Rio de Janeiro, que se chamava José Nogueira de Azevedo Paredes. O Zé-Pereira, como o nome está indicando, seria provàvelmente de origem lusitana, tanto mais que essa modalidade de instrumento, ou de meio de fazer barulho, parece ocorrer num dos romances de Júlio Diniz — A morgadinha dos canaviais. *Entretanto, na sua grande maioria, os instrumentos usados pelos cordões e ranchos carnavalescos da atualidade, quase todos de percussão, parecem ser de origem negra e eram usados, ou na sua forma moderna, ou de algum modo transformados, pelos antigos escravos nas suas práticas religiosas ou mágicas. Do mesmo modo, as danças devem ter idênticas origens, assim como os cânticos em geral. Entretanto, no capítulo das indumentárias ou das fantasias, das pinturas e máscaras, é provável que os nossos carnavalescos tenham conservado, também, algumas reminiscências indígenas, indiretamente recebidas através do entrudo, ou conscientemente pesquisadas como expressão de um nacionalismo romântico. Nem seria impossível que o nosso romantismo literário, com a sua idealização do aborígene, tenha concorrido para fixar, na alma do povo, essa lembrança dos primeiros habitantes da terra. Essa lembrança que reponta nas máscaras, roupagens e pinturas de pagés, nas fantasias de índios com os respectivos ornatos e armas, nos versos das canções, ou*

na cenografia dos carros alegóricos, seja por razões psicológicas, seja por simples imitação sem maiores conseqüências.

A instituição dos préstitos, entretanto, veio finalmente a dar novas características ao nosso carnaval, aproximando-o nesse ponto do carnaval europeu. Certamente, o uso de carros alegóricos seria no Brasil uma prática bem antiga. Até mesmo em festas religiosas, e nos primórdios do nosso teatro, êsses carros eram muito empregados, como por exemplo no famoso auto de Santa Úrsula ou das Onze Mil Virgens, isto ainda no século XVI. Entretanto, no Rio de Janeiro, os préstitos carnavalescos só principiaram a representar uma verdadeira tradição, a partir de 1855, quando o desfile dos carros das sociedades passou a monopolizar o interêsse do povo, dividindo-o em correntes de opinião favoráveis aos diversos clubes existentes. Desde então, a terça-feira de carnaval passou a ser a terça-feira gorda, centralizando e finalizando a grande festa brasileira. Por muito tempo, aliás, essa tradição foi mantida. Todavia, com o progresso material da cidade, com a invenção do cinema e do rádio, o prestígio que aureolava as grandes sociedades veio caindo de ano para ano, e o carnaval foi deixando de ser uma festa popular, festa de rua, para se ir confinando nos estreitos limites dos bailes internos. E' suficiente uma leitura atenta de algumas páginas desta antologia, para que se compreenda êsse processo de decadência de uma festa puramente social. Dessa análise, feita com objetividade, será fácil extrairmos um panorama dos aspectos principais sob que o carnaval pode ser encarado. Do ponto de vista político, constatamos que a liberdade de opinião e de crítica era uma realidade durante o segundo reinado e sob alguns governos republicanos. Homens e fatos eram submetidos às mais impiedosas censuras, quer através dos carros alegóricos nos préstitos da terça-feira gorda, quer através dos sambas, marchinhas, cantigas improvisadas, etc. A música e a cenografia, portanto, serviam de instrumento da opinião popular livre. Valiam por autênticas tribunas ou jornais oposicionistas, com o valioso acréscimo do espírito humorístico e satírico tão peculiar ao carioca. Do ponto de vista social, assistíamos nessa festa a um nivelamento de classes que podíamos considerar realmente profundo e sugestivo, embora não menos rápido e passageiro. De todos os folguedos coletivos, o carnaval na verdade era o que mais aproximava indivíduos de todos os sexos, raças e condições. Todavia, êsse nivelamento cada vez mais tende a desaparecer, com a lenta mas segura evolução do carnaval externo para o interno, da batalha de confeti nas ruas e nas praças para a ba-

talha de confeti nos clubes e cassinos, com o conseqüente retraimento dos préstitos, das fantasias típicas, das máscaras, do corso, do lança-perfume, do confeti, da serpentina, dos ranchos, dos cordões e das músicas pitorescas ou sentimentais, que outrora lhe davam um colorido tão intenso, que bem podíamos chamá-lo a festa das côres. Por outro lado, dessa massa confusa de gritos, cantos, risos, côres e perfumes, levantava-se um clamor surdo e profundo que hoje podemos admitir, não como uma desenfreada manifestação de alegria coletiva, mas como uma desesperada manifestação de recalques individuais e sociais, como um autêntico protesto ou sentimento de revolta.

Literàriamente, o carnaval brasileiro só começou a preocupar nossos escritores quando findou o romantismo. Antes, como já temos visto, os primeiros que trataram dessa festa popular foram os viajantes estrangeiros que aqui apareciam com o objetivo de estudar costumes, usos, religiões, administração, flora, fauna, geografia, etc. Citamos, entre êles, Debret, Kidder e Fletcher. Mas na realidade êsses três nomes representam apenas uma parcela diminuta dos estrangeiros que nos visitaram. Depois, vieram os cronistas, romancistas, poetas, contistas e teatrólogos. Nem todos, porém, encarando o carnaval do ponto de vista de uma manifestação sociológica, expressiva da nossa psicologia de povo, embora apresentando-se caracterizada de acôrdo com as regiões do país — o carnaval do Rio de Janeiro, o carnaval de Recife e o carnaval da Bahia — por exemplo, com as suas particularidade coreográficas e musicais bem definidas: samba e marcha no Rio de Janeiro; frevo e maracatu no Recife; baianas tradicionais em Salvador. Baianas, aliás, que Manuel Antônio de Almeida coloca no Rio de Janeiro, ainda no tempo do rei, à testa das procissões religiosas daqueles católicos anos, numa curiosa mistura de fé e paganismo que a nossa cultura sempre conheceu, sendo possível mesmo que nos ranchos e cordões da atualidade, um estudioso do assunto possa rastrear vestígios dêsse sincretismo que devemos quase exclusivamente aos antigos negros escravos. De uma maneira ampla, o carnaval na literatura brasileira tem sido aproveitado como motivo estético, por alguns, e puramente descritivo por outros. Conscientemente, como elemento de estudo e pesquisas, ou como elemento psicológico indireto, só tem sido usado pelos escritores modernos — cronistas, contistas e poetas, principalmente. De qualquer modo, não devemos desprezar o seu valor estético, que, de acôrdo com João Ribeiro, numa das páginas desta antologia, foi suficiente para deslumbrar Eduardo Manet, levando-o à criação do im-

pressionismo na pintura. Aliás, a fôrça pitórica do carnaval brasileiro, ou melhor, do carnaval carioca, é de tal intensidade que o observador mais desprevenido logo se sente ferido por ela. Não importa que êsse observador seja um estrangeiro ou um nacional. O colorido gritante dessa festa sempre foi um espetáculo para os olhos daqueles que sabem observá-la como autênticos artistas.

Nas páginas desta antologia, procuramos selecionar e reunir o material mais expressivo, em literatura, sôbre o carnaval brasileiro. O carnaval carioca predomina, evidentemente, mas a colaboração das províncias típicas não foi desprezada: Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo, etc. Aspectos de ontem e aspectos de hoje. Entrudo e carnaval. Limão de cheiro e lança-perfume, confeti e serpentina. Samba e maracatu, frevo e marchinha. Provàvelmente, a seleção dos autores, das crônicas e dos contos poderá levantar algumas críticas. Mas êsse, afinal, é o destino das antologias, e nem procuraremos contestar a opinião comum de que elas obedecem, antes de tudo, ao critério do gôsto pessoal.

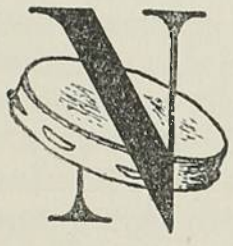
WILSON LOUZADA

As baianas

MANUEL ANTÔNIO DE
ALMEIDA (1831-1861)

Manuel Antônio de Almeida nasceu em 1831, *no Rio de Janeiro, e faleceu em* 1861, *em Macaé, Estado do Rio. Êste trecho é do romance "Memórias de um sargento de milícias".*

As baianas, no carnaval carioca, ou no carnaval brasileiro, sempre foram uma tradição, que parece remontar ao tempo dos vice-reis. O que acontece é que elas apareceram, primeiramente, à testa das procissões mais ricas, como nos informa Manuel Antônio de Almeida, neste trecho das "Memórias de um sargento de milícias". O tom naturalmente pagão dêsses ranchos é que contribuiu para que deixassem de figurar nas festas religiosas para se integrarem nos festejos carnavalescos.



ESSE tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma eram de uma pompa extraordinária, especialmente quando el-rei se dignava acompanhá-las, obrigando tôda a côrte a fazer outro tanto: a que primava porém entre tôdas era a chamada procissão dos ourives. Ninguém ficava em casa no dia em que ela saía, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ela passasse, achavam todos meio de vê-la. Alguns haviam, tão devotos, que não se contentavam vendo-a uma só vez; andavam de casa dêste para a casa daquele, desta rua para aquela, até conseguir vê-la desfilar de princípio a fim duas, quatro e seis vêzes, sem o que não se davam por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supomos nós, além talvez de outras: o leitor há de achá-la sem dúvida extravagante e ridícula; outrotanto nos acontece, mas temos obrigação de referi-la. Queremos falar de um grande rancho chamado das — Baianas — que caminhava adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado êsse rancho por um grande número de negras vestidas à moda da província da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dançavam nos intervalos dos **Deo-gratias** uma dança lá a seu capricho. Para falarmos a verdade, a coi-

sa era curiosa: e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpável. Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia: é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto; não aconselhamos, porém, que ninguém o adote; um país em que tôdas as mulheres usassem dêsse traje, especialmente se fôsse dêsses abençoados em que elas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas baianas não usavam vestidos; traziam sòmente umas poucas de saias presas à cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, tôdas elas ornadas de magníficas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finíssima camisa, cuja gola e mangas eram também ornadas de renda; ao pescoço punham um cordão de ouro ou um colar de corais, os mais pobres eram de missangas; ornavam a cabeça com uma espécie de turbante a que davam o nome de "trunfas", formado por um grande lenço branco muito têso e engomado; calçavam umas chinelinhas de salto alto e tão pequenas que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fora todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de pano prêto, deixando de fora os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Crônica da Semana

4 de Fevereiro de 1894

MACHADO DE ASSIS
(1839-1908)

Machado de Assis nasceu em 1839, *no Rio de Janeiro, e faleceu em* 1908, *na mesma cidade. Esta crônica é do segundo volume da "A Semana".*

Quando Machado de Assis escreveu esta crônica, atravessávamos um peroído anormal de situação política, e por tal razão foram proibidos os festejos carnavalescos no Rio de Janeiro. Entretanto, tecendo variações em tôrno do fato, o grande mestre aproveita-se do carnaval para revelar-se, ainda uma vez, o mesmo cético e humorista dos seus melhores romances.

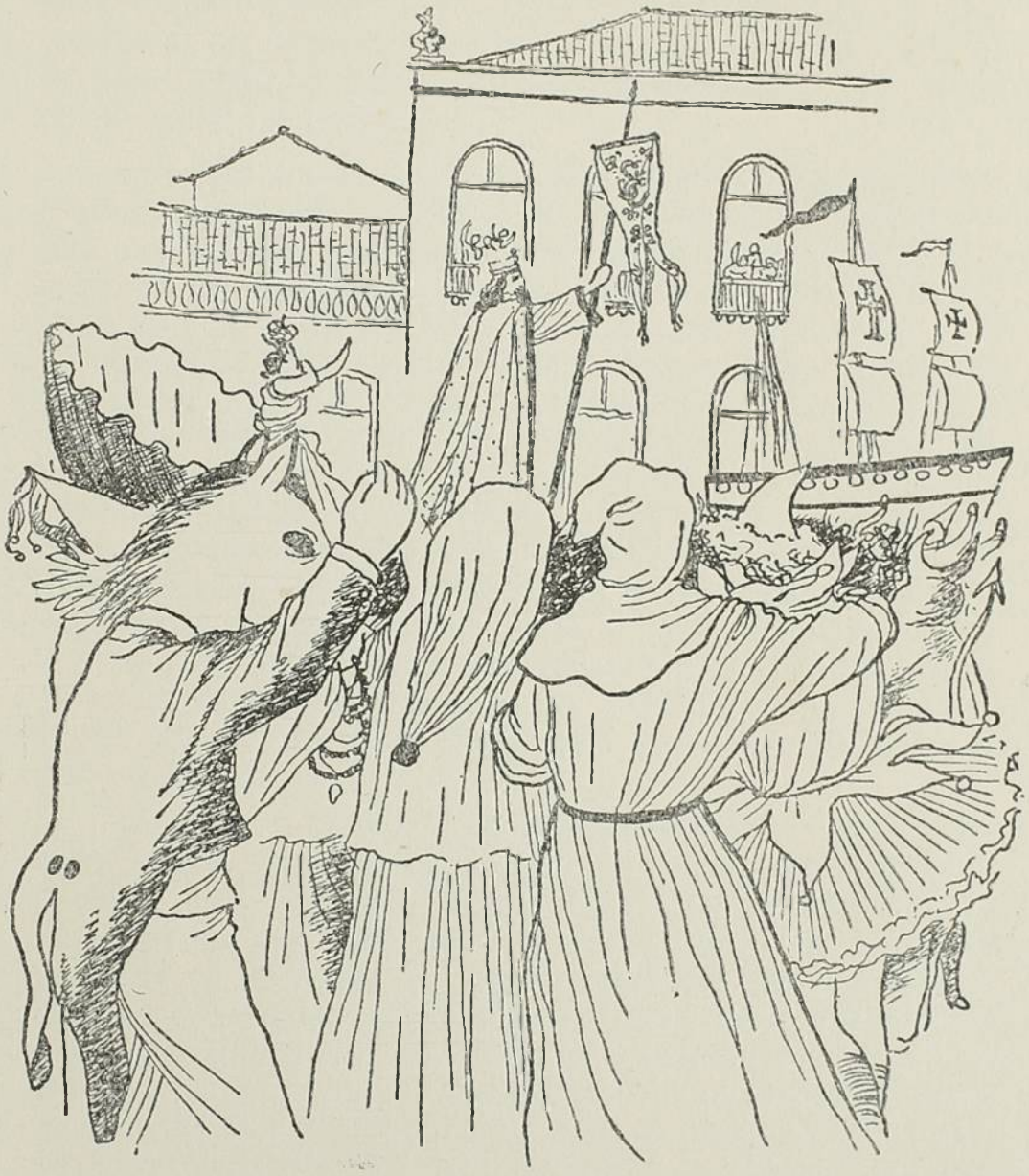
QUANDO eu li que êste ano não pôde haver carnaval na rua, fiquei mortalmente triste. E' crença minha que, no dia em que Deus Momo fôr de todo exilado dêste mundo, o mundo acaba. Rir não é só **le propre de l'homme**, é ainda uma necessidade dêle. E só há riso, o grande riso, quando é público, universal, inextinguível, à maneira dos deuses de Homero, ao ver o pobre côxo Vulcano.

Não veremos Vulcano êstes dias, cambaio ou não, não ouviremos chocalhos, nem guisos, nem vozes tortas e finas. Não sairão as sociedades, com os seus carros cobertos de flores e mulheres, e as ricas roupas de veludo e cetim. A única veste que poderá aparecer é a cinta espanhola, ou não sei de que raça, que dispensa agora os coletes e dá mais graça ao corpo. Esta moda quer-me parecer que pega; por ora não há muitos que a tragam. Quatrocentas pessoas? Quinhentas? Mas tôda religião começa por um pequeno número de fiéis. O primeiro homem que vestiu um simples colar de missangas não viu logo todos os homens com o mesmo traje; mas pouco a pouco a moda foi pegando, até que vieram atrás das missangas, conchas, pedras verdes e outras. Daí até o capote e as atuais mangas de presunto, em que as senhoras metem os braços, que caminho! O chapéu baixo, fel-

tro ou palha, era há 25 anos uma minoria ínfima. Há uma chapelaria nesta cidade que se inaugurou com chapéus altos em tôda a parte, nas portas, vidraças, balcões, cabides, dentro das caixas, tudo chapéus altos. Anos depois, passeando por ela, não vi mais um só daquela espécie; eram muitos e baixos, de vária matéria e formas variadíssimas.

Não admira que acabemos todos de cinta de sêda. Quem sabe se não é uma reminiscência da tanga do homem primitivo? Quem sabe se não vamos remontar os tempos até o colar de missangas? Talvez a perfeição esteja aí. Montaigne é de parecer que não fazemos mais que repisar as mesmas coisas e andar no mesmo círculo; e o **Eclesiastes** diz claramente que o que é, já foi, e o que foi, é o que há de vir. Com autoridade de tal porte, podemos crer que acabarão algum dia alfaiates e costureiras. Um colar apenas, matéria simples, nada mais; quando muito, nos bailes, um simulacro de **gibus** para pedir com graça uma quadrilha ou uma polca. Oh! a polca das missangas! Há-de haver uma com êsse título, porque a polca é eterna, e quando não houver mais nada, nem sol, nem lua, e tudo tornar às trevas, os últimos dois ecos da catástrofe derradeira usarão ainda, no fundo do infinito, esta polca, oferecida ao Criador: **Derruba, meu Deus, derruba!**

Como se disfarçarão os homens pelo Carnaval quando voltar a idade da missanga? Naturalmente com os trajes de hoje. A **Gazeta de Notícias** escreverá por êsse tempo um artigo em que dirá: "Pelas figuras que têm aparecido nas ruas, terão visto os nossos leitores até onde foi, séculos atrás, já não diremos o mau gôsto, que é evidente, mas a violação da natureza, no modo de vestir dos homens. Quando possuiam as melhores casacas e calças, que são a própria epiderme, tão justa ao corpo, tão sincera, inventaram umas vestiduras perversas e falsas. Tudo é obra do orgulho humano, que pensa aperfeiçoar a natureza, quando infringe as suas leis mais elementares. Vêde o lenço, o homem de outrora achou que êle tinha uma ponta de mais, e fêz um tecido de quatro pontas, sem músculos, sem nervos, sem sangue, absolutamente imprestável, desde que não esteja ao alcance da



pessoa. Há no nosso Museu Nacional um exemplar dessa ridicularia. Hoje, para dar uma idéia viva da diferença das duas civilizações, publicamos um desenho comparativo, dois homens, um moderno, outro dos fins do século XIX; é obra de um jovem pintor, que diz ser descendente de Belmiro; foi descoberto por um dos redatores desta fôlha, o nosso excelente companheiro João, amigo de todos os tempos."

Que não possa eu ler êsse artigo, ver as figuras, compará-las, e repetir os ditos do **Eclesiastes** e de Montaigne, e anunciar aos povos dêsse tempo que a civilização mudará outra vez de camisa! Irei antes, muito antes, para aquela outra Petrópolis, capital da vida eterna. Lá ao menos há fresco, não se morre de insolação, nome que já entrou no nosso obituário, segundo me disseram esta semana. Não se pode imaginar a minha desilusão. Eu cria que, apesar de termos um sol de rachar, não morreríamos nunca de semelhante coisa. Há anos deram-se aqui alguns casos de não sei que moléstia fulminante, que disseram ser isso; mas vão lá provar que sim ou que não. Para se não provar nada, é que o mal fulmina. Assim, nem tudo acaba em cajuada, como eu supunha: também se morre de insolação. Morreu um, morrerão ainda outros. A chuva dêstes dias não fêz mais que açular a canícula.

De resto, a morte escreveu esta semana, em suas tabelas, algumas das melhores datas, levando consigo um Dantas, um José Silva, um Coelho Bastos. Não se conclui que ela tem mais amor aos que sobrenadam, do que aos que se afundam; a sua democracia não distingue. Mas há certo gôsto particular em dizer aos primeiros que nas suas águas tudo se funde e confunde, e que não há serviços à pátria ou à humanidade que impeçam de ir para onde vão os inúteis ou ainda os maus. Vingue-se a vida guardando a memória dos que o merecem, e na proporção de cada um, distintos com distintos, ilustres com ilustres.

Essa há de ser a moda que não acaba. Ou caminhemos para a perfeição deliciosa e eterna, ou não façamos mais que ruminar, perpétuo camelo, o mesmo jantar de tôdas as idades, a moda de morrer é a mesma...

Mas isto é lúgubre, e a primeira das condições do meu ofício é deitar fora as melancolias, mormente em dia de carnaval. Tornemos ao carnaval, e liguemos assim o princípio e o fim da crônica. A razão de o não termos êste ano é justa; seria até melhor que a proibição não fôsse precisa, e viesse do próprio ânimo dos foliões. Mas não se pode pensar em tudo.

O Zé-Pereira

VIEIRA FAZENDA
1847-1917

Vieira Fazenda nasceu em 1847, *Rio de Janeiro, e faleceu em* 1917, *na mesma cidade. Êste trecho é das "Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro".*

Numa página essencialmente histórica, escrita em 1904, *Vieira Fazenda explica as origens do Zé-Pereira, que durante muitos anos simbolizou o grito de guerra do carnaval, mas que a polícia acabou por proibir, em virtude do excesso a que chegou.*

QUE, em boa hora, se está fazendo no louvável e humanitário intuito de debelar o bárbaro jôgo do entrudo que, de há anos, vai pondo as manguinhas de fora — é a reprodução de providências tomadas pelos antigos legisladores. Além das nossas posturas municipais, aí estão para prova os alvarás e avisos de 31 de janeiro e 13 de fevereiro de 1604, 17 de maio de 1612, 25 de dezembro de 1608, 24 de fevereiro e 22 de outubro de 1686, 20 de setembro de 1691, 6 e 20 de fevereiro de 1734, e o edital de polícia de 25 de fevereiro de 1808.

Apesar de todos os rigores, no Brasil imperam sempre êsses perigosos folguedos. Em 1727 os foliões entenderam na Bahia transformar até a quinta-feira santa em pleno domingo gordo. Pensou o vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses — que as mortes, insolências e desassossêgos eram devidos aos taverneiros, e ordenou por um bando público ao som de caixas de guerra, que até o dia de Páscoa fechassem os pobres diabos seus estabelecimentos. Os infratores seriam presos por seis meses e pagariam duzentos mil réis para as obras da Ribeira!

Em tempos mais próximos, o entrudo tocou o seu auge por vir o exemplo de cima: o primeiro imperador, dizem, era louco por essa brincadeira. O segundo seguiu-lhe as pegadas, e conforme conta o dr. Rafard em seu

trabalho **Pessoas e Coisas do Brasil**, o Paço de São Cristóvão tornava-se teatro de lutas, em que tomavam parte o jovem soberano, seus camaristas e suas augustas irmãs. Já velho, quando em Petrópolis era alvejado pelos mimosos limões de cheiro atirados por donas e donzelas. Chegava a palácio molhado como um pinto!

O entrudo predominou entre nós durante quase três séculos, e depois de longo interregno tende a reaparecer realizando o dito de notável escritor — "próprio é da natureza humana não deixar as práticas seguidas durante muitos anos, senão com grande custo, e, quando as rejeita num momento de cólera ou de desprêzo, pouco a pouco volta a êsses usos, modos e hábitos, ou quando muito os modifica e transforma, mas só na aparência". Explica isto perfeitamente o uso e abuso da bisnaga **et reliquia**.

Entretanto, o Rio de Janeiro conhecia e apreciava as vestimentas a caráter: dos anjinhos das procissões, do centurião e soldados romanos de sexta-feira santa, dos foliões da "Serração da velha", dos negros africanos nas festanças do Rosário, nas danças do rei Baltazar, na Lampadosa, do imperador, comitiva e pastores por ocasião do Espírito Santo, e cantatas do Natal e dos Reis. Mascarados, fantasias e até alegorias apareceram nas festas das 11 mil virgens, passeatas organizadas pelos estudantes do Colégio dos Jesuitas, na aclamação de dom João IV, na inauguração do Passeio Público, na celebração da vitória sôbre Duclerc, nas festividades do casamento do príncipe D. João com D. Carlota Joaquina, nas do consórcio de seu filho D. Pedro e sobretudo na aclamação de D. João VI.

Êsses disfarces, porém, creio, só eram permitidos em certas e determinadas condições e nunca nos três dias, antecedentes à Quaresma.

Em um bando publicado por Francisco de Castro Morais sôbre o programa das festas para comemorar a vitória de 19 de setembro de 1710, proibia-se terminantemente que nenhuma pessoa pudesse andar mascarada de dia ou de noite. Excetuava as que fôssem ocupadas nas danças ou com instrumentos necessários para elas.

Os governantes tinham horror aos encaretados e disfarçados. No tempo de Vaía Monteiro fêz-se grande questão dos capotes com capús. Êste traje era vedado aos escravos e só permitido aos brancos e a mulatos livres, de certa posição. Houve até um bispo, que quis proibir às mulheres de mantilha a saída depois da **Ave Maria**, porque alguns gaiatos se aproveitavam dessa capa para, disfarçados, cometerem tropelias e escândalos.

As **Ordenações**, nos livros 1.º e 5.º, cominavam graves penas contra os que se mascarassem: multas pesadas, açoites, destêrro, etc., eram aplicados contra os infratores. Em 1685, o governador do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, publicou o segundo bando que dá bem idéia dos rigores do tempo. Dizia êle:

> "Tôda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que se encontrar **emascarado**, incorrerá na pena de ir servir à Sua Majestade, que deus guarde, na Nova Colônia do Sacramento, do Rio da Prata, e sendo negro ou mulato será açoitado pùblicamente, e todo o oficial de guerra que encontrar os tais **emascarados** os prenderá logo, sob pena de um mês de prisão para uma das fortalezas, etc." (Doc. do Arquivo Público).

Êstes rigores, comunicados de pais a filhos, explicam satisfatòriamente o fato da preferência, que os nossos antepassados davam sempre ao entrudo, mais ou menos tolerado pelas autoridades, desde que não fôssem causa de desordens, desacatos e crimes. Isto esclarece a relutância em ser aceito o carnaval, que por fim venceu, depois de aturada propaganda. Se os primeiros bailes carnavalescos se realizaram em 1846, nem por isso cessou de todo o entrudo. Com o aparecimento (1854) das duas primeiras sociedades — Sumidades Carnavalescas — e — Veneziana — obtiveram-se os primeiros triunfos, completados depois pelos imponentes e grandiosos préstitos, que tornaram, durante certo período, afamado o carnaval do Rio de Janeiro.

O que em relação às classes elevadas fizeram os propagandistas contra o entrudo, realizou-o quanto à **arraia miúda** modesto artista sapateiro, pacato burguês, introduzindo o chamado Zé-Pereira, verdadeiro derivativo, que hoje goza entre nós do privilégio de senhor do **baraço e cutelo**.

Carão amorenado e simpático, olhos brejeiros, bigode curto e grisalho, cabelo todo branco e à escovinha, barba escanhoada, altura regular, ombros e cadeiras largas, peito cabeludo, musculatura de atleta, sempre em mangas de camisa, calça de brim pardo apertada ao amplo abdômen por estreita correia, negação ao suspensório, chinelos de liga, vendendo saúde, sadio e robusto sem nunca ter tomado um remédio — eis em rápidos traços o retrato do patriarca do nosso Zé-Pereira, o conhecido e inolvidável José Nogueira de Azevedo Paredes.

Miguelista intransigente, andou nas bernardas da Maria da Fonte e da Patuléia; era contudo amigo do **filho do Pedro** (o imperador) e de todos os brasileiros. Acidentes da vida que não vêm ao caso fizeram Nogueira procurar o Rio de Janeiro, onde, à rua de São José n.º 22, abriu modesta oficina de sapateiro. Essa casa, hoje completamente reformada, era constituída por baixo e feio sobradinho de grades de pau, onde também por muito tempo habitou a conhecida parteira Luiza, velha, desdentada, feia, rosto de pergaminho engelhado — uma carcassa.

Foi ali que, em uma segunda-feira de Carnaval, Nogueira, em amistosa palestra com alguns patrícios, recordando-se das **romarias, das esturdias e estrondos do ubi natal**, resolveu de súbito com êles sair à rua e ao som de zabumbas e tambores, alugados às pressas, dar uma passeata pelas ruas da cidade. Sucesso inaudito: quando ao amanhecer já meio **na chuva** regressou aos lares êsse triunvirato de foliões podia exclamar como César — **veni, vidi, vinci!**

No ano seguinte, apareceram os imitadores, mas nenhum dêles levou de vencida o primacial Zé-Pereira do Paredes, que se distinguia ao longe pela certeza das pancadas no bombo e pelo ritmo dos tambores. Êsse segrê-

do levou-o êle para o túmulo, nunca sendo excedido nem jamais imitado.

Quanto à origem do nome, dizem uns que, em certas localidades de Portugal é o bombo conhecido por Zé-Pereira; querem outros, e isto é mais provável: na primeira noitada de bom sucesso os companheiros do Paredes, na fôrça do entusiasmo e influenciados pela vinhaça, trocavam o nome do chefe e davam vivas ao Zé Pereira em vez de Zé Nogueira.

Êle e os sócios compravam bombo e tambores, que depois do Carnaval eram com cuidado guardados em capas de cetim no fundo da loja. Todos os domingos, como o D. Martinho do D. Jaime, Nogueira revistava os instrumentos para ver se os ratos e baratas tinham danificado **os seus queridos amigos.**

Passando-se da rua de São José para a do Cotovelo n.º 38, continuaram sucessivamente os triunfos e sucessos do barulhento Zé-Pereira; foi êste até adotado pelas sociedades carnavalescas e teve entrada nos salões dos Tenentes, Fenianos, Democráticos, etc.

Sagrado pelos simpáticos populares, foi Paredes proclamado o **primus inter pares** e venerado por amigos, discípulos e entusiastas como o pontífice da pândega e do sarilho. Não se ensoberbeceu com isso e atribuía o mérito à natureza que lhe dera embocadura.

Em certo dia, soube que a companhia do Heller ia representar o **Zé-Pereira Carnavalesco,** paródia dos **Pompiers de Nanterre.** Às 7 horas da noite, encartolado e de sobrecasaca estava **rênte que nem pão quente,** às portas do teatro. Durante a representação vieram-lhe de contentamento as lágrimas aos olhos. Tinha em vida as honras do Capitólio, nada faltava à sua glória. Teve impetos de subir ao palco e ensinar ao Vasques a manobrar a maceta. Contido por conhecidos, não o fêz; seria um escândalo.

Custou a conciliar o sono — mas afinal dormiu. De madrugada acordou sobressaltado; ouviram gritos. Era o Nogueira que em sonho e na fôrça do entusiasmo fizera de zabumba a barriga da fiel companheira que, tranqüila, dormia.

Homem de bem às direitas, nunca faltou aos seus deveres, e os folguedos carnavalescos jamais o tiraram da linha reta da probidade e da honra.

Desgostos teve-os em grande quantidade; mas sua alma varonil nunca se quebrantou — pesares, dizia, não adubam sopas.

Jovial e pilhérico, contava com chistes anedotas de sua mocidade, do tempo de Junot, de D. João VI e das lutas de D. Pedro e D. Miguel.

Trabalhou sempre até que, vítima de um insulto apoplético, faleceu em vésperas de um Carnaval, em que ainda queria mostrar quanto valia.

Como eu me diverti

ARTUR AZEVEDO
(1855-1908)

Artur Azevedo nasceu em 1855, *no Estado de Maranhão, e faleceu em* 1908, *no Rio de Janeiro.*

Uma pitoresca e bem humorada cena é esta que nos apresenta Artur Azevedo, mostrando-nos um carnavalesco que, apesar de tôdas as desventuras, na quarta-feira de cinzas apenas sabe dizer: "Como eu me diverti!"

PERSONAGENS

JORGE, empregado no comércio.
O COMENDADOR ANDRADE, negociante, sócio da firma Andrade, Gomes & Companhia.
UM MÉDICO.
DONA MARIA, excelente senhora de meia idade, estabelecida com casa de alugar cômodos a moços solteiros.

(A ação passa-se no Rio de Janeiro, em quarta-feira de cinzas. Atualidade.)

ATO ÚNICO

(A cena representa a sala e a alcôva que Jorge ocupa em casa de dona Maria. Atirado sôbre um velho canapé, um hábito de frade encardido de suor e sujo de lama. No chão, um par de luvas, igualmente sujas, e um nariz de papelão quase a desfazer-se, prêso a uns grandes bigodes e a um par de óculos.)

CENA I

DONA MARIA, O MÉDICO

O MÉDICO — Que tem êle?

DONA MARIA — Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom coração, mas tem muito má cabeça: é doido pelo Carnaval.

O MÉDICO — Gabo-lhe o gôsto.

DONA MARIA — Ontem vestiu-se de frade, pôs aquêle nariz postiço, e andou, num carro todo enfeitado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravot, acompanhando um préstito. Só o vestuário da pelintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O MÉDICO — Quem lhe disse?

DONA MARIA — Os meus hóspedes não têm segredos para mim.

O MÉDICO — Adiante.

DONA MARIA — Para se não constipar, o pobre moço levou consigo, por baixo do hábito, uma garrafa de conhaque, e, de vez em quando, atiçava-lhe que era um gôsto! Quando o préstito passou pela primeira vez na rua do Ouvidor (eu estava lá...) já ia o frade que não se podia lamber! Depois, na rua da Constituição: — isto sei eu por um amigo dêle, que tudo viu — outro moço, também fantasiado — bifou-lhe a pelintra, e isso deu lugar...

O MÉDICO — ... a um rôlo! Pudera!...

DONA MARIA — Racharam-lhe a cabeça!

O MÉDICO — Naturalmente.

DONA MARIA — E o demônio do rapaz andou tôda a noite de cabeça rachada, à procura da tal mulher, dos Fenianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democráticos, bebendo sempre, até cair na rua do Fogo, às três horas da madrugada!...

O MÉDICO — Com efeito!

DONA MARIA — A polícia levou-o para a estação da travessa do Rosário, e pela manhã uns amigos, que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O MÉDICO — Onde está êle?

DONA MARIA — Naquela alcôva. Há cinco horas que ali está deitado, sem dar acôrdo de si. Por isso mandei chamá-lo, doutor.

O MÉDICO — Fêz bem. Vamos vê-lo.

(Entram na alcôva)

CENA II

JORGE, O MÉDICO E DONA MARIA

(Na alcôva, Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços caídos. O médico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a dona Maria.)

O MÉDICO (**tomando o pulso ao doente**) — Não tem febre. (**Depois de examinar-lhe a cabeça**) — O ferimento nada vale... Já lhe puseram uns pontos falsos; é quanto basta... O seu hóspede tem apenas o que os estudantes chamam uma "ressaca"; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quiser tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja, dois dedos de vinho do Pôrto, misturado com água de Vichi, um pouco de marmelada, e disse. Se amanhã continuar incomodado, que tome um laxante.

CENA III

O MÉDICO E DONA MARIA

(**Na sala**)

O MÉDICO (**tomando o chapéu**) — A senhora não imagina como estimei ter sido chamado para ver êste senhor Jorge! Foi uma providência!

DONA MARIA — Por que, doutor?

O MÉDICO — Conheço-o, mas não sabia que se tratava dêle. E' o namorado, o quase noivo de minha afilhada, filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta dêle e o pai já estava meio inclinado a consentir no casamento: tinham-lhe dado boas informações sôbre êste pândego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito dócil e me ouve com acatamento.

DONA MARIA — Valha-me Deus! e sou eu a culpada de tudo isto!

O MÉDICO — Culpada por que?

DONA MARIA — Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz!...

O MÉDICO — A senhora deve estar, pelo contrário, satisfeita por ter indiretamente contribuído para êste resultado. **(Voltando-se para a alcôva.)** Que grande patife! namorar uma menina pura como uma flor e andar de carro, pùblicamente, embriagado, em companhia de uma prostituta!

DONA MARIA — No carnaval tudo se desculpa.

O MÉDICO — Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pai daquele anjo! **(Vai saindo.)**

DONA MARIA **(tomando-o pelo braço)** — Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... não diga nada à família da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer?... Vejo que êste hóspede tem segredos para mim... **(O doutor tenta safar-se.)** Ouça, doutor... êle tem um bom emprêgo... é muito estimado pelos patrões...

O MÉDICO — E a minha afilhada tem um dote de cento e cinqüenta contos!

DONA MARIA **(aterrada, largando o braço do médico)** — Cento e cinqüenta contos!

O MÉDICO **(saindo)** — Fora o que lhe há de caber por morte do pai! **(Chegando à porta, pára, volta-se e diz)**: Canja... vinho do Pôrto... água de Vichi... marmelada... e disse!

(Sai)

CENA IV

DONA MARIA, depois ANDRADE

(Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na atitude de Fedra, quando diz:

Juste ciel! qu'ai je fait aujourd'hui?

E' despertada bruscamente pelo comendador Andrade, que entra com grande espalhafato.)

O COMENDADOR **(gritando)** — Onde está o senhor Jorge?

DONA MARIA **(consigo)** — Um homem zangado! E' êle, é o pai da menina!...

O COMENDADOR — Senhora, pergunto-lhe pelo senhor Jorge!

DONA MARIA — Está doente.. naquela alcôva... dorme...

O COMENDADOR — Já me contaram as façanhas que êle praticou esta noite! **(Apanhando o nariz postiço)** — Cá está uma prova! **(Atira-o longe.)**

DONA MARIA — Desculpe-lhe essa rapaziada e não lhe negue a mão da menina.

O COMENDADOR — A mão da menina! Que menina?

DONA MARIA — Sua filha.

O COMENDADOR — Minha filha? Qual delas? Pois êste mariola ainda em cima se atreve a erguer os olhos para uma das filhas do seu patrão!

DONA MARIA — Do seu patrão? Ah! então não é o senhor Raposo?

O COMENDADOR — Que Raposo, nem meio Raposo! Eu sou o comendador Andrade, sócio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia. O senhor Jorge está dormindo, disse a senhora...

DONA MARIA — Sim, senhor.

O COMENDADOR — Pois bem; quando acordar, diga-lhe que eu aqui estive e o ponho no ôlho da rua. Que apareça para fazermos contas.

DONA MARIA — Atenda, senhor comendador.

O COMENDADOR — A nada atendo! A casa Andrade, Gomes & Companhia não pode ter empregados que se embriagam e passam a noite no xadrez! Era o que faltava.

(Sai arrebatadamente)

CENA V

JORGE e DONA MARIA

(Na alcôva)

JORGE **(abre um ôlho, depois o outro, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro e exclama, com voz rouca e sumida)** — Como eu me diverti!

(Cai o pano)

O Carnaval

JOÃO RIBEIRO
(1860-1934)

João Ribeiro nasceu em 1860, *em Lagarto, Estado de Sergipe, e faleceu em* 1934, *no Rio de Janeiro.*

João Ribeiro, com a elegância e simplicidade que tão bem o definiam, mostra que o "impressionismo" teve a sua origem no deslumbramento que Manet sentiu, ao presenciar, aos dezenove anos de idade, um carnaval no Rio de Janeiro.

NÃO tenho opinião alguma acêrca do Carnaval que passa por ser uma das festas características do Rio de Janeiro.

Sei que é uma tradição clássica da longínqua estirpe das bacanais romanas ou do delírio dionisíaco dos helenos, na época jovial das colheitas.

Para mim, a importância do Carnaval deve ser estudada por uma comissão, que é o enderêço de tôdas as coisas importunas e adiáveis.

Até que a comissão dê o seu ajuizado parecer, podemos falar sem arriscados compromissos.

Verifico neste momento estar um escritor francês a traçar a biografia e o romance de um grande pintor do século que findou, Eduardo Manet, o chefe e o esteta do impressionismo.

E o biógrafo nos faz uma revelação lisonjeira e surpreendente, e é que o "impressionismo" deriva do Carnaval do Rio de Janeiro.

Por aqui andou, e era muito jovem o célebre artista. Não teria mais que dezesseis anos de idade e viu o Carnaval carioca que o deslumbrou como numa estrada de Damasco.

Fulminado pelo espetáculo da vida luxuriante e licenciosa das negras, das mulatas e até mesmo de algumas senhoras brancas, pôde êle achar nessa congérie de sensualismos incontidos as notas cruas e vibrantes do seu "impressionismo".

Descobriu ritmos ignorados, luz e côres que o espectro lhe negava nos climas friorentos do norte europeu.

Renovou, portanto, tôdas as suas noções do ambiente e tôdas as vibrações do mais pitoresco exotismo (e os românticos punham acima de tudo o "exotismo") e criou a sua grande escola de pintura que revolucionou a arte do seu tempo.

Ora, o escritor francês Albert Flament está publicando a biografia e romance do grande artista, a maneira dêsse gênero de literatura que já produziu uma obra-prima em **La vie de Shelley**, de Maurois.

E' êle quem nos capítulos de **Revue de Paris**, segundo a interessante nota de T. L., que leio no **Estado de São Paulo**, nos surpreende agradàvelmente com essa inesperada eficiência do Carnaval.

Tem, pois, a comissão a que acima aludi, de lançar a crédito dos nosso blocos e préstitos o benefício de uma arte que é ainda nova e talvez eterna.

Falta a êsse ambiente o entrudo diluvial que desapareceu com as seringas e os limões de cêra, mal substituídos pelas bisnagas de éter.

LOJ

Carnaval de outrora

COELHO NETO
(1864-1934)

Coelho Neto nasceu em 1864, *em Caxias, no Estado do Maranhão, e faleceu no Rio de Janeiro, em* 1934.

Consultando seu livro de lembranças, Coelho Neto dá a lume uma das suas páginas — a que recorda o carnaval do seu tempo, tão cheio de encanto e de liberdade.

MOVIMENTO tumultuoso e álacre em que se agita a cidade desperta, com o seu rumor, uma das mais gratas saudades que jazem adormecidas no fundo do meu coração. E elas são tantas como livros em uma biblioteca!

Cada ano que passa deixa de si um novo tomo de lembranças que se junta aos antigos, alguns recomidos, tão rendilhados nas páginas, que a leitura se torna difícil, quase impossível pelas múltiplas lacunas abertas pelo esquecimento, que faz em tais livros o trabalho de destruição que fazem nos outros, de papel e couro, as traças roedoras. Êsse, porém, que agora abro ante os olhos, está intato, porque todos os anos o retiro da estante da memória e folheio-o lentamente como o faço, neste momento, para distrair-me.

O assunto do texto é o mesmo que agita lá fora o povo — o Carnaval.

Não sei se a nova edição em curso vale a antiga que compulso; já agora fico-me com ela e, como não estou em idade de reformar aprendizados, nem tampouco de acompanhar préstitos e ranchos e meter-me em pagodeiras de bailes carnavalescos, contento-me em rever o passado gozando, ainda que apenas espiritualmente, o Carnaval de outrora, do bom tempo em que a vida da cidade nos três dias de Momo concentrava-se na rua do Ouvidor.

Dantes, o Carnaval não se anunciava de tão longe, como agora. Os primeiros atrôos de bombo começavam

em fins de janeiro nas sociedades, e sòmente aos sábados. Eram elas: "Euterpe Comercial", ou "Tenentes do Diabo", cuja "Caverna" ficava na rua dos Andradas, quase em frente ao largo da Sé; os "Democráticos", com o seu "Castelo" na mesma rua, com um renque de janelas para a rua da Alfândega; os "Fenianos", com o "Poleiro" na rua do Teatro, no antigo edifício do São Luís, e outras menores, como os "Estudantes de Heibelberg", na rua Direita, e os "Boêmios", na rua do Espírito Santo.

Os ranchos formavam-se em casas particulares ou, o que era mais comum, por agregações na rua. Saía o zé-pereira, bombo, caixas de rufo, composto na maioria de gente de estalagens, carroceiros, carregadores mascarados a vermelhão e alvaiade, em mangas de camisa ou andrajosos, com um estandarte de morim sarapintado, e lá iam marretando furiosamente as soalhas, aos berros:

Viva o Zé-Pereira
Que a ninguém faz mal.
Viva a bebedeira
No dia de Carnaval.

A tais núcleos bombásticos ajuntavam-se máscaras e molecada, e, dentre em pouco, o zé-pereira retumbava no meio dum povaréu e estava formado o grupo, que prosseguia ruas fora, com os diabos aos pinotes, velhos, ameaçando-os com os rabos em flagelo, invadindo cortiços e pondo tudo em polvorosa, guindando-se às janelas, a rugirem; os velhos de cabeça grande, calções, casaca de veludinho, báculo e luneta, trambecando em danças de remeleixo, havendo celebridades no gênero, famosas no peneirado, no miudinho e no cortajaca; farricôcos com uma caveira por máscara, simbolizando a morte, lúgubres, tangendo sinistramente a campainha macabra; "burros-doutores", de casaca, sobraçando livros; Pai João e Mãe Maria, um de vassoura, varrendo as ruas; outra de espanador, sacudindo as costas de quem via a jeito de pilhéria.

E chicrads, de cetim, cabeleira branca ou loura, em bucres, gorros de plumas ou capacetes encimados de lanternas que, à noite, acendiam, ou de aves, bonecos,

garçotas ou cataventos. Dominós, alguns com ás de copas no sítio próprio. Criançoes de camisola e mamadeira; chins de rabicho e tampa de peixe; índios de cocar e enduape, manejando tangapenas ou atezando arcos, com instrumentos que uivavam, e bichos sêcos aos ombros sôbre peles de onça; marujos, princesas, "minas" e "baianas", de pano da costa e trunfa, muito rebolidas, muito esbagaxadas, a tinirem avelórios e balangandãs, braços nus, carregados de armilas, argolas nos tornozelos e chinelinhas de bico crepitando faceiramente; galegos de chapéu braguês, zangarreando guitarras e violas ou aos espernegos bufando em gaitas de foles; saois da saia em folhos, lenços de côres vivas à cabeça ou cruzando ao colo; tamancas arrebicadas, cantando modas campestres; frades bojudos abençoando a torto e a direito... Urbanos e permanentes seguiam a rancharia a distância para garantir a ordem . porque, não raro, principalmente entre os diabos e os velhos de cabeça grande, iam capoeiras de fama, nagos e guaiamus, e, de repente, fechava-se o tempo, luziam navalhas e o bando "espalhava-se" e eram rasteiras, rabos de raia, cabeçadas e golpes que estripavam os ágeis parciais das duas maltas, terror da cidade e desmancha-prazeres em tôdas as festas...

Ninguém sabe quando agora começa o Carnaval. Antigamente, dizia-se do Brasil que era o país da eterna primavera. Melhor será dizer — do eterno Carnaval, porque, na quarta-feira de cinzas, já se projetam bailes e ranchos para o sábado d'Aleluia, e daí por diante é Carnaval que Deus manda.

Antigamente, não. Um mês antes do grande tríduo as lojas inauguravam as suas exposições de tecidos carnavalescos com as respectivas louçainhas-franjas, borlas, cadilhos, estrêlas, vidrilhos, camândulas, lentejoulas, guizos, anéis, pulseiras, brincos, colares; e óculos, lunetas, bigodes e cabeleiras, calvas e rabichos, narizes, belfas rubicundas, barbas; máscaras, desde a "loba" de sêda ou de veludo até a caveira; desde a carranca dos diabos até a cabeçorra de velho; desde a fisionomia oblíqua do chim até o rosto tatuado do índio; e caras choramingonas, cabeças de animais, doairos estravagantes, desde o do vegete até o glabro fradalhão refegado.

E trapejando ao vento em cordas e cabides ou vestindo manequins, expunham-se as fantasias, da mais rica, de príncipe, à mais fresca e barata, o simples camisolão do dominó ás de copas; do pierrô à pele de ganga rubra do diabo; do morcêgo ao doge, da dançarina à fada.

E eram ainda nos funileiros os porta-vozes roncantes pintados com as côres dos três grandes clubes, os sistros de lata, capacetes e tridentes, báculos e cetros, coroas e diademas e ainda esguichos de entrudo, enormes seringas, ou bombas, que jorravam água às sacadas dos sobrados.

Apareciam as cestinhas de limões de cheiro, de cêra e de borracha e as caixas de bisnagas de estanho. Mais tarde a moda parisiense mandou-nos os enfezantes "cri-cris" de vários feitios e tamanhos, mais ou menos crepitantes.

Uma semana antes do Carnaval começava a cidade a arretar-se. Nas ruas centrais, principalmente nas do Ouvidor e vizinhas, a azáfama subia de ponto, trabalhando-se dia e noite em construção de coretos, limpeza dos arcos de gás, instalação de mastros empavezados com escudos e florões.

As sedes das grandes sociedades ornamentavam-se de painéis com alegorias e caricaturas alusivas aos acontecimentos principais do ano ou de troça acintosa aos clubes rivais.

Os hotéis enchiam-se de forasteiros e os jornais apareciam alastrados de **pufs** em prosa e verso, muitos dêles de penas que se tornaram gloriosas nas letras, como as de Fantasio, Rui Vaz, etc.

No sábado, à noite, saíam os primeiros zé-pereiras, apareciam musicatas, tunas, às vêzes congadas com instrumentos da África e cantorias guinchadas e repicadas e maracás estrídulos.

O domingo amanhecia rubro, porque logo às primeiras horas, antes do padeiro, surgiam diabos, desde capetas de cinco a seis anos, que não se atreviam a aventuras longe de casa, até os grandes diabos, latagões que faziam mêdo, não tanto pelo aspecto truculento, como pelo que escondiam em lugar seguro para que a polícia, que às vêzes os revistava, não os privasse da companhei-

ra inseparável, que era a navalha, ou "sardinha", como lhe chamavam. E, pelo dia adiante, o Carnaval folgava.

Em certos bairros ainda se jogava o entrudo, não simplesmente a tiroteio de limões de cheiro, mas a jarros, baldes e canecas dágua. Eram correrias aos gritos e às gargalhadas — um que ficava que nem pinto, a escorrer; outro adiante enfarinhado ou broslado a gema de ovo. Por vêzes havia zangas, palavrões, ameaças e os famosos "petrópolis" entravam em cena.

E os arrabaldes esvaziavam-se: os bondes desciam transbordantes; e eram carros, velhas traquitanas, caleças, vitórias, tílburis, até carroções. Enchiam-se as ruas.

As sacadas da rua do Ouvidor floriam-se com o que havia de elegante; as mesas dos hotéis e das confeitarias eram disputadas; as portas das lojas ficavam em pinhas. E era o Carnaval alegre da intriga — máscaras indiscretas que punham na rua, às escâncaras, os podres dêste ou daquele, atracações gaiatas; volta e meia um rôlo, apitos, corre-corre. E, se aparecia uma cartola, caíam-lhe todos em cima, reduzindo-a a sanfona. E as músicas nos coretos executando, com brio, as **polkas**, as **shottischs**, as valsas, os maxixes mais em voga. Uma "estudiantina", lânguida com bandurras, guitarras e violões; côros de baianas, grupos de baianas, grupos de cucumbis, companhias de marujos levando aos ombros uma caravela e cantando barcarolas; farranchos de aldeões vozeirando e bailando a cana verde, ou um desfrutável que tomava a palavra no meio do povo e despejava um bestialógico.

De repente a massa ondulava — ouvia-se atroante vozeiro, era um monômio de estudantes, um apoiando as mãos aos ombros de outro, formando uma bicha que, aos coleios, rompia a multidão.

E... quanto namôro de janela a janela, ou da rua para as sacadas.

À noite acendiam-se os arcos de gás, os copinhos de côres, os balões venezianos e a cidade, recendendo a essências baratas e a suor, deslumbrava.

Eram, então, os bailes nos teatros e nas sociedades, com ceias lautas, discursos, champanha a rôdo, idílios e muita cabeça quebrada.

A segunda-feira era dia morto, só para a mascarada miúda e alguns bailes familiares.

Terça-feira era o grande dia.

Desde cedo, para garantir um lugar em alguma das ruas ou praças do itinerário das sociedades, começava a afluência ao centro da cidade. Muitos traziam matalotagem e arranchavam-se onde melhor ficassem e aí passavam o dia. As crianças de peito mamavam enquanto as mães divertiam-se com os máscaras avulsos ou trincavam febras de assado bebendo pelas garras. À tarde o movimento recrescia. Era quase impossível varar-se a rua do Ouvidor, e com que ansiedade tôda aquela gente oprimida, pisada nos calos, acotovelada, beliscada, esperava o clangor dos clarins, anunciando a entrada da primeira sociedade.

De repente um som longínquo agitava a turba. Ah! então é que era apêrto. Lá surgiam os clarins. Os préstitos... Como a imaginação dos carnavalescos atuais vive ainda a expensas do passado, reeditando os que os velhos criaram com tanto esfôrço, muito ouro, muito vermelhão, muita gaze, muita lentejoula. Ver hoje o que desfila na Avenida é recapitular coisas dantanho, apenas retingidas e recenadas para parecerem novas.

Os grandes carros alegóricos representavam grutas miríficas, marchetadas de malaquita, com águas vítreas despenhando-se de penhascos de ouro; carachéis floridos, cavernas e labirintos submarinos, onde brincavam cardumes de nereidas e tritões de escamas fúlgidas; templos de colunas giratórias; pagodes chineses; nuvens de gaze diáfana; estrelada, envolvendo deusas muito conhecidas do mundo de Venus; triremis de ouro guarnecidas por marinheiros experimentados em viagens a Cítera; árvores em cujos galhos oscilavam redouças que balançavam criaturas... temidas mães de família e em carros imponentes, de complicado artifício, as lindas porta-estandartes sustentavam a glória dos clubes, com muito orgulho, ostentando em maiôs as formas pecaminosas, que os clarões dos fogos de bengala punham em realce e sorrindo, acenando de cabeça, correspondiam aos aplausos frenéticos da multidão com beijos que tiravam da bôca nos dedos apinhados, lançando-os a êsmo.

E as guardas de honra, os séquitos equestres de ninfas ou de amores, as cavalgaduras de amazonas, os enxames de borboletas e de libélulas, de casas de escumilha em carrinhos leves, tôda a grei venusta, em ostentosa exibição de formas, dava maior encanto aos carros de fantasia, nada inferiores aos de agora, nem na riqueza dos veículos nem na formosura das passageiras.

Mas entre o deslumbramento de um carro alegórico e um esquadrão de héteres, a gargalhada cascalhava estrondosa à passagem de um "crítica", comentando um acontecimento do ano, com personagens conhecidas, afeiçoadas em estafermos de porte agigantado, e a troça vivaz, por vêzes irreverente, de um sócio espirituoso e garrulo, a cujo aceno o monstro se movia desengonçadamente, um tanto perro, rangendo nas molas, bracejando, espernegando, vomitando cobras e lagartos ou engulindo, com voracidade, propinas e negociatas.

O império, com tôda sua tirania, não se opunha à sátira carnavalesca, que divertia o povo. Fôsse agora alguma sociedade, fiada no regime de liberdade em que vivemos, incluir no seu préstito uma alusão a qualquer dos paredros que nos governam, e havia de ver de que pau se faz uma canôa... policial.

Enfim... no passado brincava-se. Não tínhamos avenidas nem eletricidade, em compensação a vida era fácil, havia alegria e aquilo que faz os povos venturosos e de que tanto se fala, como de ausente, no govêrno republicano: liberdade.

Depois da passagem da última sociedade, discutindo-se a vitória — coisa mais difícil de resolver do que, nos dias que correm, o resultado final de uma eleição, começava a debandada.

Enchiam-se os teatros e os salões das sociedades e o regresso aos lares longínquos tornava-se um problema. Os bondes subiam com gente até na tolda, e o desfile a pé por essas ruas, hoje servidas pela Light e, então, verdadeiros andurriais, era lento e, às vêzes, já sol nado, muitos dos que iam de volta, lembrando-se de que era quarta-feira de cinzas, encaminhavam-se para a primeira igreja e, ainda cheirando a bisnagas, com o ressaibo das libações, para por-se às boas com Deus, entravam-lhe em casa, espargiam-se dágua benta, faziam uma oração

devota, expurgando-se dos pecados carnavalescos, e, para penitenciarem-se, traçavam na fronte uma cruz com cinza de palma benta.

Hoje... dos novos, não creio que haja um só que cumpra o preceito da quarta-feira de cinzas, segundo ordena a igreja, porque a maioria só dá acôrdo de si na quinta-feira, com a bôca saburrosa e sabendo a cabo de guarda-chuva.

Religião... passadismo. O vento do progresso, que sopra tão forte, levou para longe as cinzas do "memento".

E aqui tendes, leitor, o Carnaval de outrora, tal como o revejo no livro íntimo das minhas saudades.

Carnavalescos

OLAVO BILAC
(1865-1918)

Olavo Bilac nasceu em 1865, *no Rio de Janeiro, e faleceu na mesma cidade em* 1918. *Êste trecho pertence ao livro "Ironia e Piedade".*

Nesta crônica, Olavo Bilac, com a sua extraordinária sensibilidade de poeta, traça um nítido perfil do verdadeiro tipo de carnavalesco, aquêle que vive e morre pelo Carnaval.

ÃO uma gente à parte — quase uma raça distinta das outras. Os que amam o Carnaval, como amam tôdas as outras festas, não são dignos do nome de carnavalescos. O carnavalesco é um homem que nasceu para o Carnaval, que vive para o Carnaval, que conta os anos de vida pelos Carnavais que tem atravessado, e que, na hora da morte, só tem uma tristeza: a de sair da vida sem gozar os Carnavais incontáveis que inda se não de suceder no Rio de Janeiro pelos séculos sem fim.

Que se hão de suceder no Rio de Janeiro — escrevi eu. Porque o verdadeiro, o legítimo, o autêntico, o único tipo de carnavalesco real é o carnavalesco do Rio de Janeiro. A espécie é nossa, ùnicamente nossa, essencialmente e exclusivamente carioca: só o Rio de Janeiro, com os seus Carnavais maravilhosos, delirantes e inconfundíveis, possui o verdadeiro carnavalesco.

E não suponham que haja por aí muitos verdadeiros carnavalescos... Quase todos os foliões do Carnaval folgam por acidente, ou por imitação, ou por desfastio, ou por entusiasmo passageiro: folgam dois anos, ou cinco anos, ou dez anos — e cansam, e recolhem-se à vida séria.

Mas o carnavalesco legítimo não tem cansaço nem aposentadoria: envelhece carnavalesco, e morre carnavalesco; morre no seu pôsto, extenuado pelo Carnaval, entisicado pelo Carnaval, devorado pelo Carnaval. O Car-

naval é para êle, ao mesmo tempo, uma paixão absorvente e arruinadora, um vício indomável, uma religião fanática. Para êle, o Carnaval é o único oasis fresco e perfumado, que se antolha no adusto deserto da vida!

Êsse é o verdadeiro carnavalesco. Trabalha todo o ano, pena e sua doze meses a fio, privando-se de tudo, alimentando-se mal, vestindo-se mal, acumulando somìticamente, ansiosamente, alucinadamente, vintém a vintém, os contos de réis que há de gastar no Carnaval. São doze meses de sacrifício, de renúncia, de desprendimento: o carnavalesco pensa no Carnaval. Não era maior do que a sua constância de Jacó, pastor apaixonado, servindo o velho Labão, pai da formosa Raquel.. O carnavalesco, para conquistar o Carnaval, pena tôda a vida.

"Dizendo: mais penara, se não fôra
Para tão grande amor tão curta a vida!..."

Acontece, às vêzes, que o carnavalesco já não é um rapazola, sem família e sem deveres sociais: — é um homem maduro, negociante matriculado tendo próprio casal e nêle assistindo, tendo mulher e filhos, tendo apólices e comenda. Pouco importa! é um carnavalesco... Na vida dêsse homem, de vida regrada e equilibrada, o Carnaval é um hiato, é uma síncope, é a anulação completa da sua consciência de homem e de chefe de família, é a suspensão absoluta de tôda a sua gravidade de negociante e de comendador.

A família conhece e perdoa a sua paixão: e no sábado de Carnaval, ei-lo que se despede dos seus, e parte para o delírio, com os olhos acesos em febre e o coração rufando um zé-pereira precipitado — como os antigos paladinos da Cruz partiam para Jerusalém a defender o Santo Sepulcro, ou como os heróis da ciência partem para o polo a devassar o mistério das neves eternas. Parte — e a família não o vê durante os três dias fatais; e, na quarta-feira de cinzas, o carnavalesco volta ao seu lar e ao seu negócio, moído, pisado, contundido — e muitas vêzes com a cara quebrada — mas sem remorso, sem arrependimento, com o orgulho que dá a consciência da missão bem cumprida...

Evoco a recordação, neste momento, de alguns carnavalescos autênticos, que tenho conhecido — e dois, sôbre todos, avultam na minha memória, claramente relembrados.

Um dêles era um negociante rico, cuja opinião pesava na praça, e cuja firma valia ouro nos bancos. Não tinha vícios: não fumava, não jogava, não bebia, não freqüentava cantinas nem chafaricas suspeitas. Era carnavalesco...

Haviam-no feito presidente de uma sociedade de carnavalescos — e era êle quem pagava a baderna, quem sustentava a glória do pavilhão do clube. E sòmente duas vantagens e regalias exigia, em troca das muitas dúzias de contos de réis que lhe custava cada ano a sua paixão: a honra de carregar o estandarte social e o privilégio de dar as "idéias" para os carros de crítica no grande préstito da terça-feira.

Quando o conheci, já êle tinha vinte anos de carnavalesco e de fornecedor de "idéias". E, como eu o cumprimentasse pela fecundidade da sua imaginação, disse-me, apertando a cabeça entre as mãos: "Realmente, eu não sei como esta cabeça ainda pode ter idéias! Imagine o senhor: vinte Carnavais!..." E parecia-me realmente acabrunhado e sucumbido ao pêso da sua missão; e eu inclinei-me diante dêle, saudando-o, como se tivesse diante de mim um Darwin, um Comte, um Spencer, um dêsses criadores de doutrinas e sistemas, que atravessam a vida semeando idéias pela imensa extensão do campo moral...

Mas era de vê-lo, na terça-feira de Carnaval, no alto do grande carro do estandarte, sôbre uma montanha de papelão dourado, empunhando o pavilhão do clube, entre quatro meretrizes que lhe formavam a guarda de honra — e atravessando a cidade, numa apoteose, ao clamor triunfal das fanfarras, sob a abóbada chamejante dos arcos de gás, ao clarão vermelho dos fogos-de-bengala! A sua face, nédia e escanhoada, de honrado comerciante — resplandecia ali como a de um Deus! Assim devia Baco partir para a conquista das Índias! Assim deviam os triunfadores romanos entrar em Roma, depois da vitória, precedidos pelos senadores, pelos litores e pelos bucinatores, entre os despojos da guerra e as

riquezas do saque! Aquela noite só, pagava ao carnavalesco todos os seus sacrifícios de dinheiro e todos os seus esbanjamentos de "idéias"... Hoje, êsse carnavalesco é morto; morreu sempre rico, sempre respeitado, sempre honrado — e sempre carnavalesco. Quanto à causa da morte, não tenho informações seguras: não sei se foi apoplexia proveniente do orgulho de uma daquelas noites de triunfo, ou se foi anemia cerebral, proveniente de imoderada criação de idéias...

O outro, cuja figura tenho agora presente ao espírito, era um carnavalesco pobre — dos que economizam o dinheiro durante todo o ano para gastá-lo no Carnaval. Era um guarda-livros. Não lhe escrevo o nome — nem a alcunha, mais conhecida ainda do que o nome. Era famoso! Fantasiava-se e mascarava-se no sábado, e só tirava a fantasia e a máscara na qurta-feira, para dar entrada num hospital de Ordem Terceira, onde se refazia durante um mês dos estragos dos quatro dias de loucura. Com a continuidade do exercício carnavalesco, já a sua face adquirira esgares grotescos de máscara e a sua voz descera a tons aflautados de disfarce de dominó.

A tuberculose acabou por lhe tomar conta do corpo, depois de um dos seus desvairados Carnavais. Mas ainda o carnavalesco viveu dois ou três anos, tísico — sem abandonar o Carnaval. E nos Carnavais dêsses dois ou três anos — lembro-me bem! — era um espetáculo macabro encontrá-lo pelas ruas, burlescamente vestido de chita ou de cetim, com os ossos do corpo descarnado, dançando dentro das pantalonas amplas e da blusa larga, tendo por máscara a sua própria cara escaveirada, em que os olhos ardiam com o brilho da febre hética — e dizendo coisas engraçadas entre dois acessos de tosse convulsa. Era um pesadelo!

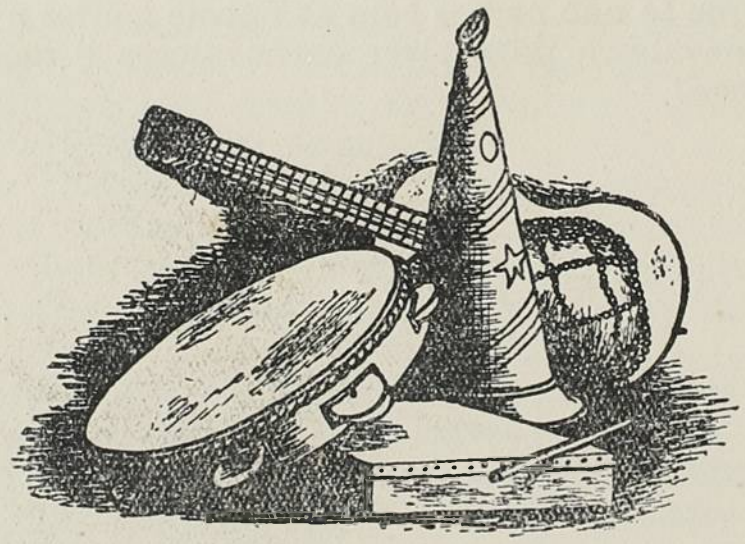
Alguém que o conheceu até à morte contou-me que esta se deu — ironia da sorte ou bondade do destino? — num domingo de Carnaval, à hora em que mais atroadora e bárbara era pelas ruas a alegria carnavalesca...

Não creio que a morte lhe tenha aparecido com a sua trágica e terrível majestade habitual. Suponho que, no seu delírio último, ela lhe apareceu como uma Mor-

te de Carnaval — dessas que encontramos por aí, entre os velhos de cabeça enorme e os diabinhos de cauda vermelha, nos cordões que, inconscientemente, reproduzem as cerimônias cômicas e pavorosas da Idade Média.

Assim deve ela ter aparecido, a Morte, ao carnavalesco moribundo — com uma velha amiga de folia e de pândega. E o carnavalesco arrojou-se aos seus braços com alegria, e foi valsando com ela, cabriolando com ela, cancaneando com ela, até com ela cair no grande abismo negro...

Coisas de carnavalescos! Não lhes dizia eu que os verdadeiros carnavalescos são uma raça à parte, uma gente que se não parece com as outras gentes e que nasce carnavalesca para viver carnavalesca e morrer carnavalesca?



Carnaval

GRAÇA ARANHA
(1868-1931)

Graça Aranha nasceu em 1868, *no Maranhão, e faleceu no Rio de Janeiro em* 1931. *Êste trecho pertence ao livro "A viagem maravilhosa".*

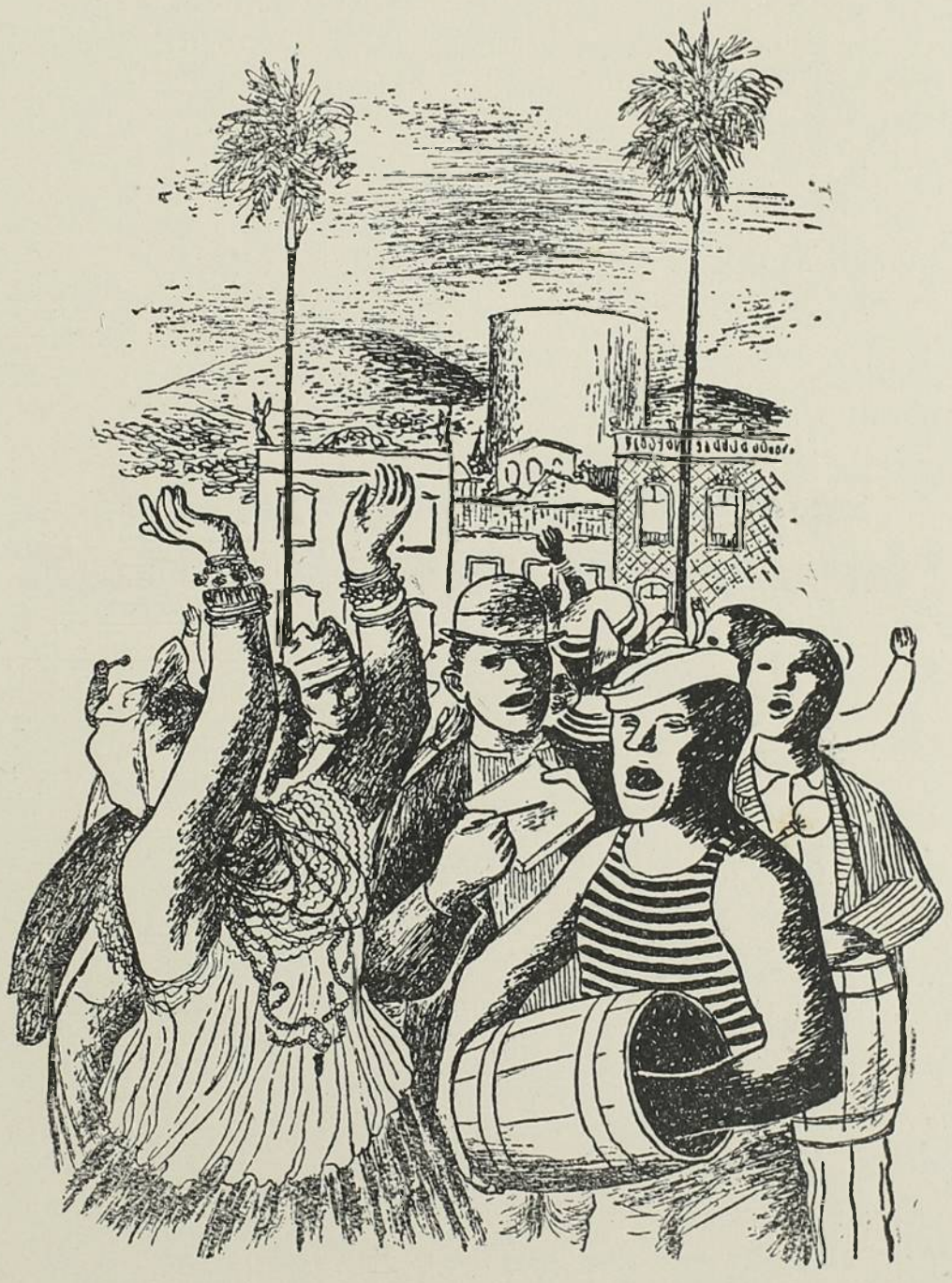
Nessa página de romance, Graça Aranha procura sintetizar tôda a expressão da loucura carnavalesca, num estilo onde tenta a onomatopéia dessa festa de côres, ritmo e sensualidade.

LGUNS dias depois explode o Carnaval. Maravilha do ruído, encantamento do barulho. Zé-pereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteam. Viola chora e espinoteia. Melopéia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, réco-récos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome, inventados sùbitamente no delírio da improvização, do ímpeto musical. Tudo é canto. Os sons sacodem-se, berram, lutam, arrebentam no ar sonoro de ventos, vaias, claxons e aços, estrepitosos. Dentro dos sons movem-se as côres, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía, no mundo dourado. Dentro dos sons e das côres movem-se os cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de tôdas as excitações e de tôdas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, lúbricos, meigos, alucinantes. Tatos, sons, côres, cheiros que se fundem em gostos de gengibre, de mendobim, de castanha, de bananas, de laranjas, de bôcas e de mucosas. Libertação dos sentidos, envolventes das massas frenéticas, que maxixam, gritam, tressandam, deslumbram, saboream, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado. Carnaval. Tudo efemina-se. Glória da mulher. Ela, para ela e por ela. **Inversão universal.** Homens-fêmeas. Mulheres-machos. Retôrno an-

cestral ao culto lunar, ao mistério noturno. Desforra da fêmea. Ressurreição das bacantes, das bruxas, das diabas. Missa negra, tragédia negra, magia negra. Triunfa a negra, triunfa a mulata. Música fanfarra, préstito, maxixe, samba. No noturno da Praça Onze o negro e o castanho dominam os vermelhões das caras, das carnes, das máscaras e das vestimentas alacres, vibrantes. Automóveis e bondes faiscam, iluminam, enfeitam. Tudo aperta-se, roça-se frenèticamente, gostosamente. Os ranchos cantadores rompem a massa colorida, esquentada. Os cheiros doidos alvoroçam-se e embriagam. Para matar a sêde dos cantadores, dos berradores, os refrescos de côco, os gelados de limão e abacaxi. Para a fome, os bolos de negra-mina, pé de moleque, alcaçar, tapioca, manauê. África, Bahia, Brasil. Irrupção de benguelas, cogos, carapinhas, beiçolas, ancas, peitarias. Sôbre os corpos pretos a iluminação do ouro, da prata, das contas e das roupas, de onde as côres saltam em delírio, amarelas, vermelhas, azuis, verdes. Música de coreto. Bateria. Cantoria infinita, confusa, das bôcas pretas, abismais. Melopéia plangente para palavras canalhas. Fura a imobilidade ondulante um grupo de baianas, dançando, cantando, saracoteando a grossa luxúria negra, farejadas, seguidas por gorilas assanhados de beiços compridos, tocando pandeiros, pulando lascivos. As baianas cheiram a cravo, a baunilha e a fêmea. O mondronguinho também fareja, aspira, entontece, empalidece, suspira, exclama:

— Se em Portugal houvesse baianas, eu não saía de lá!

As baianas suspendem as saias rodadas e dançam, nos requebros das ancas, no arranco das umbigadas. A sensualidade é religiosa. O ritmo dos ranchos é sacerdotal. E' o drama sacro, grave e profundo. Na base da magia, o culto. O Carnaval espiritualiza-se. No seu imenso manancial recebe as correntes das crenças, dos cultos, que se transformam em festas. Também aí desaguam os cantos e as melodias de todo o povo do Brasil.



A tragédia do cordão "Estrêla de Dois Diamantes"

LUIZ EDMUNDO
(1878)

Luis Edmundo nasceu em 1878, *no Rio de Janeiro. Êste trecho é do livro "O Rio de Janeiro do meu tempo".*

No carnaval antigo, eram freqüentes as lutas sangrentas provocadas por desordeiros ou capoeiras, explorando antigas rivalidades pessoais ou de grupos. No carnaval de 1902 *travou-se uma dessas lutas, entre cordões inimigos, ocasionando a morte de dois homens. Êsse fato, noticiado pelos jornais da época, serviu de motivo a esta crônica de Luís Edmundo, tocada de um intenso realismo.*

O domingo, primeiro dia das folganças de Momo, o cordão carnavalesco "Filhos da Estrêla de Dois Diamantes" parte do centro da cidade, enchendo um bonde que caminha para Botafogo, batendo pandeiros, raspando réco-récos, dançando, cantando, cheio da mais viva satisfação e de descuido. Quando o veículo da companhia Jardim Botânico vai dobrar a curva da rua Marquês de Abrantes para entrar na Praia de Botafogo, é agredido, de surprêsa, por vários sócios do "Filhos da Primavera", grupo congênere e rival, que aí se plantaram de tocaia. E' uma refrega estúpida e sangrenta. Os homens batem-se como feras. A faca. A tiro. Rolam aos bolos. Sangram-se. Até mulheres entram no conflito, que assume as proporções de uma feroz batalha. Quando serenam os ânimos, a rua é uma caudal de sangue. Há mortos, e o número de feridos e contusos é enorme.

Na luta, os atacantes, os do cordão "Filhos da Primavera", levam enormes vantagens. Quando chega a polícia, chega tarde; já os da "Estrêla de Dois Diamantes" sucumbem ao pêso de uma maioria preparada. E, apenas lavados em sangue, vociferam.

Vale a pena, no entanto, registrar o que sucede, no dia imediato, pelo entêrro das vítimas: Angelino Gonçalves, o "Boi", e Jorge dos Santos, sem alcunha carnavalesca.

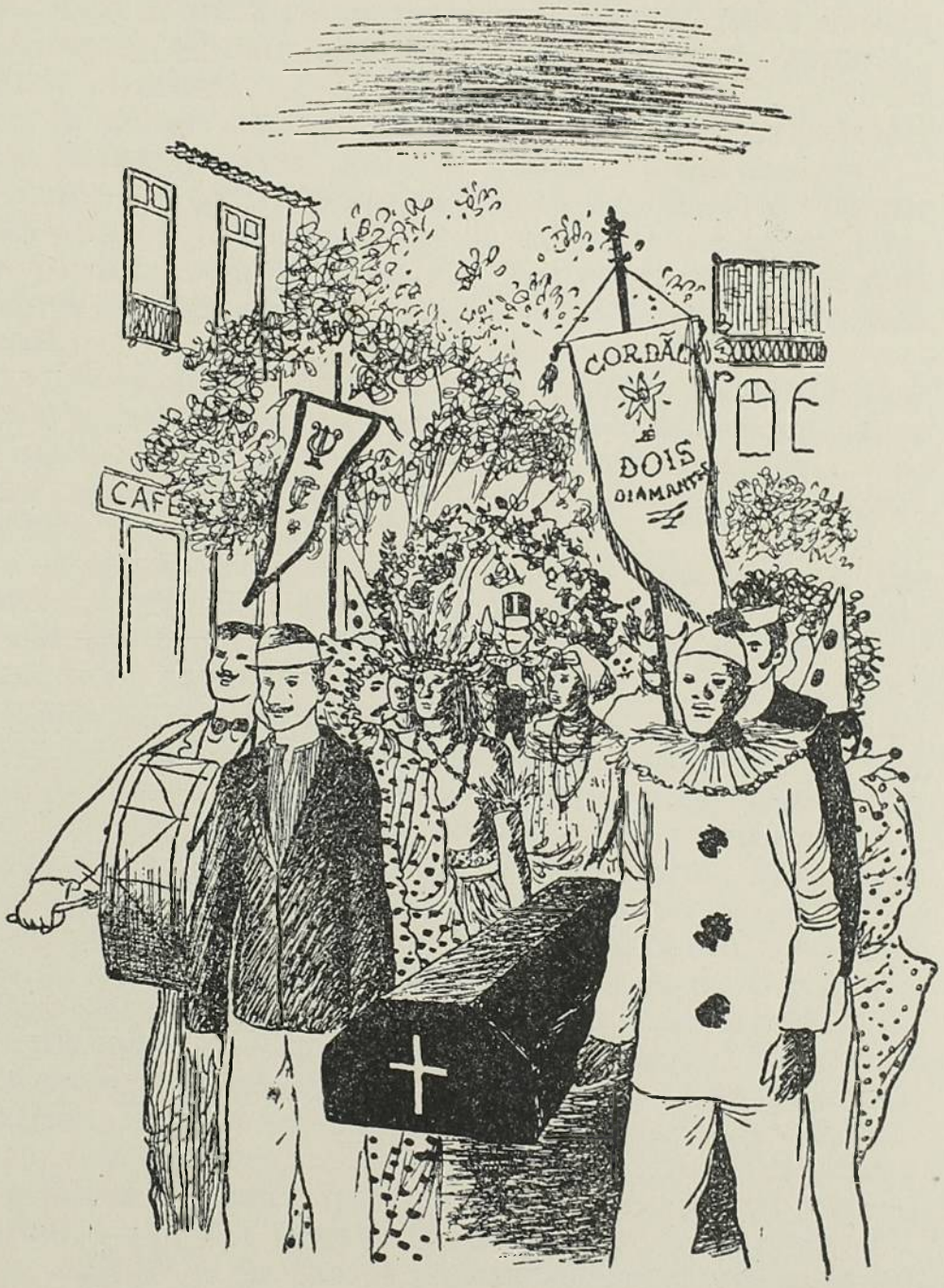
O caso é, realmente, digno de registro.

Saem os corpos do necrotério, que então se instala no edifício da Faculdade de Medicina, sito à Praia de Santa Luzia, junto à Santa Casa.

Os da "Estrêla de Dois Diamantes" deixam a morgue, organizando o préstito mortuário, com o seu estandarte envôlto em crepe, as caixas de rufo teatralmente em funeral, embora os sócios, dentro das fantasias as mais escandalosas e berrantes. Os caixões, negros e pobres, vão à frente. A seguir, numa carreta, flores, palmas, coroas e grinaldas. E' uma homenagem simples, porém tocante. Desce o préstito, que é numeroso, a caminho do Catete. Pelos lugares por onde passa, o povo, reverente, se descobre. As senhoras persignam-se. Rezam. Se a tragédia afligiu tôda a cidade! Às janelas das casas chega tôda uma multidão de curiosos para gozar o quadro singularmente sombrio e melancólico. Vai o bando lúgubre e silencioso roçando as calçadas do Largo da Glória, quando, súbito, surge-lhe pela frente, carregando pendões carnavalescos, caixas de rufos, bombos e tambores, um povaréu enorme, que ondula. São várias agremiações congêneres que, em pêso, querem, também, homenagear os heróicos batalhadores de Momo, no campo da "Honra" e do "Dever" colhidos pela Morte...

Os jornais da época dão o nome dessas associações. São elas: "Filhos do Poder do Ouro", "Destemidos do Catete", "Maçãs de Ouro", "Rainha das Chamas" e "Triunfo da Glória". E' um espetáculo magnífico. Verdadeira mobilização de mascarados. Centenas e centenas de homens vestindo as mais berrantes e excêntricas indumentárias de Carnaval, com a cara pintada, com sacos de confeti a tiracolo, pacotes de serpentina debaixo do braço, estandartes polícromos desenrolados no ar, manchas violentas e alegres de côr num cenário de luto e de tristeza. Formados em continência, deixam passar os esquifes onde repousam os mortos. Depois, incorporam-se à massa espêssa dos acompanhadores.

Pela rua do Catete segue o formigueiro humano, caminho de Botafogo, em passo ritmado. De quando em quando novas adesões aumentavam a cauda viva, que se encaminha para o cemitério. Mais povo. Mais carnavalescos. Chega a impressionar a majestade do séquito pomposo com que nunca sonharam ter, um dia, Angeli-


CAFÉ
CORDÃO
DOIS
DIAMANTES

no Gonçalves, vulgo "Boi", e Jorge Santos, sem alcunha carnavalesca. E vão a marchar, todos, assim, caminho de Botafogo, quando um dos ranchos tem a idéia de fazer soar, sôbre a pelica de seus tambores, rufos melancólicos, em ritmada e fúnebre surdina: pram... pram... pram... pram...

A idéia é amável. Agrada. Outros ranchos imitam-na. Rufam também: pram... pram...pram ... pram... O ruído dos passos, nas calçadas, é vencido pelo planger das pelicas que as vaquetas barulham. Ganha um pouco de vida a comitiva enorme. À frente, sempre, os dois negros ataúdes que dominós, diabos, **clowns** e pierrôs carregam.

Vão todos em marcha lenta, mais ou menos dispostos e aprazidos, quando rompe uma voz misteriosa, num cristalino canto que se eleva, em adágio magnífico... E, logo, acompanhando-a, o cavo e surdo rumor de instrumentos de sôpro...

A toada impressiona. Comove. E' profunda. E' serena. A princípio desenha angústia. E' pranto e é sofrimento. Depois, desenrolada, ganha um ímpeto mais vivo, mais decisivo. Aquece. Arredonda-se. Alteia-se. Destaca-se. Domina. Ouvem-na, todos, curiosos. Depois, subindo sempre, rebenta, num crescendo suavíssimo, num côro harmonioso, um côro a **bocca chiusa**, que vai, também, por sua vez, avolumando-se, crescendo... Aqui, alí, acolá, já clangoram instrumentos. Êsse clangor aumenta. E' quando entra, animando-o, a bulha singular dos réco-récos. E dos pandeiros e chocalhos. Dentro de pouco tempo o cantar ensurdece, de tão forte. Toma corpo. Ascende. Transforma o ritmo da solfa, que resvala para um motivo sincopado. Já alegre. E profano. E mómico. E canalha. E' o samba! As mulatinhas começam a rebolar as sobras dos quadris, saracoteiam negras, crioulas de grandes saias rodadas, fazendo tremer a gelatina dos seios flácidos e disformes; pardavascos, agitados, raspam, com fúria, fundos de pratos e réco-récos. Agitam-se pandeiros. Os estandartes rodopiam no ar... Grita-se a mascarados, **princezes e velhos**, que batem a chula marchando na calçada:

— Corta a jaca! Castigo do corpo! Trama! Remelejo! Vozeria. Clamor. Desencadeia-se a Folia. Delírio. A

loucura é geral. Quando chegam ao cemitério, os funcionários da Santa Casa entreolham-se, espantados. Entram os dois caixões aos boléos, os mascarados que os carregam aos empurrões, aos evoés! À frente dêles já passou um bando de índios emplumados, de arco, flecha e tacape, cantando, silvando, vivendo em fogo a pantomima dos seus bailados singulares.

Quando a cova úmida e fria recebe os corpos que se enterram e cruzam no ar confeti e serpentinas, o cemitério está coalhado de máscaras, de fantásticos alacres, que se agitam, massa colorida que se esparrama, fala, ri, barulha, gargalha, entre cruzes de pedra, ciprestes, anjos de mármore que abençoam, lousas, urnas funerárias e salgueiros... E há quem cante. E quem dance...

Sabbat magnífico! Momo domina seus muito amados filhos, soberbo e colossal, do seu trono invisível. E' quando se vê um folião representando a figura da Morte, na sua negra e sinistra indumentária, tendo na mão esquerda um crucifixo de prata e na outra uma tíbia, talvez autêntica, talvez achada no lugar, subir para um mausoléu de granito, gritando forte aos carnavalescos que o saudam, como se fôsse êle a própria alma carioca que ali estivesse a gritar, cheia de sinceridade e de vigor:

— Viva o Carnaval!

Cordões

JOÃO DO RIO
(1881-1921)

João do Rio (Paulo Barreto) nasceu em 1881, no Rio de Janeiro, e faleceu em 1921, na mesma cidade. Êste trecho é do livro "A alma encantadora das ruas".

Entre as tradições características do carnaval carioca, quando êsse carnaval concentrava-se todo na rua do Ouvidor, uma das mais importantes era a dos cordões, que passaram depois a ser chamados de ranchos. Dêsses cordões antigos, dá-nos João do Rio uma pintura admirável, colorida e brilhante, procurando interpretar-lhes as origens e a psicologia.

Oh! abre ala!
Que eu quero passá,
Estrêla d'Arva
do Carnavá!

ERA em plena rua do Ouvidor. No se podia andar. A multidão apertava-se, sufocada. Havia sujeitos congestos, forçando a passagem com os cotovelos, mulheres afogueadas, crianças a gritar, tipos que berravam pilhérias. A pletora da alegria punha desvarios em tôdas as faces. Era provável que do largo de São Francisco à rua Direita dançassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem duzentos tambores, zabumbassem cem bombos, gritassem cinqüenta mil pessoas. A rua convulsionava-se como se fôsse fender, rebentar de luxúria e de barulho. A atmosfera pesava como chumbo. No alto, arcos de gás besuntavam de uma luz d'açafrão as fachadas dos prédios. Nos estabelecimentos comerciais, nas redações dos jornais, as lâmpadas elétricas despejavam sôbre a multidão uma luz ácida e galvânica, que enlividecia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o panejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante dos confetis, que, como um irisamento do ar, caíam, voavam, rodopiavam. Essa iluminação violenta era ainda aquecida pelos braços de luz "auer", pelas vermelhidões de incêndio e as súbitas explosões azuis e verdes de fogos de bengala; era como que arrepiada pela corrida diabólica e incessante dos ar-

chotes e das pequenas lâmpadas portáteis. Serpentinas riscavam o ar; homens passavam empapados dágua, cheios de confeti; mulheres de chapéu de papel curvavam as nucas à etila dos lança-perfumes, frases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, riscs, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, misto de perfume barato, "fartum", poeira, álcool, aquecia ainda mais o baixo instinto da promiscuidade. A rua personalizava-se, tornava-se uma e parecia, tôda ela, policromada de serpentinas e confeti, arlequinar o pincho da loucura e do deboche. Nós íamos indo, eu e o meu amigo, nesse pandemônio. Atrás de nós, sem colarinho, de pijama, bufando, um grupo de rapazes acadêmicos, futuros diplomatas e futuras glórias nacionais, berrava furioso a cantiga do dia, essas cantigas que só aparecem no Carnaval.

Há duas coisas
Que me faz chorá
E' nó nas tripa
E batalhão navá!

De repente, numa esquina, surgira o pavoroso "abre alas", enquanto, acompanhado de urros, de pandeiros, de "xequeres", um outro cordão surgia.

Sou eu! Sou eu!
Sou eu que cheguei aqui
Sou eu Mina de Ouro
Trazendo nosso bogari.

Era intimativo, definitivo. Havia, porém, outro. E êsse cantava adulçorado:

Meu beija-flor
Pediu para não contar
O meu segrêdo
A iaiá

Só conto particular
Iaiá me deixa descansar
Reme, rema, meu amor
Eu sou o rei do pescador.

Na turba compacta o alarma correu. O cordão vinha assustador. À frente um grupo desenfreado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos corria abrindo as bôcas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como pixe, a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nu sustentando o tacape de ferro. Em seguida gorgolejava o grupo vestido de vermelho e amarelo com lentejoulas de ouro a chispar no dorso das casacas e grandes cabeleiras de cachos, que se confundiam com a epiderme num empastamento nauseabundo. Ladeando o bôlo, homens em tamancos ou de pés nus iam por ali, tropeçando, erguendo archotes, carregando serpentes vivas sem os dentes, lagartos enfeitados, jabotis aterradores com grandes gritos roufenhos. Abriguei-me a uma porta. Sob a chuva de confeti o meu companheiro esforçava-se por alcançar-me.

— Por que foges?

— Oh! êstes cordões! Odeio o cordão.

— Não é possível.

— Sério!

Êle parou, sorriu:

— Mas que pensas tu? O cordão é o Carnaval, o cordão é a vida delirante, o cordão é o último élo das religiões pagãs. Cada um dêsses pretos ululantes tem por sôbre a belbutina e o reflexo discrômico das lentejoulas tradições milenares; cada preta bêbeda, desconjuntando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delírio das procissões em Byblos pela época da primavera e a fúria rabida das bacantes. Eu tenho vontade, quando os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando a apoteose incomensurável do Rumor, de os respeitar, entoando em seu louvor a "prosódia" clássica com as frases de Píndaro — salve grupos floridos, ramos floridos da vida...

Parei a uma porta, estendendo as mãos.

— E' a loucura, não tem dúvida, é a loucura. Pois é possível louvar o agente embrutecedor das cefalgias e do horror?

— Eu adoro o horror. E' a única feição verdadeira da Humanidade. E por isso adoro os cordões, a vida pa-

roxismada, todos os sentimentos tendidos, tôdas as cóleras a rebentar, tôdas as ternuras ávidas de torturas... Achas tu que haveria Carnaval se não houvesse os cordões? Achas tu que bastariam os préstitos idiotas de meia dúzia de senhores que se julgam engraçadíssimos, ou êsse pesadelo dos três dias gordos intitulado — máscaras de espírito? Mas o Carnaval teria desaparecido, seria hoje menos que a festa da Glória ou o "Bumba meu boi", se não fôsse o entusiasmo dos grupos da Gambôa, do Saco, da Saúde, de São Diogo, da Cidade Nova, êsse entusiasmo ardente, que meses antes dos três dias vem queimando como pequenas fogueiras crepitantes para acabar no formidável e total incêndio que envolve e estorce a cidade inteira. Há em tôdas as sociedades, em todos os meios, em todos os prazeres, um núcleo dos mais persistentes, chama pura do entusiasmo. Os outros são mariposas, aumentam as sombras, fazem os efeitos. Os cordões são os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio.

Quantos cordões julgas que há da Urca ao Cajú? Mais de duzentos! E todos, mais de duas centenas de grupos, são inconscientemente os sacrários da tradição religiosa da dança, de um costume histórico e de um hábito infiltrado em todo o Brasil...

— Explica-te! bradei eu, fugindo para outra porta, sob uma avalanche de confeti e velhas serpentinas varridas de uma sacada. Atrás de mim, todo sujo, com fitas de papel velho pelos ombros, o meu companheiro continuou:

— Eu explico. A dança foi sempre uma manifestação cultural. Não há danças novas; há lentas transformações de antigas atitudes de culto religioso. O bailado clássico das bailarinas do Scala e da Ópera tem uma série de passos do culto bramânico, o minueto é uma degenerescência da reverência sacerdotal, e o cake-walk e o maxixe, danças delirantes, têm o seu nascedouro nas correrias de Dionísios e no pavor dos orixalás da África. A dança saiu dos templos; em todos os templos se dançou, mesmo nos católicos.

O meu amigo falava intercortado, gesticulando. Começava a desconfiar da sua razão. Êle, entretanto, esticando o dedo, bradava no torvelinho da rua:

— O Carnaval é uma festa religiosa, é o misto dos dias sagrados de Afrodita e Dionísios, vem coroado de pâmpanos e cheirando a luxúria. As mulheres entregam-se; os homens abrem-se; os instrumentos rugem; e êstes três dias ardentes, coruscantes, são como uma enorme sangria na congestão dos maus instintos. Os cordões saíram dos templos! Ignoras a origem dos cordões? Pois êles vêm da festa de N. S. do Rosário, ainda nos tempos coloniais. Não sei por que os pretos gostam da N. S. do Rosário. Já naquele tempo gostavam e saíam pelas ruas vestidos de reis, de bichos, de pagens, de guardas, tocando instrumentos africanos, e paravam em frente à casa do vice-rei a dançar e cantar. De uma feita, pediram ao vice-rei um dos escravos para fazer de rei. O homem recusou a lisonja que dignificava o servo, mas permitiu os folguedos. E êstes folguedos ainda subsistem com simulacros de batalha, e quase transformados, nas cidades do interior.

Havia uma certa conexão nas frases do cavalheiro, que me acompanhava; mas, cada vez mais receoso da apologia, eu andava agora quase a correr. Tive, porém, de parar. Era o "Grêmio Carnavalesco Destemidos do Inferno", arrastando seis estandartes cobertos de coroas de louros. Os homens e as mulheres, vestidos de prêto, amarelo e encarnado, pingando suor, ze-pereiravam:

Os rouxinóis estão a cantar
Por cima do caramanchão
Os Destemidos do Inferno
Tenho por êles paixão

E logo vinha a chula:

Como és tão linda!
Como és formosa!
Olha os Destemidos
No galhò da rosa.

— Como é idiota!

— E' admirável. Os poetas simbolistas são ainda mais obscuros. Ora, escuta êste aqui ao lado. Vinte e sete bombos e tambores rufavam em tôrno de nós com a fúria macabra de nos desparafusar os tímpanos. Voltei-me para onde me guiava o dedo conhecedor do Píndaro daquele desespêro, e vi que cêrca de quarenta sêres humanos cantavam com o lábio grosso úmido de cuspe êstes versos:

Três vêzes nove
Vinte e sete
Bela morena
Me empresta seu leque
Eu quero conhecer
Quem é o treme terra;
No campo de batalha
Repentinos dá sinal da guerra.

Entretanto, os Destemidos tinham parado também. Vinham em sentido contrário, fazendo letras complicadas pela rua fôfa de papel policromo, sob a ardência das lâmpadas e dos arcos, o grupo da "Rainha do Mar" e o grupo dos "Filhos de Relâmpago do Mundo Novo". Os da Rainha cantavam em bamboleios de onda:

Moreninha bela
Hei-de te amar
Sonhando contigo
Nas ondas do mar.

Os do Relâmpago, chocalhando chocalhos, riscando xequedês, berravam mais apressados:

No triná das ave
Vem rompendo a aurora
Ela de saudades
Suspirando chora.

Sou o Ferramenta
Vim de Portugá
O meu balão
Chama Nacioná.

Senhor Deus! Era a loucura, o pandemônio do barulho e da sandice O fragor porém aumentava, como se concentrando naquele ponto, e, esticando os pés, eu vi por trás da "Rainha do Mar" uma serenata, uma autêntica serenata com cavaquinhos, violões, vozes em ritornelo sustentando fermatas langorosas. Era a "Papoula do Japão":

Tôda a gente pressurosa
Procura flor em botão
E' uma flor recém-nascida
A papoula do Japão.

Docemente se beijava
Uma... rola
Atraída pelo aroma
Da... papoula...

— Vamos embora. Acabo tendo uma vertigem.

— Admira a confusão, o caos ululante. Todos os sentimentos, todos os fatos do ano reviravolteiam, esperneiam, enlanguecem, revivem nessas quadras feitas apenas para acertar com a toada da cantiga. Entretanto, homem frio, é o povo que fala. Vê o que é para êle a maior parte dos acontecimentos.

— Quantos cordões haverá nesta rua?

— Sei lá — quarenta, oitenta, cem, dançando em frente à redação dos jornais. Mas caramba! olha o brilho dos grupos, louva-lhes a prosperidade. O cordão da "Senhora do Rosário" passou ao cordão de Velhos. Depois dos Velhos os Cucumbis. Depois dos Cucumbis os Vassourinhas. Hoje são duzentos.

— E' verdade, com a feição feroz da ironia que esfaqueia os deuses e os céus — fiz eu, recordando a frase do apologista.

— Sim, porque a origem dos cordões é o **Afoché** africano, dia em que se debocha a religião.

— O **Afoché**? insisti, pasmado.

— Sim, o **Afoché**. E' preciso ver nesses bandos mais do que uma correria alegre — a psicologia de um povo.

O cordão tem antes de tudo o sentimento da hierarquia e da ordem.

— A ordem na desordem?

— E' um lema nacional. Cada cordão tem uma diretoria. Para as danças há dois fiscais, dois mestres-sala, um mestre de canto, dois porta-machados, um achi-nagú, ou homem da frente, vestido ricamente. Aos títulos dos cordões pode-se aplicar uma das leis de filosofia primeira e concluir daí tôdas as idéias dominantes na populaça. Há uma infinidade que são caprichosos e outros teimosos. Perfeitamente pessoal da lira: — agora é capricho! Quando eu teimo, teimo mesmo!

Nota depois a preocupação de maravilhar, com ouro, com prata, com diamantes, que infundem o respeito da tristeza — Cajú de Ouro, Chuveiro de Ouro, Chuva de Prata, Rosa de Diamantes, e às vêzes coisas excepcionais e únicas — Relâmpago do Mundo Novo. Mas o da grossa população é a flor da gente, tendo da harmonia a constante impressão das gaitas, dos cavaquinhos, dos violões, desconhecendo a palavra, talvez sentindo-a como certos animais que entendem discursos e sofrem a ação dos sons. Há quase tantos cordões intitulados Flor e Harmonia, como há teimosos e caprichosos. Um mesmo chama-se "Flor da Harmonia", como há outro intitulado "Flor do Café".

— E' curioso.

— Não te parece? Vai-se aos poucos detalhando a alma nacional nos estandartes dos cordões. Oliveira Gomes, êsse ironista sutil, foi mais longe, estudou-lhes a zoologia. Mas, se há Flores, Teimosos, Caprichosos e Harmonias, os que querem espantar com riquezas e festas nunca vistas, há também os preocupados com as vitórias e os triunfos, os que antes de sair já são Filhos do Triunfo, da Glória, Vitoriosos das Chamas, Vitória das Belas, Triunfo das Morenas.

— Acho gentil essa preocupação de deixar vencer as mulheres.

— A morena é uma preocupação fundamental da canalha. E há ainda mais, meu amigo, nenhum dêsses grupos intitula-se republicano, Republicanos da Saúde, por exemplo. E sabe por que? Porque a massa é monar-

quista. Em compensação, abundam os reis, as rainhas, os vassalos, reis de ouro, vassalos da aurora, rainhas do mar, há patriotas tremendos e a ode ao Brasil vibra infinita. Neste momento tínhamos chegado a uma esquina atulhada de gente. Era impossível passar. Dançando e como que rebentando as fachadas com uma "pancadaria" formidável, estavam os do "Prazer da Pedra Encantada" e cantavam:

Tanta folia, Nenê!
Tanto namôro;
A "Pedra Encantada" ai! ai!
Coberta de ouro!

E o côro, furioso:

Chegou o povo, Nené Floreada
E' o pessoal, ai! ai!
Da "Pedra Encantada"

Mas a multidão, sufocada, ficava em derredor da "Pedra" entaipada por outros quatro cordões que se encontravam numa confluência perigosa. Apesar do calor, corria um frio de mêdo; as batalhas de confete cessavam; os gritos, os risos, as piadas apagavam-se, e só, convulsionando a rua, como que sacudindo as casas, como que subindo aos céus, o batuque confuso, epiléptico, das atabaques, "xequedés", pandeiros e tambores, os pancadões dos bombos, os urros das cantigas berradas para dominar os rivais, entre trilos de apitos, sinais misteriosos cortando a zabumbada delirante como a chamar cada um dos tipos à realidade de um compromisso anterior. Eram a "Rosa Branca", negros lentejoulantes da rua dos Cajueiros, os "Destemidos das Chamas", os "Amantes do Sereno" e os "Amantes do Beija-Flor"! Os negros da "Rosa", abrindo muito as mandíbulas, cantavam:

No largo de São Francisco
Quando a corneta tocou
Era o triunfo "Rosa Branca"
Pela rua do Ouvidô.

Os "Destemidos", em contraposição, eram patriotas:

Rapaziada, bate,
Bate com maneira
Vamos dar um viva
À bandeira brasileira.

Os "Amantes do Sereno", dengosos, suavizavam:

Aonde vais, Sereno
Aonde vais, com teu amor?
Vou ao Campo de Sant'Ana
Ver a batalha de flores.

E no meio daquela balbúrdia infernal, como uma nota ácida de turba que chora as suas desgraças divertindo-se, que soluça cantando, que se mata sem compreender êste soluço mascarado, esta careta de Arlequim choroso elevava-se do "Beija-flor":

A 21 de janeiro
O "Aquidaban" incendiou
Explodiu o paiol de pólvora
Com tôda a gente naufragou

E o côro:

Os filhinhos choram
Pelos pais queridos.
As viúvas soluçam
Pelos seus maridos.

Era horrível. Fixei bem a face entumescida dos cantores. Nem um dêles sentia ou sequer compreendia a sacrílega menipéia desvairada do ambiente. Só a alma da turba consegue o prodígio de ligar o sofrimento e o gôzo na mesma lei de fatalidade, só o povo diverte-se não esquecendo as suas chagas, só a populaça desta terra de sol encara sem pavor a morte nos sambas macabros do Carnaval.

— Estás atristado pelos versos do "Beija-flor"? Há uma porção de grupos que comentam a catástrofe. Ain-

da há instantes passou a "Mina de Ouro". Sabes qual é a marcha dessa sociedade? Esta sandice tétrica:

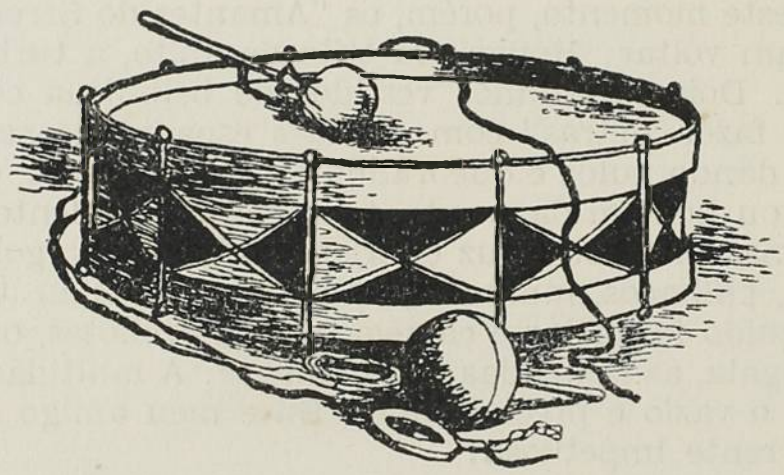
Corremos, corremos,
Povo brasileiro
Para salvar o "Aquidaban"
Os patriotas marinheiros.

Isto no Carnaval, quando todos nós sentimos irreparável a desgraça. Mas o cordão perderia a sua superioridade de vivo reflexo da turba se não fôsse êsse misto indecifrável de dor e pezar. Todos os anos as suas cantigas comemoram as fatalidades culminantes.

Neste momento, porém, os "Amantes do Sereno" resolveram voltar. Houve um trilo de apito, a turba fendeu-se. Dois rapazinhos vestidos de belbutina começaram a fazer "letras" com grandes espadas de pau prateado, dando pulos e quebrando o corpo. Depois, o **achinagu**, ou homem da frente, todo coberto de lentejoulas, deu uma volta sob a luz elétrica e o bôlo todo golfou — diabos, palhaços, mulheres, os pobres que não tinham conseguido fantasias e carregavam os archotes, os fogos de bengala, as lâmpadas de querosene. A multidão aproveitou o vazio e precipitou-se. Eu e meu amigo caímos na corrente impetuosa.

Oh! sim! êle tinha razão! O cordão é o Carnaval, é o último elo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual; o cordão é a nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando lascívia, pelas mulheres, e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, bárbara, lamentável...

Tôda a rua rebentava no estridor dos bombos. Outras canções se ouviam. E, agarrado ao braço de meu amigo, arrastado pela impetuosa corrente aberta pela passagem dos "Amantes do Sereno", eu continuei rua abaixo, amarrado ao triunfo e à fúria do cordão!...



Cló

LIMA BARRETO
(1881-1922)

Lima Barreto nasceu em 1881, *no Rio de Janeiro, e faleceu em* 1922, *na mesma cidade. Êste conto pertence o livro "Histórias e sonhos".*

Êste conto do grande escritor carioca não é um conto de carnaval; mas os personagens movimentam-se num ambiente carnavalesco, moldura e causa dos sentimentos de todos êles.

DEVIA ser já a terceira pessoa que lhe sentava à mesa. Não lhe era agradável aquela sociedade com desconhecidos; mas que fazer naquela segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias têm tôdas as mesas ocupadas e as cerimônias dos outros dias desfazem-se, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desajeitados sujeitos sem atrativos, o terceiro conviva resgatava todo o desgôsto causado pelos outros. Uma mulher formosa e bem tratada é sempre bom ter-se à vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo...

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo cismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho hábito. Se fôsse um dia comum, estaria cercado de amigos; mas os homens populares, como êle, nunca o são nas festas populares. São populares a seu jeito, para os freqüentadores das ruas célebres, cafés e confeitarias, nos dias comuns; mas nunca para a multidão que desce dos arrabaldes, dos subúrbios, das províncias vizinhas, abafa aquêles e como que os afugenta. Contudo, não se sentia deslocado...

A quinta garrafa já se esvaziara e a sala continuava a encher-se e a esvaziar-se, a esvaziar-se e a encher-se. Lá fora, o falsete dos mascarados em trote, as longas cantilenas dos cordões, os risos e as músicas lascivas enchiam a rua de sons e ruídos desencontrados e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um frêmito de vida e de luxúria que convidava o velho professor a

ficar durante mais tempo bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E êsse frêmito de vida e luxúria que faz estremecer a cidade nos três dias de sua festa clássica, naquele momento, diminuía-lhe muito as grandes mágoas de sempre, e, sobretudo, aquela teimosa e pequenina de hoje. Ela o pusera assim macambúzio e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguez e luxúria dos outros, em segunda-feira gorda.

O "jacaré" não dera e muito menos a centena. Êsse capricho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco — doce esperança que se esvaía amargosamente naquele crepúsculo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera êle, dr. Maximiliano, para fazê-la brotar do seu peito, logo nas primeiras horas do dia! Que chusmas de interpretações, de palpites, de exames cabalísticos! Êle bem parecia um augure romano que vem dizer ao cônsul se deve ou não oferecer batalha...

Logo que ela lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquêle navegar precavido dentro do nevoento mar do Mistério, marcando rumo para aquêle ponto — o "jacaré" — onde encontraria sossêgo, abrigo, durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quase, e com débeis energias para levar o barco a salvamento... Como havia de comprar bisnagas, confetes, serpentinas, alugar automóvel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar, sábado próximo, na rua do Ouvidor, em tôda a plenitude de sua beleza, feita (e êle não sabia como) da rija carnadura de Itália e de uma forte e exótica exalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido?

Com aquêle seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia, por aquelas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Êle viu alguns poetas conhecidos, quis chamá-los, mas, pensando melhor, resolveu continuar só.

O velho dr. Maximiliano e aquelas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões morais; e fi-

cou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam, embora a degradem também.

Por êsse tempo, então, notou êle a curiosidade e a inveja com que um grupo, de modestas meninas dos arrabaldes, examinava a **toilette** e os ademanes das mundanas presentes.

Na sua mesa, atraindo-lhes os olhares, lá estava aquela formosa e famosa Eponina, a mais linda mulher pública da cidade, produto combinado das imigrações italiana e espanhola, extraordinàriamente estúpida, mas com um olhar de abismo, cheio de atrações, de promessas e de volúpia.

E o velho lente olhava tudo aquilo pausadamente, com a sua indulgência de infeliz, quando lhe veio o pensar na casa, naquele seu lar, onde o luxo era uma agrura, uma dor, amaciada pela música, pelo canto, pelo riso e pelo álcool.

Pensou, então, em sua filha, Clódia — a Cló, em família — em cujo temperamento e feitio de espírito havia estôfo de uma grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne veludosa e palpitante, do seu amor às danças lúbricas, do seu culto à **toilette** e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gôsto pelos licores fortes, e, de repente e por instantes, êle a viu coroada de hera, cobrindo mal a sua magnífica nudez, com uma pele mosqueada, o ramo de tirso erguido, dançando, religiosamente bêbeda, cheia de fúria sagrada de bacante: Evoé! Baco!

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos, quando a Eponina ergue-se da mesa, tilintando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a atenção de Mme. Rego da Silva, que, em companhia do marido e da sua extremosa amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa mesa ao longe.

O doutor Maximiliano, ao ver aquelas jóias e aquêles vestidos, voltou a lembrar-se de que o "jacaré" não dera; e refletiu, talvez com profundeza, mas certo com muita amargura, sôbre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou decifrar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e

tão rara. Como é que êle tinha pôsto no mundo um exemplar de mulher assás vicioso e delicado como era a filha? De que misteriosa célula sua saíra aquela floração exuberante de fêmea humana? Vinha dêle ou da mulher? De ambos? Ou de sua mulher só, daquela sua carne apaixonada e sedenta que trepidava quando lhe recebia as lições de piano, na casa dos pais?

Não pôde, porém, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André, com o seu rosto de ídolo peruano, duro, sem mobilidade alguma na fisionomia acobreada, onde o ouro do aro do pince-nez reluzia fortemente e iluminava a barba cerdosa.

Era um homem forte, de largos ombros, musculoso, tórax saliente, saltando; e, se bem tivesse as pernas arqueadas, era assim mesmo um belo exemplar da raça humana.

Lamentava-se que êle fôsse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intelectual, de maleabilidade, de ductilidade, a sua fraca capacidade de abstração e débil poder de associar idéias não pediam fôsse êle deputado e bacharel. Êle seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Câmara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aquêles fortes arcos de ití que despejam flechas ervadas com curare.

Era o seu último amigo, entretanto o mais constante comensal de sua mesa luculesca.

Deputado, como já ficou dito, e rico, representava, com muita galhardia e liberalidade, uma feitoria mansa do Norte, as salas burguesas; e, apesar de casado, a filha do antigo professor, a lasciva Cló, esperava casar-se com êle, pela religião do Sol, um novo culto recentemente fundado por um agrimensor ilustrado e sem emprêgo.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sôbre tais projetos; não os aprovava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casamento não fôsse efetuado sem a bênção do sacerdote do Sol ou de outro qualquer.

E se isto fazia, era para não precipitar as coisas, êle gostava dos desdobramentos naturais e encadeados,

das passagens suaves, das inflexões doces e detestava os saltos bruscos de um estado para o outro.

— Então, doutor, ainda por aqui? — fêz o rico parlamentar, sentando-se.

— E' verdade — respondeu-lhe o velho. — Estou fazendo o meu sacrifício, rezando a minha missa...

— E' a quinta... que toma, doutor?

— Um "madeira"... Que tal o Carnaval?

— Como sempre.

E depois, voltando-se para o caixeiro:

— Outra cerveja e um "madeira", aqui, para o doutor. Olha: leva a garrafa.

O caixeiro afastou-se, levando a garrafa vazia, e o doutor André perguntou:

— D. Isabel não veio?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Acha-as desenxavidas... Ficaram, ela e a Cló, em casa a se prepararem para o baile a fantasia na casa dos Silvas... Quer ir?

— O senhor vai?

— Não, meu caro senhor; do Carnaval eu só gosto dessa barulhada da rua, dessa música selvagem e sincopada de récos-récos, de pandeiros, de bombos, dêsse estrídulo de fanhosos instrumentos de metais... Até do bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz-me bem à alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Cló vai de preta mina.

— Deve-lhe ficar muito bem... Não posso ir; entretanto, irei à sua casa para ver a sua senhora e a sua filha fantasiadas. O senhor devia também ir...

— Fantasiado?

— Que tinha?

— Ora, doutor! eu ando sempre com a máscara no rosto.

E sorriu leve com amargura; o deputado pareceu não compreender e observou:

— Mas, a sua fisionomia não é tão decrépita assim...

Maximiliano ia objetar qualquer coisa, quando o caixeiro chegou com as bebidas, ao tempo em que Mme. Rego da Silva e o marido levantaram-se com a peque-

na Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade em pêso.

O parlamentar olhou-os bastante com o seu seguro ar de quem tudo pode. Ouviu que ao lado diziam — à passagem dos três: **"Ménage à trois"**. A sua simplicidade provinciana não compreendeu a maldade e logo dirigiu-se ao velho professor:

— Jantam em casa?

— Jantamos; e o doutor não quer jantar conosco?

— Obrigado. Não me é possível ir hoje... Tenho um compromisso sério... Mas fique certo de que, antes de sairem, lá irei tomar um uisquezinho... Se me permite?

— Oh! Doutor! O senhor é o nosso melhor amigo. Não imagina como todos lá falam no senhor. Isabel levanta-se a pensar no doutor André; Cló, essa, nem se fala! Até o Caçula, quando o vê, não late; faz-lhe festas, não é?

— Como isso me cumula de...

— Ainda há dias Isabel me disse: Maximiliano, eu nunca bebi um **Chambertin** como êsse que o doutor André nos mandou... O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de cor; e, de tanto repeti-lo, creio que sei de memória vários trechos dêle.

A face rígida do ídolo, com grande esfôrço, abriu-se um pouco; e êle, ao jeito de quem quer o contrário:

— Não vá agora recitá-lo.

— Certo que não. Seria inconveniente; mas não estou impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, belas imagens e uma forma magnífica.

— Sou principiante ainda, por isso não me fica mal aceitar o elogio e agradecer a animação.

Fêz uma pausa, tomou um pouco de vinho e continuou em tom conveniente:

— O senhor sabe perfeitamente que espécie de fôrça me prende aos seus... Um sentimento acima de mim, uma solicitação, alguma coisa a mais que os senhores puseram na minha vida...

— Pois então, interrompeu cheio de comoção o dr. Maximiliano: à nossa!

Ergueu o copo e ambos tocaram os seus, reatando o parlamentar a conversa desta maneira:

— Deu aula hoje?

— Não. Desci para espairecer e cavar. E' dura esta vida... Cavar! Como é triste dizer-se isto! Mas que se há de fazer? Ganha-se uma miséria... Um professor com oitocentos mil réis o que é? Tem-se família, representação... Uma miséria! Ainda agora, com tantas dificuldades, é que Cló deu em tomar banhos de leite...

— Que idéia! Onde aprendeu isso?

— Sei lá! Ela diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de pagar uma conta estupenda no leiteiro... São banhos de ouro, que são! Jogo nos bichos... Hoje tinha tanta fé no "jacaré"...

O caixeiro passava e êle recomendou:

— Baldomero, outra cerveja. O doutor não toma mais um "madeira"?

— Vá lá. Ganhou, doutor?

— Qual! E não imagina que falta me fêz!

— Se quer?

— Por quem é, meu caro; deixe-se disso! Então há de ser assim todo o dia?

— Que tem!... Ora!... Nada de cerimônias; é como se recebesse de um filho...

— Nada disso. Nada disso...

Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bela nota, cujo valor nas algibeiras do dr. Maximiliano fêz-lhe esquecer em muito a sua desdita no "jacaré".

O deputado ainda esteve um pouco; em breve, porém, se despediu, reiterando a promessa de que iria até à casa do professor, para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma garrafa e, acabada que foi a cerveja, saiu vagarosamente um tanto trôpego.

A noite já tinha caído de há muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam a passar, rufando, batendo, gritando desesperadamente... Homens e mulheres de tôdas as côres — os alicerces do país — vestidos de meia, canitares e enduapes de penas multicores, fingindo índios, dançavam na frente, ao som de uma zabumbada africana, tangida

com fúria em instrumentos selvagens, roufenhos, uns, estridentes, outros. As danças tinham luxuriosos requebros de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quedas imprevistas.

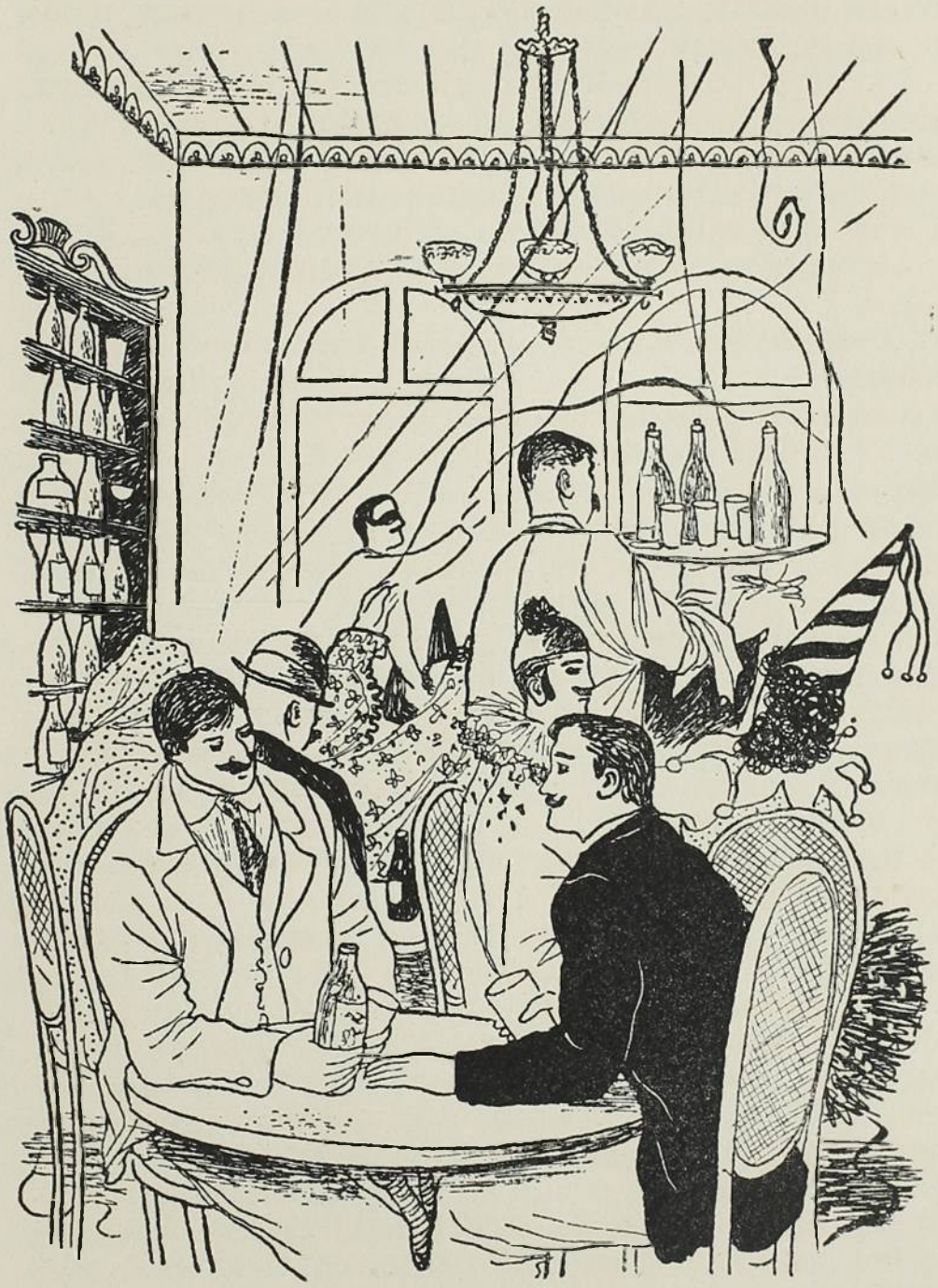
Aquêles fantasiados tinham guardado na memória muscular velhos gestos de avoengos, mas não mais sabiam coordená-los nem a explicação dêles. Eram restos de danças guerreiras ou religiosas dos selvagens de onde a maioria dêles provinha, que o tempo e outras influências tinham transformado em palhaçadas carnavalescas...

Certamente, durante os séculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquelas cerimônias de suas aringas ou tabas, pelo Carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos e êstes estavam ali a observá-la com as inevitáveis deturpações.

Êle, o doutor Maximiliano, apaixonado amador de música, antigo profesosr de piano, para poder viver e formar-se, deteve-se um pouco, para ouvir aquelas bizarras e bárbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquela gente. A frase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida, sacudida pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens e ingênuos. Um instante, êle pensou em continuar uma daquelas cantigas, em completá-la, e a ária veio-lhe inteira, ao ouvido, provocando o antigo professor de música a fazer parar o "Chuveiro de Ouro", a fim de ensinar-lhes, aos cantores, o que a imaginação lhe havia trazido à cabeça naquele momento.

Arrependeu-se que tivesse dito gostar daquela barulhada; porém, o amador de música vencia o homem desgostoso. Êle queria que aquela gente entoasse um hino, uma cantiga, um canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas — logo imaginou — para que? Corresponderia a música mais ou menos artística aos pensamentos íntimos dêles? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dores?

E, devagar, se foi indo pela rua em fora, cobrindo de simpatia tôda a puerilidade aparente daqueles esgares e berros, que bem sentia profundos e próprios daquelas criaturas grosseiras e de raças tão várias, mas que encontravam naquele vozeiro bárbaro e ensurdecedor meio



de fazer porejar os seus sofrimentos de raça e de indivíduo e exprimr também as suas ânsias de felicidade.

Encaminhou-se direto para a casa. Estava fechada, mas havia luzes na sala principal, onde tocavam e dançavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua mulher quem tocava; êle o adivinhava pelo seu **velouté**, pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quase perceber a impulsão que os dedos levavam. Como ela tocava aquêle tango! Que paixão punha naquela música inferior!

Lembrou-se então dos cordões, dos ranchos, das suas cantilenas ingênuas e bárbaras, daquele ritmo especial a elas que também perturbava sua mulher e abrasava sua filha. Por que caminho lhes tinha chegado ao sangue e à carne aquêle gôsto, aquêle pendor por tais músicas? Como havia correlação entre elas e as almas daquelas duas mulheres?

Não sabia ao certo; mas viu em tôda a sociedade complicados movimentos de trocas e influências — trocas de idéias e sentimentos, de influências e paixões, de gostos e inclinações.

Quando entrou, o piano cessava e a filha descansava, no sofá, a fadiga da dança lúbrica que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu indulgentemente o filho dizer: é assim que se dança nos Democráticos.

Cló, logo que o viu, correu a abraçá-lo e, abraçada ao pai, perguntou:

— André não vem?

— Virá.

Mas, logo, em tom severo, acrescentou:

— Que tem você com André?

— Nada, papai; mas êle é tão bom...

Quis Maximiliano ser severo; quis apossar-se da sua respeitável autoridade de pai de família; quis exercer o velho sacerdócio de sacrificador aos deuses Penates; mas era cético de mais, duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdócio nem no fundamento de sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente:

— Você precisa ter mais compostura, Cló. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

A isto, todos entraram em explicações. O respeitável professor foi vencido e convencido de que a afeição da filha pelo deputado era a coisa mais inocente e natural dêste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada ràpidamente. Fred, contudo, pôde dar algumas informações sôbre os préstitos carnavalescos do dia seguinte. Os Fenianos perderiam na certa. Os Democráticos tinham gasto mais de sessenta contos e iriam pôr na rua uma coisa nunca vista. O carro do estandarte que era um templo japonês havia de fazer um bruto sucesso. Demais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas... Estariam a Alice, a Charlote, a Lolita, a Carmen...

— Ainda toma muito cloral? — perguntou Cló.

— Ainda, retrucou o irmão; e emendou: vai ser uma lindeza, um triunfo, à noite, com luz elétrica, nas ruas largas...

E Cló, por instantes, mordeu os lábios, suspendeu um pouco o corpo e viu-se ela também, no alto de um daqueles carros, iluminada pelos fogos de bengala, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguesas e burgueses da cidade. Era o seu triunfo, a meta de sua vida; era a proliferação imponderável de sua beleza em sonhos, em anseios, em idéias, em violentos desejos naquelas almas pequenas, sujeitas ao império da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o copo de um hausto, limpou a espuma dos lábios e o seu ligeiro buço surgiu lindo sôbre os breves lábios vermelhos. Em seguida perguntou ao irmão:

— E essas mulheres ganham?

— Qual! Você não vê que é uma honra, respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou sério e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas.

Logo que a refeição acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se fazia anunciar. Desculpou-se com as senhoras; não pudera vir jantar, questões políticas, uma conferência... Pedia licença para oferecer aquelas pequenas lembranças de Carnaval. Deu uma pequena caixa a D. Isabel e uma maior a Cló. As jóias sairam dos escrínios e faiscaram orgulhosamente para

todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel; para a filha, um bracelete.

— Oh, doutor! — fêz D. Isabel! — O senhor está a sacrificar-se e nós não podemos consentir nisto...

— Qual, D. Isabel! São falsas, nada valem... Sabia que D. Clódia ia de preta mina e lembrei-me trazer-lhe êsse enfeite...

Cló agradeceu sorridente a lembrança e a suave bôca quis fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e agradecimento. E voltaram a tocar. D. Isabel pôs-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentes, como já foi observado, executou alguma coisa triste.

Chegava a ocasião de se prepararem para o baile a fantasia que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e só ficaram, na sala, os homens, bebendo **whisky**. André, impaciente e desatento, o velho lente, indiferente e compassivo, contando histórias brejeiras, com vagar e cuidado; o filho, sempre a procurar caminho para exibir o seu saber em coisas carnavalescas. A conversa ia caindo, quando o velho disse para o deputado:

— Já ouviu a **Bamboula**, de Gottschalk, doutor?

— Não... Não conheço.. .

— Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o album onde estava a peça e começou a executar aquêles compassos de uma música negra de Nova Orleans, que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de pano da Costa ao ombro, trunfa, com o colo inteiramente nu, muito cheio e marmóreo, separado do pescoço modelado, por um colar de falsas turquesas. Os braceletes e as missangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raizes dos seios duros que mal suportavam a alvíssima prisão onde estavam retidos.

Ainda pôde requebrar, aos últimos compassos da **Bamboula**, sôbre as chinelas que ocupavam a metade dos pés; e toda risonha sentou-se por fim, esperando que aquêle Salomão de pince-nez de ouro lhe disseses ao ouvido:

"Os teus lábios são como uma fita de escarlate; e o teu falar é doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nácar das tuas faces; sem falar no que está escondido dentro."

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano e o deputado, bem perto de Clódia, se não falava como o rei Salomão à rainha de Sabá, dilatava as narinas para sorver tôda a exalação acre daquela moça, que mais capitosa se fazia dentro daquele vestuário de escrava desprezada.

A sala encheu-se de outros convidados e a sessão de música veio a cair na canção e na modinha. Fred cantou e Cló, instada pelo doutor André, cantou também. O automóvel não tinha chegado; ela tinha tempo...

D. Isabel acompanhou; e a moça, pondo tudo o que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a **Canção da Preta Mina:**

"Pimenta de cheiro, giló, quimbombô;
Eu vendo barato, mi compra Ioiô!"

Ao acabar, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo gôzo íntimo que ela, sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o doutor André e dizia vagamente:

"Mi compra, Ioiô"

E repetia, com mais volúpia, ainda uma vez:

"Mi compra, Ioiô!"

O entrudo

MELO MORAIS FILHO
(1884-1919)

Melo Morais Filho nasceu em 1884, *na Bahia, e morreu no Rio de Janeiro, em* 1919. *Êste trecho pertence ao livro "Quadros e Crônicas".*

Melo Morais Filho, que tanto se dedicou ao estudo das tradições e festas populares do Brasil, apresentanos nestas páginas uma descrição sugestiva e interessante do entrudo no Rio de Janeiro. Comentando essa festa, precursora do carnaval, êle o faz como estudioso e cronista, misturando erudição e saudade de coisas e fatos, que via desaparecer no tempo e na memória.

NTRE o entrudo e o Carnaval existe uma diferença grande, profunda, considerável. E' que o entrudo é nosso e o Carnaval, estrangeiro.

Para descobrirmos as nascentes do entrudo é necessário surpreendermos os antigos navegadores portuguêses nas suas narrativas de viagem da Índia para os Açores, onde esta festa pública, que se celebrava anualmente no Pegu, foi introduzida, passando-se daquele arquipélago para o Brasil com os primitivos colonos.

O Carnaval, porém, cuja origem é comum a tôdas as civilizações, da mais bárbara à mais adiantada, nós só o tivemos de 1855 para cá e no Rio de Janeiro, pois em todo êste país brincava-se e ainda se brinca o entrudo, segundo os estilos tradicionais.

Há apenas dois anos que as mascaradas foram adotadas na Bahia, alterando a fisionomia histórica do oriental folguedo, que, não obstante abusos, muito tinha de local nas suas expansões invariáveis. (1)

E' certo que o Carnaval, como o temos, melhor se harmoniza com o progresso moderno; mas não é menos exato que o entrudo, exceção feita das grosserias que lhe eram próprias, interessava a maior número de pessoas e esmaltava-se de um resto de poesia que se irradiava no lar doméstico.

Quanto a desastres e conseqüências funestas, resultantes de ambos, parece-nos que nenhum dêles se apresenta como devedor.

---

(1) Isto foi escrito em 1886

O entrudo, entretanto, disseminava a alegria por tôdas as classes, a intimidade das famílias amigas estreitava-se, e não era de admirar vir a saber-se que êste ou aquêle **pedido em casamento** tivera como motivo um limão de cheiro, comprimido a furto sôbre um colo de neve ou um braço bem feito e macio.

Arraigado por uma persistência secular em nossos costumes o jôgo do entrudo, a observação tem demonstrado que a maioria das nossas populações não o baniu absolutamente, e que mesmo nesta capital, onde os regulamentos policiais o proíbem, uma espécie de atavismo o faz reaparecer de tempos a tempos, como herança de raça.

Em 1885, particularmente na rua do Ouvidor, a guerra com limões foi tão forte, os esguichos em tamanha quantidade, e a água tão abundante, que nem mesmo os préstitos carnavalescos passavam incólumes.

Ninguém que trouxesse o chapéu alto deixava de tornar-se um alvo às pontarias dos rapazes e das moças, que, das janelas ou dos cantos das ruas, disparavam os projéteis do entrudo, frente a frente, lado a lado, para cima e para baixo, na direção do transeunte, que enterrava na cabeça a casamata da sua cartola.

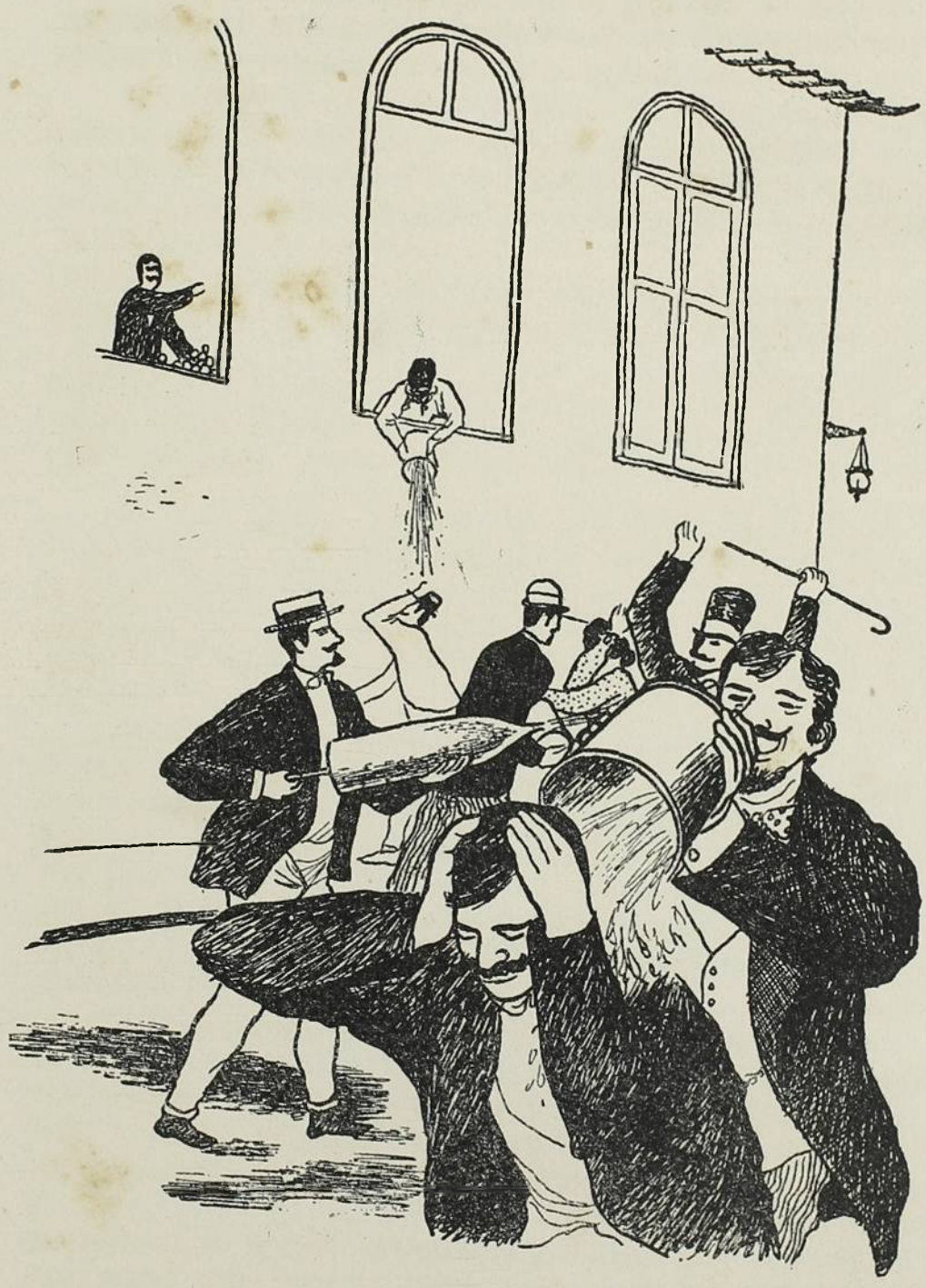
Como fato anormal, êsse acontecimento presumia-se apenas em razão de alguns anúncios de limões de cheiro que se publicavam nos jornais, anúncios de ordinário neutralizados para muitos pelo rotineiro edital da polícia, que de nada servia.

Antigamente, a coisa fazia-se da maneira a mais solene, e subordinada a preceitos escrupulosamente seguidos.

Coloquemo-nos no passado e descrevamos a folia, segundo os mais velhos.

Na mediana social, raro era o chefe de família que, de quinze a vinte dias antes do entrudo, não se visse atropelado com os pedidos de cera que lhe faziam a senhora, uma filha, etc.

Para a confecção dos limões, vários ingredientes tornavam-se precisos, bem como as essências para aromatizar a água, o carmim e o anil para colori-los, tudo isso adicionado de um funilzinho de fôlha de Flandres, por meio do qual os enchiam.



No referido pedido, por conseguinte, achava-se compreendido o mais, visto como as formas em uso — laranjas, pencas de bananas, frutos diversos — ficavam à escolha e na alçada da aquisição de qualquer que empreendia a exploração da pequena indústria.

Desde logo, os donos da casa começavam a comprar pães de cêra virgem, a freqüentar as sacristias, agradando o mais possível aos zeladores e sacristães, ùnicamente com o fim de obter dêles bicos de velas, que carregavam em embrulhos.

A enorme distância, apercebido pela filharada à espera, o bom pai fazia trejeitos, negaças e, aproximando-se, apontava com o dedo o pacote sobraçado, sendo recebido com grande motim, riso, chôro, ouvindo-se, em altas vozes sairem do grupo infantil as seguintes frases: "E' meu!" "Não é!" "É!" "Não é!"

E uma moça, ou a velha, arrebatando no ar a encomenda, tomava para a sala de dentro, sucedendo não poucas vêzes rasgar-se o envólucro, entornando-se no corredor os tocos das velas bentas, com que as crianças esmurravam-se, escorregavam, davam quedas, para apanhar.

As escravas e as sinhás moças entregavam-se todo o tempo ao fabrico dos limões de cheiro, que eram expostos à venda em bandejas, cestinhas, pratos, etc., que as famílias colocavam sôbre as janelas de suas casas, sôbre bancos e cadeiras das salas térreas, ou em tabuleiros à porta dos sobrados, sendo confiada a quitanda a algum moleque ou preta velha, que negociava com os compradores.

Desde a ante-véspera, já um ou outro projétil esborrachava-se no vestuário de algum passante que, sacudindo pacientemente a cêra esfolhada no paletó, limpava com o lenço os lugares molhados.

No dia, logo pela manhã, viam-se os tabuleiros, bandejas e mais bandejas de limões à cabeça de negros e de molecotes, que os apregoavam por tôda a parte, havendo fregueses que compravam a mercadoria por atacado, isto é, que se faziam seguir de um ou mais vendedores, entrando pelas casas, molhando e sendo molhados, no meio de grande alarido.

Ninguém lograva escapar ao assalto imprevisto, a menos que não se trancasse nos quartos, à mais leve suspeita despertada por um tropel na escada, à corrida de uma negrinha em gritos, ou coisa semelhante.

Casas havia em que os moradores preveniam-se com gamelas dágua, cartuchos de polvilho, travando-se lutas, nas quais os assaltantes e os assaltados ficavam completamente **ensopados**.

As clássicas seringas de fôlha de Flandres ocupavam posição saliente na folia, sustidas ao alto com as duas mãos; servindo de ponto de apoio ao grosso cabo de pau a barriga do portador, à pressão gradualmente exercida, o longo esguicho lançava água nas pessoas dos sobrados e nos indivíduos que procuravam fugir.

Das vendas, dos cantos das ruas, de todos os largos e praças da cidade, a negralhada, a chusma dos moleques em fraldas de camisa acudia à aproximação de uma negra de quitanda, de pretos velhos que caminhavam rogando pragas, soltando impropérios, e os encharcava de novo, barreava-lhes de vermelhão e alvaiade os cabelos e a cara, tornando-os risíveis e medonhos.

Os baldes, as cuias, os regadores, as bacias cheias dágua, os foliões despejavam entre si e sôbre a gente de sua igualha que circulava nas ruas.

Na Cidade Nova o pixe tinha a maior extração; as seringas irrompiam a cada passo, e as fábricas de limões formigavam com seus cartazes pregados nas rótulas, nos quais se liam os preços, por dúzias, da mercadoria, segundo o apuro da confecção e o tamanho.

Os estudantes, os filhos-famílias e homens sérios por sua idade e colocação social, não resistindo à tentação do brinquedo, percorriam diversos bairros, com os bolsos atopetados de limões, tendo sob o braço esquerdo, de encontro ao seio, caixas de charutos, balaios, cestinhas e caixas de papelão, repletos das mesmas provisões.

E as pontarias faziam-se certeiras, a água jorrava em dilúvios, os chapéus de sol abertos surdiam daqui e dali, tudo isso ao som das vaias, da vozeria, das descomposturas, do barulho, do descer e subir escadas, até que anoitecia.

Algumas famílias mandavam encher gamelas, que deixavam um pouco para dentro da porta da rua, enquanto ao largo passeavam, de cá para lá, dois ou mais escravos.

Ao sinal que dava a senhora-moça, que espiava da janela, o transeunte era agarrado e metido à fôrça no preparado banho, do qual safava-se esperneando como um enforcado e molhado dos pés à cabeça.

Os tiroteios de vizinho para vizinho entretinham-se sem tréguas, não havendo mãos a medir a prodigiosa quantidade de limões de cheiro que se gastavam.

Especialmente nas ruas da Quitanda, Ourives e Ouvidor, os rapazes faziam uma espécie de Judas, de tamanho natural, atado à cintura por uma corda, cuja extremidade amarravam ao batente de uma janela ou a uma sacada. Apenas um indivíduo passava em baixo, largavam de repente a figura, que lhe caía na frente e o assustava, e, para curá-lo do susto, empurravam-lhe por cima uma bacia dágua.

Êste gracejo de reprovado gôsto, a introdução do vermelhão, dos pós de sapatos e do pixe no jôgo do entrudo, deram motivo a conflitos e justas reclamações, do mesmo modo que os caroços cobertos de cêra, com que alguns perversos entendiam divertir-se, ocasionando acidentes.

Em razão dêsses desregramentos, das contendas repetidas, do prejuízo resultante à saúde pública, o entrudo foi proibido, baixando ordem terminante da polícia para serem multados os fabricantes de limões, presos os vendedores, inutilizados os tabuleiros, recebendo cada pedestre 4$ de gorjeta, por pretinho negociante que levasse seguro pelo cós das calças.

Os abusos, porém, não desnaturavam a graça do folguedo, o muito que êle tinha em si de atraente e agradável.

Entre gente fina era de estilo os cavalheiros submeterem-se às abundantes molhadelas do belo sexo, que se tornava implacável nesses dias.

Improvisando casos graves, novidade curiosa, negócio de interêsse, as famílias mandavam aviso a parentes e íntimos, que não tardavam a correr ao reclamo.

Uma vez na sala de visitas, eram surpreendidos por uma ou mais pessoas da casa, que, tomando-lhes a dianteira, os recebiam com uma saraivada de limões, muita algazarra e muita gargalhada.

Do brinquedo do entrudo, influentes existem que ainda se lembram das belas **pontarias** que fizeram, dos alvos que atingiram, dos deliciosos namoros que entabolaram naquelas tardes que se foram e de cujo crepúsculo apenas um ou outro raio lhes esclarece a noite sombria da saudade.

Maracatus e frevos

MARIO SETE
(1886)

Mário Sete nasceu em 1886, *em Pernambuco. Êste trecho pertence ao livro "Maxambombas e Maracatus".*

O samba e a marchinha são as músicas carnavalescas mais populares no Rio de Janeiro, que generalizaram-se por todo o Brasil, principalmente depois do aparecimento da rádiodifusão. O carnaval do Recife, entretanto, tem resistido a essa influência dominadora fazendo do maracatu e do frevo, expressões típicas da música regional pernambucana, com coreografia e ritmo próprios, as suas músicas carnavalescas por excelência.

OS maracatus eram típicos no Carnaval de antigamente.

Típicos, numerosos, importantes, suntuosos.

No meio do vozerio da mascarada, dominando as marchas dos cordões, ouvia-se ainda longe o rumor constante, uniforme, monótono, dos atabaques.

Bum... bum... bum... bum...
Bum... bum... bum... bum...

Era o maracatu.

Havia os que gostavam dêle e esperavam-no com curiosidade.

Havia os que protestavam contra a revivescência africana e resmungavam.

Bum... bum... bum... bum...

No fim da rua, por cima do povo, surdia o grande chapéu de sol vermelho, rodando, oscilando, curvando-se. E o batuque cada vez mais perto, mais perto.

Dali a pouco desfilava o cortejo real dos negros.

Vinha o rico estandarte de côres vivas com bordados a ouro. Seguiam-se as alas de mulheres ostentando turbantes, saias bem rodadas, corpetes enfeitados de vidrilhos. Traziam fetiches religiosos nas mãos. Depois,

o rei e a rainha em trajes majestosos, debaixo da ampla umbela de sêda encarnada com franjas douradas. Empunhavam os cetros, vestiam longos mantos e tinham as cabeças coroadas. Na retaguarda do préstito, os atabaques, as marimbas, os cangás, os pandeiros, as buzinas...

As canções que todos entoavam eram ordinàriamente nostálgicas, como numa ancestral saudade da terra de berço, ficada tão distante.

Costumavam também cantar assim:

Bravos, Ioiô
Maracatú já chegou
Bravos, Iaiá
Maracatu vai passá...

Uma das mulheres empunhava uma grande boneca de pano tôda engalanada de fitas, e repetia numa toada dolente:

A boneca é de sêda...
A boneca é de sêda...

Os maracatus paravam em frente às casas dos protetores e ali dançavam durante alguns minutos. Antigamente licenciavam-se dezenas dêles e apresentavam-se com verdadeiro luxo. Nas sedes havia demoradas festas, com danças e batuques, a que assistiam os "soberanos" sob um docel de veludo. Todos os negros da costa, tão comuns no Recife de ontem — aquêles mesmos que se reuniam, também, religiosamente na igreja do Rosário — lá se achavam para tomar parte nos "toques".

O maracatú escasseou e já não tinha mais o esplendor de dantes. Hoje está na moda. Dá que falar. Entrou até nos salões e já o macaqueam a pretexto de estilizá-lo...

Em menino eu tinha mêdo dos maracatus. Mêdo e como que uma espécie de piedade intraduzível. Aquêles passos de dança, aquêles trajes esquisitos, aquêles cantos dolentes me davam uma agonia... Eu me encolhia todo, juntando-me à saia de chita de minha mãe-preta, com receio talvez de que os negros do maracatu a levassem também.

E eu nem sabia ainda ser o maracatu uma saudade... Hoje é que a compreendo, que a sinto, recordando os maracatus de minha infância e de minha terra, vendo os carnavais de outras cidades e de outra época.

Parece-me perceber ainda o batuque longínquo, cada vez mais remoto, cada vez mais indeciso, quando, na alta noite de terça-feira, no silêncio e na tristeza do Carnaval acabado, o derradeiro maracatú se recolhia à sede...

Bum... bum... bum... bum...
Bum... bum... bum... bum...

E lá se ia, como se foi, o meu maracatu de menino.

O frêvo não veio do Carnaval de antigamente.

E' hoje a nota típica do Carnaval recifense, mas, relativamente, uma novidade. Data de 1909, diz Pereira da Costa. E, de fato, nasceu mais ou menos nessa época.

Outrora os cordões saíam com boas orquestras, luxo de vestimentas, marchas arrebatadoras, mas não tinham o acompanhamento de agora, nem o povo fazia as piruetas que depois se chamou o "passo", para uns, a "onda" para outros, e "frêvo", para todos.

De onde se originou o nome? Não se sabe bem. Supõe-se seja uma corrupção de "fervor" ou de "fervura". O fato é que a expressão de pernambucana está passando a ser brasileira. E queira Deus não acabe universal.

O frêvo pega como sarampo, como coqueluche, como coceira. Porque as marchas desafiam, seduzem, arrastam. Elas só dizem o que são de verdade tocadas pelas próprias orquestras dos clubes. Fora delas é cópia, é café requentado.

Em meio do folguedo carnavalesco, numa das ruas mais cheias de povo, cheinhas de parecer não caber um cristão, surge um dos cordões. O Pás ou o Vassourinhas. Por exemplo. De um sobrado, vê-se a massa bruta de gente que êles puxam. E aquilo tudo tem de atravessar a rua já repleta. Imaginem! Aquêle povaréu enorme mexe-se numa dança constante, vibrante, estranha. A frente o estandarte carregado por uma mulher morena, de fantasia colada ao corpo, com uns quadris e uns

seios em ressalto provocador. Atrás dela quatro molecotes de camisas de riscas empunhando archotes; em seguida os músicos, também fantasiados, de caras lustrosas de suor e de tinta, bochechas infladas, olhos esbugalhados, no esfôrço do sôpro ou dos tambores e ganzás. A massaroca do pesoal vem depois como um bando de malucos. Êstes se acocoram e se levantam, aquêles abrem os braços e rodam, outros se empinam para trás e para frente, torcem as pernas, fingem tremores, cantam estribilhos, empunham guarda-sóis, erguem as mãos, piruetas de tôdas as maneiras. Mas, tudo, combinado a rigor com o ritmo da marcha. Se esta tem uma síncope, todos estacam. Se a música rompe de novo, todos recomeçam o "passo"; se se acelera, todos avançam; se se agita, todos rodopiam. Vê-se naquele povão gente de tôdas as classes, de tôdas as idades, de tôdas as côres, de tôdas as posições. E' um zum-zum de muitas mil vozes, um cheiro de muitos mil corpos, um contato de muitos mil desejos, um prurido de muitas mil folias... Ninguém faz caso de atritos, de empurrões, de machucadelas, de pilhérias, de beliscões, de afoitezas. Só há um alvo: fazer o "passo", ir no frêvo. E vai-se...

A marcha é ao mesmo tempo cutucadora e arisca, lúbrica e esquiva, abandonante e fugidia, brincalhona e astuciosa. Tem arrancos e tentanizações. Promete-se e furta-se. Beija e morde. Avizinha-se e foge. Oferece-se e esconde-se. Tem carícias de veludo e coceiras de papel picado. Enfarofa os acordes como sabe enfarofar as pernas dos foliões. E o povo chama a essa dança de "onda" e de "passo". As piruetas tomam os nomes de "dobradiças", "tesouras", "saca-rolhas", "chá de barriguinha" e outras denominações pitorescas, conforme as posições que as justifiquem.

O frêvo, durante os dias de Carnaval, dança-se em todos os recantos da cidade. Uns com mais perícia e regra, outros com mais condimento ou desacêrto. Nos salões penetrou, "estilizando-se", perdendo um pouco a rudeza popular, mas mesmo assim contagioso, delirante, formidável.

Comprimindo-se, "pegando a doença do passo", os cordões conseguem varar as ruas cheias de gente. O corso pára e os automóveis como que se esvaziam porque to-

dos entram no frêvo. E lá se vai o Lenhadores ou o Vasculhadores, como Pás e Lenhadores, parecendo uma imensa e bojuda cobra saracoteante, atravessando as ruas largas ou estreitas, as praças antigas e modernas, os próprios bequinhos de São José onde, por vêzes, ficam as suas sedes, em sobradinhos iluminados, cheirando a fôlhas de canelas.

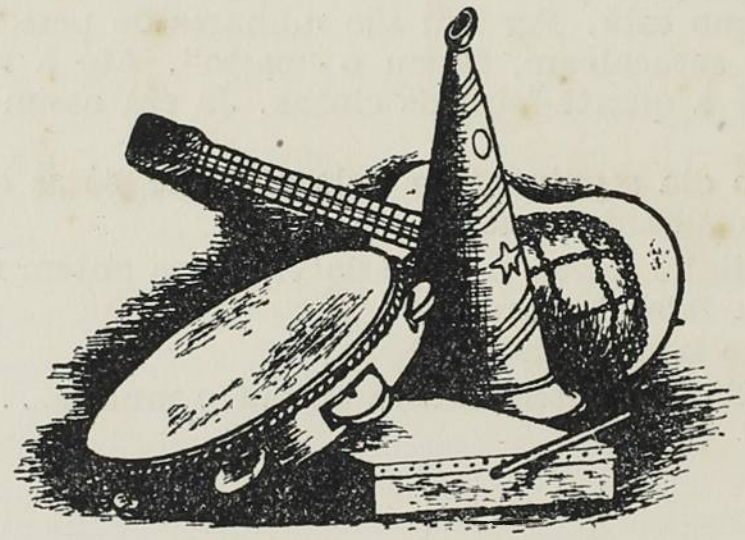
Dois meses antes de Momo, já êsses cordões fazem ensaios à noite, pela cidade. Um ensaio constitui uma amostra saborosíssima do frêvo. Nas redondezas ninguém fica dentro de casa. As calçadas se enchem e, ao passar o cordão, com a sua marcha danadinha de provocadora, o acompanhamento vai engrossando. Cada um segue como está. Por fim são milhares de pessoas que dançam, saracoteam, fazem o "passo". Até à madrugada, até à quarta-feira de cinzas. Já era assim há 30 anos.

E no dia seguinte, em todo o Recife, só se ouviam frases semelhantes a esta:

— Minha negra, o frêvo do Vassoura ontem de noite estava falando boneco!

Como hoje se dirá:

— O frêvo ontem estava do outro mundo...



Depois do carnaval

ALVARO MOREYRA
(1888)

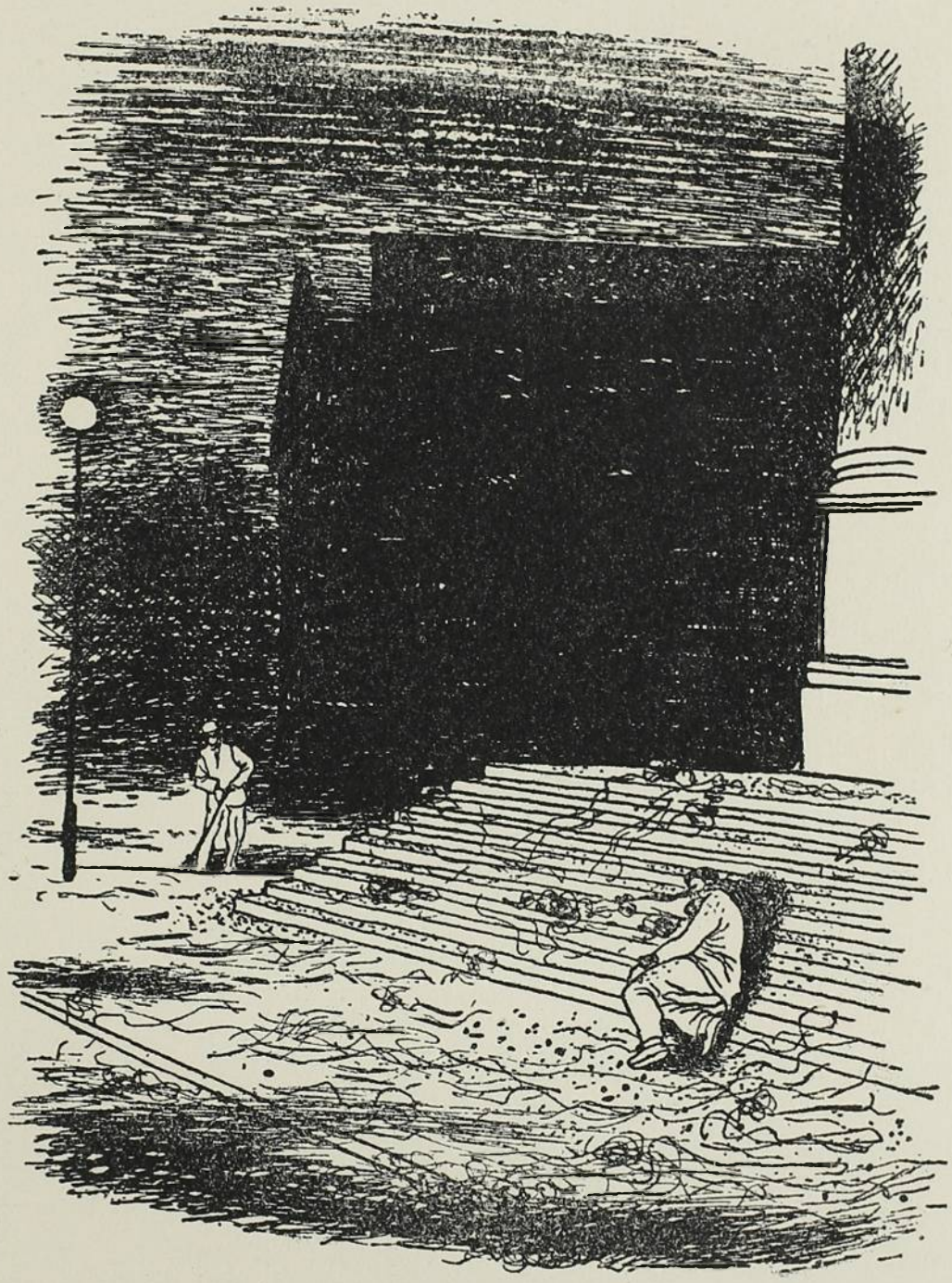
Álvaro Moreyra nasceu em 1888, *em Pôrto Alegre, no Rio Grande do Sul. Êste trecho pertence ao livro "O outro lado da vida..."*

Álvaro Moreyra, numa prosa leve e irônica, refere-se à saudade que acompanha o carnavalesco ao surgir a quarta-feira de Cinzas. Para o cronista, a ilusão e o esquecimento valem a suave melancolia que vem depois do carnaval...

UANDO a quarta-feira de Cinzas apareceu, fatigada, arisca, um homem sereno, que vai envelhecendo resignadamente, acrescentou estas palavras ao jornal da sua vida:

— A beleza das mulheres, quanto mais escondida, mais envolvente é. O que se vê não dá o prazer que dá o que se imagina... As minhas lindas patrícias, nem à beira-mar, nas horas do banho, nem nos bailes elegantes, onde mostram segredos da sua carne, têm o encanto que têm no Carnaval. As fantasias retiram delas a atualidade. Os loups apagam a data das fisionomias. Como eu nasci no século XVIII, ao tempo do rei Luís XV, gosto de andar, sob a graça de Momo, pelos salões de dança, entre serpentinas, em cima de confetes, no meio de um cheiro doido e bom de lança-perfume... E penso, então, em Versalhes, em Mme. Pompadour, naquelas marquesas e naqueles condes... A alegria de todos traz à minha solidão uma longa, suave melancolia... Não importa que, ao fim, retorne à existência real, com as mesmas figuras transitórias... Alguns instantes de esquecimento e de ilusão consolam para sempre... Bendito sejas, Carnaval! Eu te bendigo, nesta pobre manhã silenciosa, eu te bendigo, velho tonto e feliz: pelo prazer que derramas nas criaturas, pela saudade que deixas... Eu te bendigo, embora sinta daqui os olhos de Voltaire postos em mim, fixos, irônicos, e talvez um pouco tristes...

Carnaval, não serás tu o jardim de Candide?



Carnaval

CARLOS CHIACCHIO
(1889)

Carlos Chiacchio nasceu em 1889, *na cidade de Januária, Estado de Minas Gerais. Êste trecho é do "Ciclo de festas populares da Bahia".*

Analisando os elementos exteriores do carnaval, os elementos que lhe dão colorido e brilho — os sons e as máscaras — Carlos Chiacchio concede, à festa de Momo, a finalidade larga e muito humana do riso amplo, livre e espontâneo.

CLARINS. A boêmia teve os seus dias de ouro. Três dias. A boêmia, côr de rosa, de unhas polidíssimas. A boêmia, côr de chumbo, taciturna, de calos duríssimos nas mãos. Três dias. As guizalhadas de Pierrô, os saracoteios de Colombina e as astúcias amorudas de Arlequim. Não há sair dêsses símbolos eternos. O demônio toma asas de anjo, e espalmadas lentejoulas de sol, estonteadoramente, sôbre o turbilhão das almas prontas para o riso, para o gôzo, para o amor... E' o ritual bizarro em que se confundem os esperneios da miséria gaiata das ruas com os dulcíssimos aconchegos da ventura do álcool. Ninguém, como tu, meu irônico Arlequim, para saber dar majestades à tristeza contingente. És o maior colorista dos aspectos humanos. Quando mesmo se te apertam as vísceras, exigentes do pão cotidiano, mal desponta o sol carnavalesco atando a máscara de coral sangrento (que te importam desigualdades naturais?) saltas do teu leito de Procusto, cnde dores te agrilhoaram, por trezentos e tantos dias, saltas por cima dos preconceitos sociais, das regras, dos rótulos, dos cânones, dos milhões de hipocrisias e convencionalismos cômodos do mundo, e vens a rir, a rir como qualquer, ao lado do Bôbo do Bombo, instrumento em forma de mundo truncado nos polos. Bravo do Bôbo do Bombo, e do meu Arlequim filósofo. Eu vos saúdo aos tons gloriosos dos clarins do dia.

Guizos. Há, porém, no estonteamento estrídulo dessas festas da carne e da loucura, a persistente nota dos avisos estranhos. Quem acaso se afoite às caminhadas longas por essa "selva escura" de Dante, de qualquer coisa se tema, sutil, íntima, pequenina. Trêmulo tinido das missangas de metal, êsses pequeninos crótalos zarelhantes que lhe brincam nos pés, nas mangas, nas calças, nos gorros, por todos os floreados de sêda, dos lindos travestidos, são como um sinal sonoro de discrição no riso. Marcam notas comedidas, sem vôos, nem surtos, humildes, fracas, tênues, como rasteiro ritmo da nossa alegria, ali que não vá saltar, desmesuradamente, os limites necessários à sua condição fisiológica. Porque, tão frágil se ostenta o dom superior de rir contente que, se nos falha o diapasão na gama para logo a dor, a negra intrusa dos nossos prazeres, aí está presente no úmido negrecer das pálpebras. Lábios e pálpebras são vizinhos, como as fronteiras fatais das loucuras que aí vão... Nem há côres, por mais sábias das palhetas pinturescas que se fixassem nas infinitas ondulações das suas cambiantes. Sòmente os sons. Certo, foi um músico genial, êsse, que fêz os primeiros guizos. Os guizos, risos soltos que voam...

Bombos. O Carnaval é o delírio das imagens em liberdade. A delícia das côres, e capricho das côres, a volúpia das côres. Rio policromo de trapos volantes, vivos, felizes, a alma humana rola cantando pelos clarins, pelos guizos, pelos bombos. O bombo é uma hipertrofia nacional dêsse prazer. O bombo é o cômico instrumento dos ridículos balofos dos bufos. O bombo, a expressão universal dêsses três dias de algazarra e estouro. Já mal penso que está aí o Carnaval, já essa figura suburbana do Zé-Pereira, a popularíssima criação espontânea da algazarra sem freios, aí rataplana os seus rábidos tambores infernais até que se lhe partam as cordas e se lhe rompam os couros cabeludos da mosmice. O riso, ao contrário do pensar de muita gente, é coisa muito nossa nas horas mais amargas da vida, por isso que, em vez do canto fúnebre das lágrimas, muito melhor nos fala à alma êsse azoar de bombos sob as loucas percussões das maçanetas. O bombo é um símbolo nacional.

E máscaras. A máscara é o nível do espírito de tôda gente. Não há imbecil que se não queira gênio. Não há papalvo que se não sinta rei. A estupidez dissimula-se, engalanada em máscara. E' o todo — o — mundo. E' o todo — o — aquêle. E' a tôda — a — gente. Nivelamento geral. Regime ruidoso do qualquer. Máscaras de papel em côres. Máscaras de carne em polvilhos. Mas tudo máscaras, como é de praxe entre os homens. Ai de nós se não fôsse então a mascarada necessária ao bem estar da espécie. Máscaras, precisam-se afiladas, senão ricas em substância, pelo menos suficientes em exterioridade. Há quem proclame o imperativo das máscaras, como estímulo da união entre os espíritos. Diz-se ainda que, se não fôra a hipocrisia, que doura as ações humanas do pó mistificador da carnavalia, nesses três ou trezentos e tantos dias de riso convencional, certo, a humanidade teria que estourar do mal recalcado das conveniências respeitáveis, que pela válvula da máscara se desatam em desforras lícitas, amáveis, oportunas. Rir, com ou sem máscara, é, pois, uma função exonerante de peçonhas coletivas. Nem de outra forma se poderá entender a instituição de Momo, o higienista, por excelência, das tristezas e despeitos contra a vida tirânica. Vamos, então, amigos meus, ao riso amplo, largo, livre (sem máscara) como o instinto mesmo da alegria, condição da fôrça, da saúde e da paz. Vamos rir, sem magoar. Rir, por um ato de amor. Rir a bom rir. Fraternalmente.

A evolução da família

JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO

Êste trecho pertence ao livro "Mundo, Diabo e Carne"

O carnaval tem uma virtude; anualmente rói uma série de preconceitos. Mas certamente na alucinação dos dias carnavalescos muita moral convencional é ofendida. Patrocínio Filho procura nesta crônica, com malícia e ironia, traçar a evolução da família sob a influência do carnaval.

CARNAVAL ia acabar.

Já não restava na Avenida nada daquela excitação, em que, ao som profundo dos zé-pereiras, ao ritmo amaxixado da música dos ranchos, a multidão pulava, corria, apalpava-se, vozeava, num efusivo delírio.

O povo recolhia em teorias fatigadas, apinhado nos bondes.

Longínquo e saudoso, ouvia-se, espaçado, o toque de um clarim.

Todavia, grupos de raparigas e rapazes, encaminhando-se para casa, tentavam superar a fadiga, cantando em côro:

"Na minha casa não se racha lenha,
Não abunda água, não se pica fumo..."

Eram quase três horas da madrugada.

Pela soleira das portas, mascarados exaustos, ou bêbedos, jaziam derreados, esfregando um pé descalço...

As serpentinas, os confetes, no chão, já eram lixo e lama.

Fomos ao **High-Life Club.**

Em vão... Já estava no fim, aí também, o Carnaval. A concorrência combalida por quatro dias consecutivos de renhidos combates de confete e de lança-perfume, tentava angariar a derradeira champanha em tôr-

no às mesas de bacará. A música desfalecia no jardim, tocando arrastadamente no coreto um repertório sonolento.

Tudo ia resvalando aos poucos para as cinzas quaresmais da quarta-feira...

— Adeus... Até pró ano! Vamos dormir?

— Vamos... Isto está chôcho: não tem futuro...

Neste momento, porém, entrou pela sala em que estávamos um bando alacre de Pierrôs — se é que Pierrôs podem ser rubros...

Foram uma rajada! Virando as cadeiras, desarrumando as mesas, vociferando e rindo, como se as amargas traições de Colombina fôssem apenas uma fábula italiana...

Verdade é que nesse grupo, Colombina, em maioria, se travestira das vestes do lírico trovador... À orla das largas pantalonas rubras, apareciam, moldados na sêda transparente das meias pretas, finos, nervosos tornozelos, como os da égua de raça de que nos fala o varão sensual do **Cântico dos Cânticos**... Sob as largas vareuses de sêda desenhavam-se rins esculturais, enquanto seios túmidos e rijos saltavam como cabritos, cabriolando no rodopiar das danças.

Àquela hora da madrugada, na sala quase deserta daquele clube suspeito, não se podia contar com êsses surtos espontâneos de juvenil folia: mesmo durante o Carnaval as profissionais da vida alegre são melancólicas e lerdas, no Brasil... De sorte que o cabaré só com espanto se animou ao contato febricitante dessa alviçareira mocidade que o invadira.

A música, no jardim, a grande refôrço de zabumbas, rompeu imediata e repinicadamente num maxixe comunicativo. E os rubros palhaços, aceitando pares, saíram a requebrar com entusiasmo, abalroando com os garções e com as mesas, que ruíam num grande estrondo de louças!

Depois romperam os cantos, as vivas coplas apimentadas do estro efêmero e anônimo de Momo:

"A Bahia é boa terra...
Ela lá e eu aqui!"

A noite ressuscitou. Recomeçaram as danças, espocaram champanhas, os notívagos e as cocotes desceram todos do bacará, a festejar, a admirar aquela inesperada juventude apetitosa, aquela alegria audaz e sem medida.

Só saímos de lá com o sol de fora!

Pelas ruas melancólicas das seis já havia gente a caminho do trabalho... Nós íamos para as ostras, em automóveis buzinantes e rápidos.

No mercado, porém, mal abancamos no "Garôto", reclamando bucelas e moluscos, um guarda-civil austero nos intimou a retirar as máscaras.

Discutimos. Protestamos com energia. Mas as ostras já estavam servidas e, diante do categórico "são ordens", o Carnaval acabou: as máscaras caíram.

Passou-se então uma coisa muito mais surpreendente que tudo quanto ocorrera na ressurreição da noite, no clube desolado onde os **clowns** rubros tinham entrado como uma rajada de excitação: as carantonhas que víramos durante tôda a madrugada, rindo alvarmente com os seus grossos lábios bestiais de papelão, recobriam os rostos amarrotados pela pândega, mas juvenis e patrícios, de algumas estonteadoras senhorinhas.

E ali, nas ostras, como num salão honesto, um pouco contrafeito, mas estimulado pela audácia de alguns pares travessos de olhos amendoados e negros, um dos **clowns**, em cuja face espinhava uma forte barba de quatro dias, apresentou-me cortêsmente:

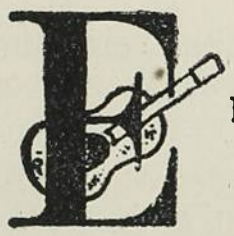
— Minhas manas...

Carnaval - 1910

GRACILIANO RAMOS
(1892)

Graciliano Ramos nasceu em 1892, *em Quebrângulo, no Estado de Alagoas.*

Foi na sua terra alagoana que Graciliano Ramos apanhou êstes instantâneos tão expressivos de um carnaval antigo de província, com todos os seus aspectos peculiares, alguns já desaparecidos, outros já evoluídos e modificados.



ERAM três dias bem desagradáveis. Sujeitos precavidos fechavam-se, olhavam suspeitosos a rua, mas isto não os livrara de pesares: se se distraíam, inundavam-nos jatos de água suja. Iam mudar a roupa, furiosos. Avizinhavam-se depois das janelas, atentos aos moleques armados de bisnagas enormes de bambu. Além dêsses inimigos, havia os indivíduos que traziam, em mochilas, pacotes de alvaiade, zarcão, ocre, tintas de tôdas as côres, com que se pintavam os transeuntes.

Um doutor verboso declamava discursos irados nas esquinas, referia-se aos selvagens, aos tupinambás. Ninguém lhe dava importância — e a zanga esfriava. Bem, agora, molhado, não valia a pena recolher-se. O jeito que tinha era entrar na função, tornar-se também selvagem, vingar-se, provocar outras indignações e arrastar para a folia os amigos cautelosos.

Animavam-se todos e perdiam a compostura, acabavam achando aquilo interessante. Alguns viam perfeitamente que estavam fazendo maluqueira e desregravam-se com moderação, quase a pedir desculpas encabuladas à cidadezinha pacata. Homens graves, pais de família, tisnados, bebendo, aos gritos. Mau exemplo, doidice. Na quarta-feira retomariam a sisudez necessária.

Cadeiras nas calçadas. Meninas sérias e bicudas reprovando os excessos, sacudindo com espanto e enjôo as cabeças, onde se arrumavam papelotes. Não se contami-

navam, estavam livres da pintura, dos banhos, de atracações perigosas: comportavam-se direito, como se aguardassem a passagem da procissão. Rapazes ousados atiravam nelas esguichos dágua de cheiro e eram mal recebidos. Muchôchos. Que assanhamento! Nada de confiança. Brincadeira com moça findava na igreja ou rendia pancada. Os desejos não se escondiam sob nuvens de confete, não se amarravam com serpentinas, não se excitavam com éter.

Ainda se desconhecia o automóvel. A gente escassa pisunhava nas barrocas do calçamento ruim, equilibrava-se nas pedras pontudas.

As negras se haviam tingido com papel vermelho molhado. E andavam tesas para não desmanchar os enfeites do pixaim, branco de fiapos.

De longe em longe desfilavam parafusos, tipos envoltos em numerosas anáguas que se iam encurtando As de cima, perto do pescoço, eram camisas de crianças. Êsses espantalhos andavam inchados por dentro e por fora pacholas, cobertos de renda engomada.

Papangus vagabundos enrolavam-se em sacos de estopa, sujos, as caras escondidas em fronhas, as mãos calçadas em meias.

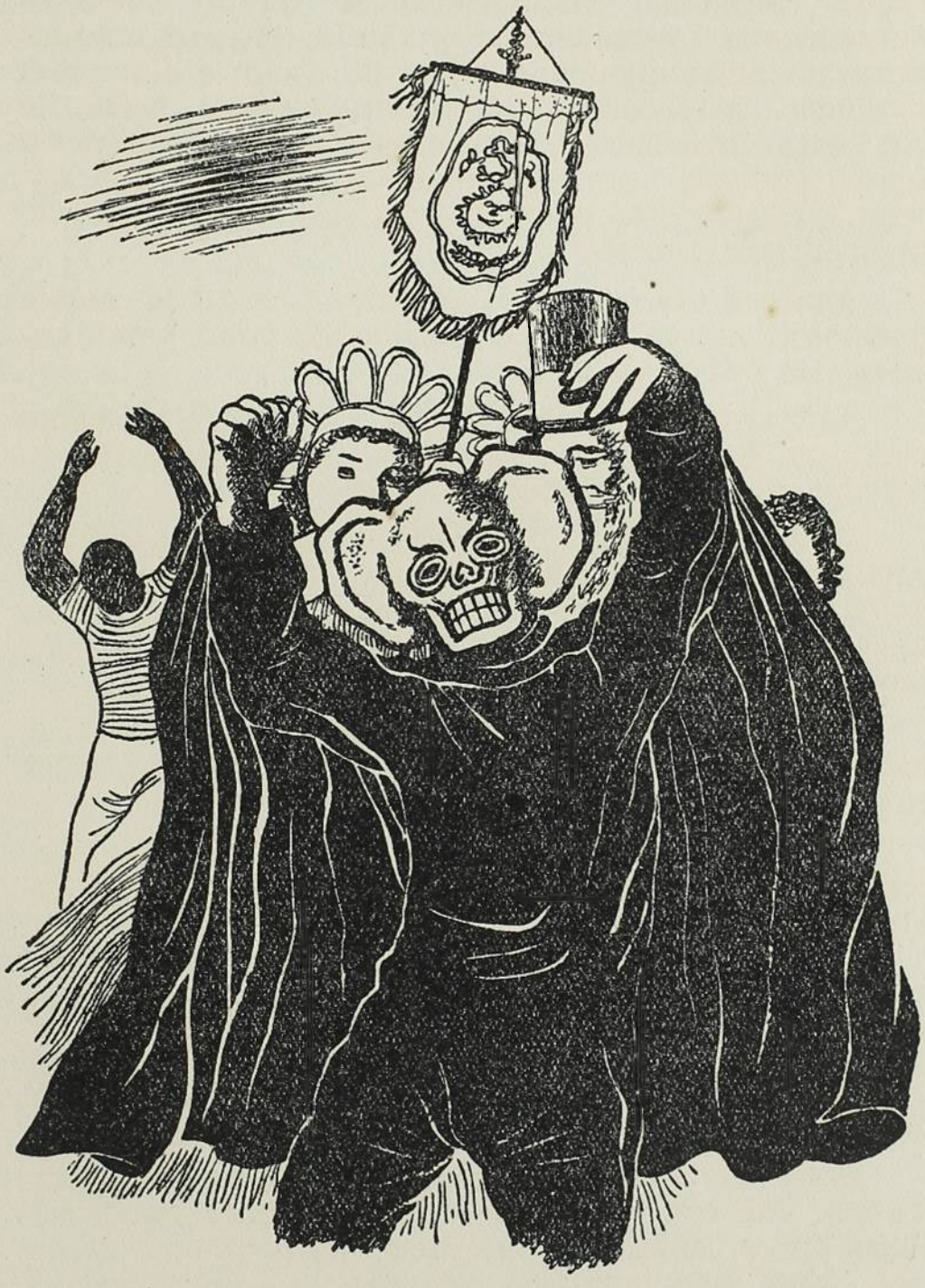
Bôbos de máscaras horríveis se esforçavam por aterrorizar os meninos. Gingavam, falavam rouco e fanhoso:

—Você me conhece?

Se não conseguiam disfarçar-se, recebiam vaia e ficavam arreliados.

O índio, de penacho e tanga, era personagem obrigatória e silenciosa.

Passava o cordão, levantando poeira, causando entusiasmo. Um frêvo decente em redor do porta-bandeira. Repetiam-se cantigas de dez anos sem nenhuma alteração, muito bem ensaiadas. As figuras marchavam na disciplina; o homem da maromba conduzia o bando, importante; papai velho exibia vaidoso a cabeleira de algodão e as longas barbas de espanador; o morcêgo, na frente, fazia piruetas, agitando as asas de guarda-chuva.



Mascarados solitários produziam hilaridade com pilhérias antigas e ditos grosseiros, inconvenientes. Outros, reunidos, firmavam as críticas, motivo de receios e alarmas. Alusões a notáveis acontecimentos do lugar, comentários a fatos melindrosos e particulares, mexericos tolos, sem graça nenhuma. Criavam-se inimigos. E às vêzes se liquidavam contas velhas.

Um cidadão espiava o morcêgo e o parafuso, de longe. Dois ou três embuçados musculosos entravam-lhe em casa, batiam-no a cacete. Berros, súplicas, sangue, apitos, sumiam-se na festa. Ninguém sabia donde vinham as pauladas — e era bom evitar opiniões. No ano seguinte as críticas seriam menos ofensivas.

A morte da porta - estandarte

ANIBAL MACHADO
(1895)

Aníbal Machado nasceu em 1895, *na cidade de Sabará, Estado de Minas Gerais.*

Uma tragédia passional, na moldura carnavalesca da Praça Onze, no Rio de Janeiro, é o tema dêste primoroso conto de Aníbal Machado, onde a emoção mais funda nasce do contraste entre o crime e o ambiente.

UE adianta ao negro ficar olhando para as bandas do Mangue ou para os lados da Central? Madureira é longe e a amada só pela madrugada entrará na Praça à frente do seu cordão. O que o está torturando é a idéia de que a presença dela deixará a todos de cabeça virada, e será a hora culminante da noite. Se o negro soubesse que luz sinistra seus olhos estão destilando e deixando escapar como as primeiras fumaças pelas frestas de uma casa trancada onde o incêndio apenas começou!... Todos percebem que êle está desassossegado, que uma paixão o está queimando por dentro. Mas só pelo olhar se pode ler na alma dêle, porque, pelo resto, se conserva misterioso, fechado em sua pele, como numa caixa de ébano. Por que não se incorporou ao seu bloco? E por que não está dançando? Há pouco não passou uma morena que o puxou pelo braço convidando-o? Era a morena do momento, devia tê-la seguido... Ah, negro, não deixes a alegria morrer... E' a imagem da outra que êle não tira do pensamento, que não lhe deixa ver mais nada. Afinal, a outra não lhe pertence ainda, pertence ao seu cordão; êle não devia proibi-la de sair. Pois ela já não lhe deu tôdas as provas? Que tenha um pouco de paciência: aquêle corpo mais tarde será dêle, não há dúvida. Já lhe foi prometido. Andar na Praça, assim, todos desconfiam... Quanto mais agora, que estão tocando o seu samba... Êle está sombrio,

inquieto, sem ouvir a sua música, na obsessão de que a amada pode ser de outro, se abraçar com outro... O negro não tem razão. Os navais não são mais fortes que êle, nem os estivadores... Nem há nenhum tão alinhado. E Rosinha gosta é dêle, se reserva para êle. Será mêdo do vestido com que ela deve sair hoje, aquêle vestido em que ela fica maravilhosa, "rainha da cabeça aos pés"? Sua agonia vem da certeza de que é impossível que alguém possa olhar para Rosinha sem se apaixonar. E nem de longe admite que ela queira repartir o amor.

Pela primeira vez o negro fica triste.

E está até amedrontado com as ameaças da noite, com essa Praça Onze que cresce numa preamar louca. A Praça transbordava. Dos fluentes que vinham enchê-la eram os do norte da cidade e os que vinham dos morros os que traziam maior caudal de gente. O céu baixo absorvia as vozes dos cantos e o som em fusão de centenas de pandeiros, de cuícas gemendo e de tamborins metralhando. O negro, indiferente à alegria dos outros, estava com o coração batendo, à espera. Só depois que Rosinha chegasse começaria o seu Carnaval. O grito dos clarins que produz um estremecimento nos músculos e um estado de nostalgia vaga; de heroísmo sem aplicação. O' Praça Onze, ardente e tenebrosa, haverá pontos no Brasil em que por esta noite sem fim haja mais vida explodindo, mais movimento e tumulto humano, do que nesse aquário reboante e multicor em que as casas, as pontes, as árvores, os postes, parecem tremer e dançar em convivência com as criaturas e a convite de um Deus obscuro que convocou a todos pela voz dêsse clarim de fim de mundo?... A Praça inteira está cantando, tremendo. O corpo de Rosinha não tardaria a boiar sôbre ela como uma pétala. O povo dá passagem aos blocos que abrem esteiras na multidão entre apertos e gritos.

— "Isso não é assim à bessa, Jerônimo! Cuidado com ela, é virgem..."

Rompem novos cantos. Os "Destemidos de Quintino", os "Endiabrados de Ramos" estão desfilando. Há correria do povo para ver. Os companheiros se separam, as filhas perdem-se das mães, as crianças se extraviam. Acima das vagas humanas os estandartes palpi-

tam como velas. E é pela ondulação dessas flâmulas que cs que não podem se aproximar deduzem os movimentos das porta-estandartes.

Não se vê o corpo delas, vê-se o ritmo dos passos que elas transmitem ao pano alto. Mas era como se fôssem vistas de corpo inteiro, tão fiel a imagem delas na agitação das bandeiras.

— Oh! aquela lá, que colosso!... E' pena não se poder vê-la: mas é mulata, te garanto...

— Ih, como deve estar dançando aquela do outro lado!... Dezoito anos, com certeza... Coxas firmes... Meio maluca...

— A que está empunhando o estandarte que vem vindo aí é que deve ser do outro mundo. Preta, com certeza.. Veja só como a bandeira se agita, como a bandeira samba com ela...

— Pelo frenesi, a gente conhece logo.

Dezenas de estandartes pareciam falar, transmitiam mensagens ardentes, sacudiam-se, giravam, paravam, desfalecendo, reclinavam-se para beijar, fugiam...

— Imagino como estão tremelicando os seios daquela lá longe; aquela diaba deve estar suando... Êta gostosura de raça!...

— Cala a bôca, Jerônimo. Você acaba apanhando...

Os cordões se entrecruzaram, baralharam os cantos. Vem crescendo agora um batecum medonho de tambores. Um bloco formidável se anuncia. O negro amoroso interpreta os sinais semafóricos do estandarte que está entrando pelo lado da Praça da República. O negro fura a massa, coloca a sua figura enorme em situação de poder ficar bem perto. Apura o ouvido para saber se é o canto do seu cordão. A barulheira é grande. Algumas notas do hino... Sente um arrepio. Ela virá com aquêle vestido? Se entristece mais, à medida que a mulata se vem aproximando numa onda de glória entre alas do povo. Se o negro quiser sair daquele lugar, já não pode mais, se sente pregado ali. O gemido cavernoso de uma cuíca próxima ressoa fundo em seu coração.

— Cuíca de mau agouro, vai roncar no inferno!... Será ela, meu Deus!...

O negro está tremendo. Mas não pode ser ela. Rosinha, quando aparece, ninguém resiste, é um alvorôço, uma admiração geral... Não vê que é assim... Até o ar fica diferente. E o estandarte que vem vindo é de veludo azul, tem a imagem de São Miguel entre estrêlas e as insígnias do cordão. Ainda não é o bloco de Madureira.

O prêto se enganou. Sente-se desoprimido. Foi melhor assim. Pensa em ir embora, desistir de tudo. No dia seguinte, na oficina do Engenho de Dentro, se sentirá leve ouvindo o batido das bigornas e o farfalhar das polias. Se os companheiros perguntarem por que não apareceu, dirá que esteve doente, que foi ao entêrro de algum parente, de uma tia, por xemplo. Está mesmo disposto a voltar para casa. Que o tomem por decadente, se quiserem... Se Rosinha desobedecer e vier à Praça, não faz mal. Está também disposto a não se importar... Nem indagará se ela fêz sucesso, se alguém mais se apaixonou por ela, se o Geraldo continuou com aquelas atenções, aquêle safado. Amanhã, no trabalho, recomeçará a vida, será livre novamente. Rosinha que venha procurá-lo depois. Êle é homem e é forte. O que vale no homem é a vontade. Além disso, uma noite corre depressa. Êle enfiará a cabeça debaixo do travesseiro e a desgraça passará. Apelará para o sono. Já está até com vontade de dormir. Entretanto, não seria mal que caísse uma tempestade. Ao menos assim Rosinha deixaria de vir à frente do cordão... Oh! como gostaria, como estava torcendo por um temporal que estragasse o vestido dela! Daqueles que inundam tudo, derrubam as casas, param os bondes, trazem uma desmoralização geral. No fundo está até com ódio do Carnaval. Perto, estão tocando um samba de fazer dançar as pedras. Todos se mexem. Só quem está imóvel é êle, sob o pêso de uma dor enorme. As mulatas passam perto cheias de dengue, sorriem, dizem palavras. Hoje êle não topa. Se sente mesmo envergonhado de estar tão diferente. Nunca foi assim. No futebol, no trabalho, nas greves, nas festas, era sempre o mais animado. Foi de certo tempo para cá que uma coisa profunda e estranha começou a bulir e crescer dentro de seu peito, uma influência má que parecia nascer, que absurdo! do corpo de Rosinha,

como se ela tivesse alguma culpa. Rosinha não tem culpa. Que culpa tem ela? — essa é que é a verdade. Ela está sofrendo. Os felizes estão se divertindo. Era preferível ser como os outros, qualquer dos outros a quem ela poderá pertencer ainda, do que ser alguém, como êle, de quem ela pode escapar. Uma rapariga como Rosinha, a felicidade de tê-la, por maior que seja, não é tão grande como o mêdo de perdê-la. O negro suspira e sente uma raiva surda do Geraldão, o safado. Era Geraldão, pelos seus cálculos, quem estaria mais próximo de arrebatar-lhe a noiva. O outro era o Armandinho, mas êsse era direito, era seu amigo, incapaz de trai-lo. Sentiu um reconhecimento inexplicável pelo Armandinho.

Suas pernas o vão levando agora sem direção. Êle se acha a caminho de casa, nem se sente completamente na Praça. Alguns trechos de sambas e marchas lhe chegam aos ouvidos e lhe pousam na alma:

O nosso amor
Foi uma chama...
Agora é cinza,
Tudo acabado
E nada mais...

Tudo acabado, tudo é tristeza, caramba!... Cabrochas que fogem, leitos vazios, desgraças. Nunca viu tanta dor-de-corno. Não nasceu para isso, nem tem vocação par sofrer. Os sambas o incomodam. Por que não está dançando como os outros? O negro está hesitante. As horas caminham e o bloco de Madureira é capaz de não vir mais. Os turistas inglêses contemplam o espetáculo a distância, e combinam o mêdo com a curiosidade. A inglêsa recomenda de vez em quando: — "Não chega muito perto, minha filha, que êles avançam..." — A mocinha loura pergunta então ao secretário da Legação se há perigo. — "Mas êles são ferozes?" — "Não, senhorita, pode aproximar-se à vontade, os negros são mansos." — A baiana dos acarajés se ofendeu e resmunga desaforos: — "Nóis é que temo mêdo de vancês, seus cara de não sei que diga: nós não é bicho, é gente!..."

Passa rente aos olhos da miss um torso magnífico de ébano. Ela se perturba, fica excitada, segreda aos ouvidos do secretário, tremendo na voz: — "Eu tinha vontade de dançar com um... posso?" — **"You are crazy, Amy!..."** — exclama-lhe a velha, escandalizada. Mas os turistas agora se assustam. No fundo da Praça uma correria e começo de pânico. Ouvem-se apitos. As portas de aço descem com fragor. As canções das Escolas de Samba prosseguem mais vivas, sinfonizando o espaço poeirento. A inglêsa velha está afobada, puxa a família, entra por uma porta semi-cerrada.

— Mataram uma moça!

A notícia, que viera da esquina da rua Sant'Ana, circulou depois em tôrno da Escola Benjamin Constant; corria agora por todos os lados, alarmando as mães.

— Mataram uma moça! — comentava-se dentro dos bares. — Mataram, sim; mataram uma moça!...

— Que maldade, mataram uma moça assim num dia de alegria! Será possível?... Mas mataram, sim, senhora, garanto que mataram!...

— Como é o tipo dela? O senhor viu?

— Me disseram que é morena, de uns dezenove anos, por aí...

— Morena? Dezenove anos!... Ai, meu Deus! é capaz de ser a minha filha!... Diga depressa como é o resto do tipo dela...

Outra senhora, cheia de pressentimentos, se aproxima do informante:

— O homem que estava com ela era prêto, era? Estava de branco?...

E tinha uma cicatriz? Ai! se tinha, não me diga mais nada... não me diga mais nada! Meu Deus, mataram minha filha!... Nenucha! Nenucha! Cadê Nenucha?...

As mães tôdas se levantam e saem a campear as filhas. O clamor de umas vai despertando as outras. Cada qual tem uma filha que pode ser a assassinada. Rompem a multidão, varam os cordões, gritam por elas. Os noivos são ferozes, os namorados prometem sempre matá-las.

A animação da praça é atravessada agora pelo grito das mães aflitas. A mãe de Nenucha, porém, a primeira

desgrenhada que se levantou, já está de volta ao seu lugar. Voltou porque cruzara com uma que se rasgava tôda em imprecações: — "Laurinha, eu bem te disse que não viesses, o malvado jurou que te matava. Virgem Mãe, mataram minha filha... Eu sei... eu nem quero ver." A mãe de Nenucha transferiu o seu desespêro para a mãe de Laurinha e se acalmou. Mas apareceu uma gorda a dizer, por sua vez, à mãe de Laurinha que a morta era outra, uma pequena de Bangu, operária da fábrica. A fera tinha sido prêsa.

Distante do tumulto mortífero, as outras mães que já haviam arrecadado as filhas, seguraram-nas bem, ao abrigo dos noivos fatais. Eram as que escaparam de morrer, as que tinham sido salvas. — "Mariazinha, que susto tua mãe passou! Não vai lá mais não, ouviu? E' melhor irmos embora, teu namorado está rondando"...

Outras mães, cheias de maus presságios, partiram ainda à procura das filhas.

Uma senhora que recebia a côrte de um português debaixo do coreto, ao ouvir a notícia, largou-se aos berros ainda tôda embrulhada em serpentinas, à procura de sua Odete. Era Odete, com certeza... Nem tinha dúvidas... Dava encontros, punha a mão na cabeça, corria. O povo achava graça, imaginando fôsse um farsante bêbedo. Odete já devia estar numa poça de sangue, esvaindo-se. Foi o namorado! Nunca tirava os olhos dos seios dela, aquêle monstro... Dizia sempre que ela havia de ser dêle. E tinha uma cara malvada, o diabo do homem. Coitadinha de sua Odete... Aquêles seios!... Bem não queria que êles crescessem tanto. Odete também não queria, já estava amedrontada. A mãe corria e soluçava, perguntando a todos onde se achava a filha morta. Era Odete, sim, tinha quase certeza. Caminhava como uma sonâmbula. Falava sòzinha, soltando lamentações. Onde é que Odete estaria caída? E não tirava do pensamento que a desgraça foi por causa dos seios da mocinha... Quem é que não estava vendo? Ela mesma, como mãe, reconhecia que aquêles seios chamavam de mais a atenção. Tinha o pressentimento de que aquilo acabava mal. Até os bondes cheios viravam para apreciá-la quando Odete parava na calçada. Odete, a princípio, coitada, tão inexperiente, se sentia faceira com êles... Depois êles

cresceram mais do que se esperava e ela tomou mêdo. Já produziam escândalo... Foi o demônio que tomou conta daquela parte do corpo de sua filha. Ùltimamente, era um desespêro. A pobrezinha mal podia atravessar a rua, se sentia perseguida pelos homens. E não eram dois nem três que olhavam, não: da porta dos cafés, de dentro dos armarinhos, das sacadas, de todos os lados, todos queriam espiar, ficavam olhando, olhando... Ela passava depressa, envergonhada. Porque sempre foi muito sèriazinha, a sua Odete... Que gente mal educada... Deus nos livre dos homens. Que adiantou o **sutien** de arrôcho?... Foi pior. Ah, meu Deus, haverá mãe que possa dormir tranqüila vendo os seios de uma filha crescerem assim dessa maneira?... Não era entretanto pelo volume — ia considerando obscuramente a mãe — que os seios de Odete atraíam tanto. Era pelo formato, principalmente; mas não ùnicamente pelo formato... Afinal, os seios de sua filha eram bonitos, a própria mãe o reconhecia, mas havia muitos iguais por aí, pensava ela. O que não sabia explicar era que em Odete a atração dos seios provinha principalmente de serem dela, de comporem um conjunto de relações secretas entre as proporções do corpo, o olhar, a umidade dos lábios, as linhas da nuca. E quando ela caminhava é que êles adquiriam a sua plenitude de vida e mistério. Daí o perigo dêles, isto é, de Odete se expôr desamparada ao público numa ocasião como o Carnaval, em que os homens estão sempre excitados e são tão inconvenientes. Daí o fato de todo mundo, quando pensa em Odete, pensar logo nos seios dela, que sempre aparecem primeiro e na frente, como a prôa dos navios...

A mulher caminhava e soluçava. Ah! Odete não tem culpa. Foram os seios, foram... Bem que ela queria levá-la para longe dêsses brutos. Agora, lá vai ela como louca, à procura do corpo de sua filha.

Ela caminha e vê crescendo uma rosa vermelha bem em cima do seio esquerdo de sua Odete. Dá um grito, cai sem sentidos. Dois pretos carregam-na para um bar. Já outras mães vinham de volta trazendo as respectivas filhas bem seguras nas mãos. Deram-lhe o éter a cheirar, abanaram-na. Quando voltou a si, parecia ter saído de um banho de resignação; estava calma como

se tivesse se conformado com tudo o que acontecera. Começa então a declamar a história da filha com o criminoso: conheceram-se num banho a fantasia na praia de Ramos; êle parecia distinto a princípio, tinha emprêgo, dava presentes. Depois... o malvado começou a ameaçar a pobrezinha, a fazer-lhe exigências. Queria que ela não fôsse aos bailes, que usasse blusa larga. Dizia que ela remexia de mais as cadeiras quando caminhava. Proibiu de trazer flor na cabeça, de conversar com os amiguinhos.

— Mas a senhora tem certeza de que foi a sua filha? — interrompeu um mascarado.

— Se eu estou vendo o cadáver dela!... Ah, meu Deus, que dor! Não. Não! Eu quero contar a história dela. Isso me consola...

Fêz uma pausa. Recomeçou depois, mais patética:

— Ainda nem tinha dezoito anos. Uma menina... Bordava que era um gôsto. Todos apreciavam ela... Me ajudava tanto...

Um sujeito vestido de Hailé Selassié escutava comovido. Pouco a pouco a pobre senhora foi percebendo que estava sendo cercada de cavalos, bois e porcos prestimosos, além de um Mefistófeles e alguns Arlequins, que vieram oferecer seus serviços. Essa fauna grotesca afigurava-se-lhe como aparições do reino do pesadelo. Fixou-os de olhos esbugalhados, deu um grito de horror. Êles compreenderam, tiraram as máscaras. De dentro das máscaras surgiram fisionomias cheias de compaixão que se voltavam para ela querendo consolá-la. Alguém disse que a vítima era outra, uma mulata de Madureira, porta-estandarte de um cordão. A mulher não acreditava. Era inútil iludi-la.

Lá fora um côro de vozes perguntava ainda, insistentemente, por certa Maria Rosa:

Cadê Maria Rosa
Tipo acabado de mulher fatal?

E anunciava que ela tinha como sinal
Uma cicatriz,
Dois olhos muito grandes,
Uma bôca e um nariz.

A mulata tinha uma rosa no pixaim da cabeça. Um mascarado tirou a mantilha da companheira, dobrou-a e fêz um travesseiro para a morta. Mas o policial disse que não tocasse. Os olhos não estavam bem fechados. Pediram silêncio, como se fôsse possível impor silêncio naquela praça barulhenta. A última das mães aflitas chega atrasada, atravessa o cêrco, espia bem o cadáver, solta um grito de alegria:

—Ah, eu pensava que fôsse a Raimunda! Graças a Deus que não foi com minha filha!

Saiu satisfeita. Alguns malandros empunhando cavaquinhos foram se afastando, meio desajeitados. Um dêles dava opinião:

— Dor eu não topo, franqueza... Sou contra o sofrimento.

Tentaram pedir silêncio novamente. Uma rapariga comentava, enxugando as lágrimas:

— Só se você visse, Bentinha, quanto mais a faca enterrava, mais a mulher sorria... Morrer assim nunca se viu...

O crime do negro abriu uma clareira silenciosa no meio do povo. Ficaram todos estarrecidos de espanto vendo Rosinha fechar os olhos. O prêto ajoelhado bebia mudamente o último sorriso dela, e inclinava a cabeça de um lado para outro, como se estivesse contemplando uma criança. Uma escola de samba repontava no Mangue. Ainda se ouviam aclamações à turma da Mangueira. Quando o canto se foi aproximando, a mulata parecia que ia levantar-se.

E estava sorrindo como se fôsse viva, como se estivesse ouvindo as palavras que o assasino agora lhe sussurrava baixinho aos ouvidos. O negro não tira os olhos da vítima. Ela parecia sorrir; os curiosos é que queriam chorar. A qualquer momento ela poderia se erguerer para dançar. Nunca se viu defunto tão vivo. Estavam esperando êsse milagre. Ouvia-se uma canção que parece ter falado ao criminoso:

"Quem quebrou meu violão de estimação?
Foi ela..."

Ainda apareceram algumas mães retardatárias rondando de longe a morta.

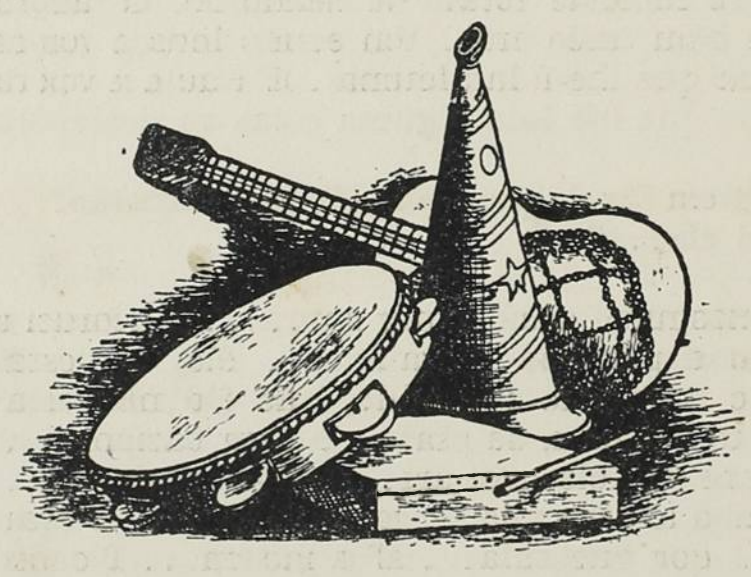
A morta não tinha mãe nem parentes; só tinha o próprio assassino para chorá-la. E' êle quem lhe acaricia os cabelos, lhe faz uma confidência demorada, a chama pelo nome:

— Está na hora, Rosinha... Levanta, meu bem... E' o "Lira do Amor" que vem chegando... Rosinha, você não me atende! Agora não é hora de dormir... Depressa, que nós estamos perdendo... O que é que foi? Você caiu?! Como foi?... Fui eu?... Eu, não! Rosinha...

Êle dobra os joelhos para beijá-la. Os que não queriam se comover foram se retirando. O assassino já não sabe bem onde está. Vai sendo levado agora para um destino que lhe é indiferente. E' ainda a voz da mesma canção que lhe fala alguma coisa ao desespêro:

"Quem fêz do meu coração seu barracão?
Foi ela..."

Que ninguém o incomode agora... Larguem os seus braços. Rosinha está dormindo... Não acordem Rosinha. Não é preciso segurá-lo, que êle não está bêbedo... O céu baixou, se abriu... Êsse temporal assim é bom porque Rosinha não sai. Tenham paciência... Largar Rosinha ali, êle não larga não... Não! E êsses tambores? Ui! que ventania... E' a guerra... Êle vai se espalhar... Por que estão malhando em sua cabeça?... Na bigorna do Engenho de Dentro é assim... Se afastem que êle está lutando por ela... Êle é bamba... Não se massacra um operário dessa maneira... Estão atrapalhando o seu caminho para Rosinha... Se apitam assim, acordam ela... Ela já não está mais presente... Deslizando no éter... Deixem êle passar... Os outros que fiquem no chão... Fiquem por aí... Êle vai tirar Rosinha da cama... Ela está dormindo, Rosinha... Fugir com ela, para o fundo do país... Deitá-la no planalto central!... Abraçá-la no alto de uma colina...



O bloco das mimosas borboletas

RIBEIRO COUTO
(1898)

Ribeiro Couto nasceu em 1898, *em Santos, no Estado de São Paulo. Êste conto é do livro "Baianinha e outras mulheres".*

Os temas carnavalescos sempre atraíram os escritores brasileiros, principalmente os mais modernos. Êste conto é a contribuição de Ribeiro Couto, que nêle fixa alguns aspectos dramáticos e humorísticos da grande festa popular.

OI na véspera do Carnaval que encontrei o sr. Brito. Êle esperava o bonde junto ao Hotel Avenida.

— Boa tarde, sr. Brito!

— Boa tarde!

E, como eu parasse para acender um charuto, o sr. Brito, aproximando-se, pediu com humildade:

— O seu fogo, faz favor?

Estava ali há dois minutos, com o cigarro apagado, à espera do bonde e de um conhecido para emprestar-lhe o fogo. O sr. Brito ouviu dizer, ou leu num almanaque, que o banqueiro Laffite obteve o seu primeiro emprêgo porque o futuro patrão o viu curvar-se para apanhar um simples alfinete. Então faz economias de caixas de fósforos, de cafés, de engraxate. Pode ser que algum capitalista se aperceba disto e o convide para um alto negócio.

Aliás, há uma outra razão para o sr. Brito agir dêsse modo: possui duas interessantes filhas, as duas com vinte anos e pouco, as duas caríssimas, as duas impondo uma importância social que está em absoluto desacôrdo com o modesto cargo que o sr. Jocelino de Brito e Souza ocupa, silenciosamente, no Ministério da Fazenda.

Eram cinco e meia da tarde. Como a multidão nos acotovelasse, convidei o sr. Brito a tomar um aperitivo na Americana. O sr. Brito, aceso o seu cigarro, principiara a lamentar-se; e a conversa, ainda que fastidiosa, excitava a minha curiosidade.

O sr. Brito é dos homens mais notáveis da cidade. Eu é que sei. No entanto, ninguém lhe dá importância. Tem uma obesidade caída, um desânimo balôfo, um desacoroçoado jeito de velho funcionário pobre que se desespera em casa com as meninas. As meninas querem vestidos, precisam freqüentar a sociedade, consomem-lhe todo o ordenado. Ùltimamente, deram para um furor de luxo que não tem medida. E o sr. Brito, triste, cogitativo, anda sempre assim, de fazer dó: os braços cheios de embrulhos, o paletó-saco poeirento, os cabelos grisalhos esvoaçando-lhe pelas orelhas, sob o chapéu de palha encardida.

— Sr. Brito, um vermute.

— Acho bom, doutor, acho bom.

Tem um pormenor impressionante no rosto: as sobrancelhas muito peludas, também grisalhas, como que enfarinhadas de cinza. São agressivas as suas sobrancelhas.

Na pessoa mansa do sr. Brito, êsse ponto enérgico é único, isolado. Tirando as sobrancelhas, todo êle é doçura.

A pêndula do bar martelou seis horas. O sr. Brito, que ia engulir o vermute, teve uma indecisão, o cálice suspenso à bôca.

Li nos seus olhos inquietos esta frase: "As meninas estão à minha espera."

Exatamente. O sr. Brito bebeu o gole e disse:

— As meninas estão à minha espera.

Ah, a minha feroz alegria! O sr. Brito é assim: um homem que eu, há tempos, venho surpreendendo, desvendando. Tomando posse da sua individualidade sem resistência. Estou a ponto de "saber" todo o sr. Brito. Há ocasiões em que, encontrando-o, digo para mim mesmo: "Êle vai falar-me de um artigo tremendo que saiu hoje contra o presidente da República na **Vanguarda**. E' delicioso: o sr. Brito, depois de me apertar a mão, põe-se a conversar sôbre vagas coisas e, de repente, como se obedecesse ao meu comando, pergunta:

— Leu hoje a **Vanguarda?** Que artigo tremendo! Que horror!

Tome outro vermute, sr. Brito.

Sacudiu a cabeça que não.

— As meninas devem estar impacientes.

— E como vão elas?

— Assim, assim. O senhor é que não quis mais aparecer?

(Êle pergunta isso sem o menor interêsse oculto. Sabe perfeitamente que não pretendo casar-me.)

— Muito serviço, não calcula.

— Mas aos domingos, doutor! Uma vez ou outra! Dá-nos sempre muita honra e principalmente muito prazer.

— Obrigadinho, obrigadinho. Hei de aparecer. O senhor sabe que aprecio muito as suas meninas.

— Elas são boazinhas, isso é verdade, gostam de divertir-se, de dançar, de brincar. Não pensam na vida.

Não pensam na vida! Para os seus olhos de pai essas duas interessantes princesas de arrabalde não pensam na vida. E elas não pensam senão na vida! Tratam exclusivamente de suas preciosas pessoinhas, dos seus preciosos projetos de casamento, do seu precioso luxo que custa as lágrimas secretas do pai desconsolado.

— Faça favor, beba outro.

Aceita. E expõe o seu caso de hoje, o caso que eu há vinte minutos estou esperando, como um caçador mau, de emboscada:

— Não avalia as dificuldades que passei de ontem para cá! Imagine que era necessário arranjar um conto de réis e eu não encontrava agiota nenhum que me quisesse emprestá-lo. Afinal, sempre convenci o Morais, aquêle da rua da Misericórdia, que por sinal todos os meses já me rói metade do ordenado. Esta vida, meu caro doutor!

— Sei o que ela é, sr. Brito. Também eu tenho os meus apertos.

O vermute o perturbou um pouco, predispondo-o para a confidência. Continuo insinuando a expansão, pelo meu ar atento, pelo meu todo solícito, pelas minhas frases curtas que deixam sempre uma ponta, para o sr. Brito emendá-la com o que tem no íntimo.

— As meninas morreriam de tristeza se eu não conseguisse nada.

— Ah!

— O senhor sabe, são moças, querem divertir-se.

— E' natural!

— O Carnaval faz todo mundo perder a cabeça. O senhor compreende: qual é o pai que, numa ocasião destas não fará um sacrifício?

— Justo!

Pedi mais dois vermutes ao **garçon**.

— Êsses empréstimos abalam muito a bôlsa de um homem, sr. Brito.

— Um horror. Nem fale.

— Mas obteve, então?

Toma um gole. Chupa os beiços, enxugando-os. E desabafando:

— Ah, felizmente!

— Meus parabens sinceros.

Sorriu, feliz. Seus olhos, debaixo das obrancelhas crespas e peludas, cintilaram contentes. As filhas morreriam de tristeza se não tivesse arranjado! Tomou outro gole.

Tive uma sensação inefável de naver ganho a tarde.

— Sr. Brito, há de me dar licença...

— Pois não, pois não!

Paguei a despesa, levantei-me. Êle bebeu o resto do cálice e levantou-se também, sobraçando os embrulhos. Senti que ia dizer-me qualquer coisa ainda sôbre as meninas, sôbre o Carnaval, sôbre aquêles embrulhos, sôbre o empréstimo...

— Elas estão ansiosas. Está vendo isto? São as fantasias que já haviam escolhido na cidade. E caixas de lança-perfume. E confeti.

— E serpentinas.

— Tudo!

O sr. Brito, na sua ternura, ter-me-ia abraçado se não fôssem os embrulhos.

— Não sabe o que é ter duas filhas, dois anjos como eu tenho!

O bonde da Gávea parara para o assalto dos passageiros. O sr. Brito ia precipitar-se, mas uma idéia lhe fuzilou no cérebro:

— Não quer tomar parte no bloco das meninas?

Desta vez o sr. Brito me apanhara de surprêsa. Não gostei. Aquilo me escapara.

— Ah, elas organizaram bloco êste ano?

— Alugamos um auto-caminhão. Elas se lembraram do senhor, mas tinham perdido o telefone da sua pensão. E eu ia-me esquecendo, que cabeça! E' o Bloco das Mimosas Borboletas. Então, vem?

O bonde partia, campainhando.

— Telefone para lá!

Falou isso correndo, querendo voltar a cabeça para mim e ao mesmo tempo preparar o pulo sôbre o estribo. Pulou. Dependurado, com os embrulhos lhe atrapalhando os movimentos, era sublime o sr. Brito. E o bonde virou a esquina da rua São José, levando a bondade, a ventura, o êxtase daquele pai. O Morais, da rua da Misericórdia, estava na porta da Brahma, torcendo os bigodes.

Devo tomar parte no Bloco das Mimosas Borboletas?

Quarta-feira de Cinzas eu entrava tranqüilamente num café, quando o sr. Brito surgiu, súbito. Quase nos abalroamos.

— Oh, sr. Brito! Vamos a um cafèzinho?

Estendi-lhe o braço procurando envolvê-lo pelo ombro. Êle tentou esquivar-se, esboçando uma recusa frouxa. Insisti com veemência e êle entrou, afinal, sombrio.

Observei-lhe que o laço da gravata estava desfeito. Teve um gesto nervoso, apalpando o colarinho e o peito da camisa, como se aquilo lhe tivesse feito lembrar qualquer coisa desagradável ou dolorosa.

Tive receio de pensar o que êle iria dizer-me... Aquêle desleixo na gravata era significativo. Eu sabia que era Lalá, a mais velha, quem lhe dava o nó, tôdas as manhãs. Êle ia dizer... Não, o senhor Brito desta vez não disse nada.

Então puxei conversa.

— Divertiu-se muito na Carnaval?

Deu de ombros, molemente, num desânimo de vida. E, puxando um cigarro de palha do fundo do bôlso do

paletó, fêz-me com os dedos trêmulos o gesto de pedir fósforos.

Minutos escoaram-se. Não tínhamos assunto. Era mais prático nos despedirmos.

— Bem, sr. Brito, vou aos meus negócios.

Segurou-me pelo braço. Tive um choque. A revelação ia sair.

Passaram-se ainda uns momentos de silêncio. Perguntou-me, enfim:

— Por que não quis tomar parte no nosso bloco?

— Ora, sr. Brito, eu não sou carnavalesco. Acredite: não saí de casa os três dias.

— Pois lamentei, lamentei muito a sua ausência.

— Ora, por que, senhor Brito?

— O senhor é um moço sério. Se o senhor tivesse vindo, olharia pelas minhas filhas.

Senti um susto e uma pérfida vontade de rir. Tive a impressão do ridículo e, ao mesmo tempo, de um vago drama palpitante. As sobrancelhas do sr. Brito, um instante fitas em mim, moviam-se agora, acompanhando um tique nervoso de piscar, indício de comoção.

— Muito agradecido pela confiança, senhor Brito. Porém, não sei se sou digno.

— Sei eu, sei eu.

Comecei a ficar impaciente.

— Que houve de extraordinário, sr. Brito?

— Imagine o senhor que ontem, último dia, como estivesse com os meus rins muito doloridos, não pude acompanhar as meninas ao carro. Sabe, os meus rins...

— Sei, senhor Brito.

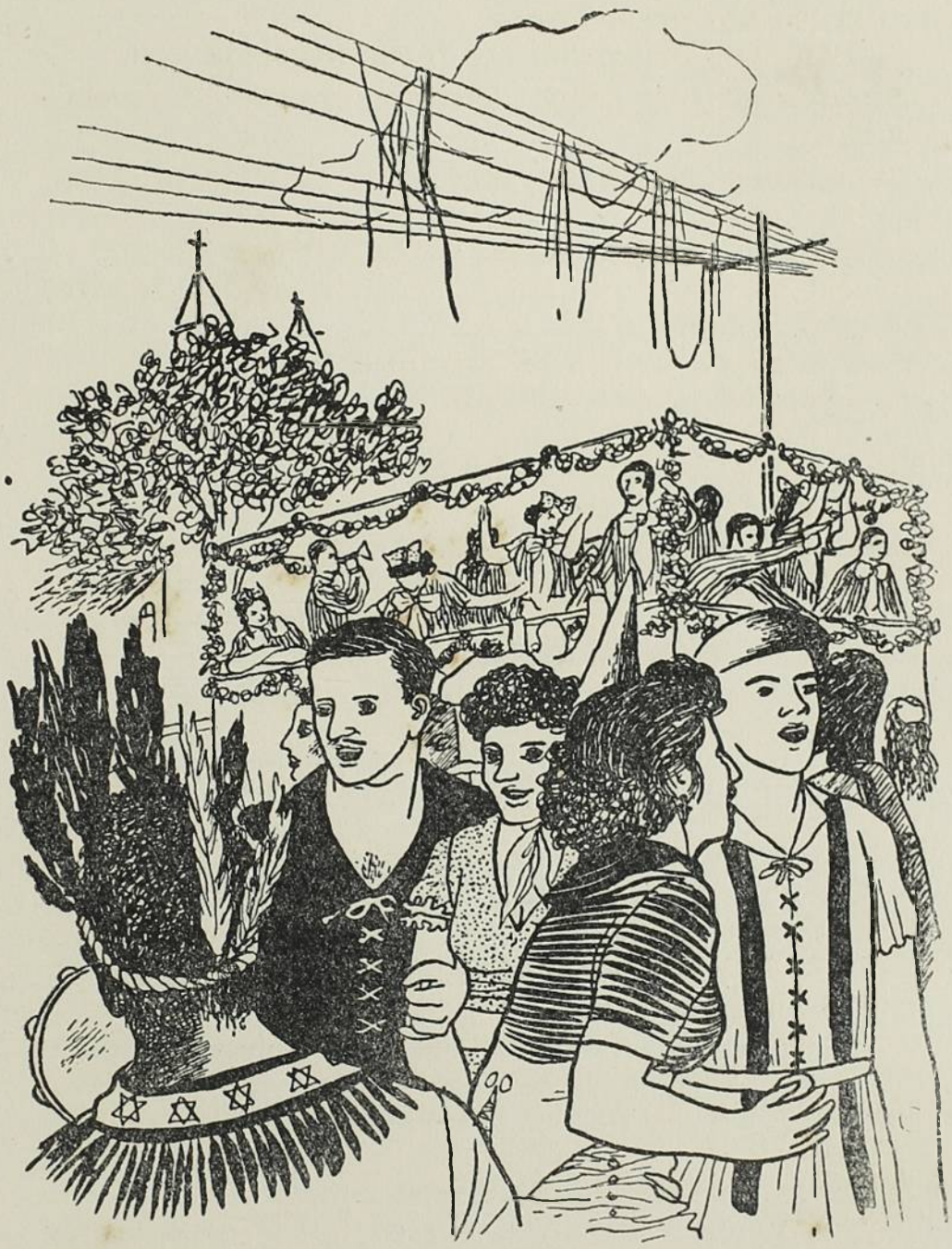
— O bloco era grande, umas trinta pessoas. Enfim, havia o Gomes, da minha repartição. O Gomes com a senhora. Fiquei tranqüilo por êsse lado e confiei-lhe as meninas. Sabe, os rapazes me pareciam distintos, mas nunca é bom confiar de mais.

— Claro.

— Pois meu caro, não lhe conto nada: até esta hora as meninas ainda não voltaram.

— Oh, senhor Brito!

— O Gomes está abatido. Diz que não sabe como é que elas escaparam das vistas.



No rosto tranqüilo do sr. Brito os olhos, sempre doces, faiscaram de dor. As sobrancelhas tremeram-lhe.

— E' verdade o que me diz?

— Des-gra-ça-da-men-te!

Caiu-lhe a cabeça sôbre o peito, no desconsôlo da calamidade. Não tendo o que dizer (e já um pouco arrependido de não haver tomado parte no bloco, mas por motivos inconfessáveis) reuni tôdas as minhas cóleras contra aquêle Gomes:

— Porém, senhor Brito, êsse sujeito, êsse Gomes, é um patife!

O sr. Brito fêz com a cabeça que não, que o Gomes não era um patife. E disse devagar, com tristeza:

— A mulher dêle também até agora não chegou em casa.

---

famos pela rua cheia de povo barulhenta e feliz.

— Senhor Brito, cuidado com êsse auto.

Atravessamos.

Eu tentava qualquer coisa em prol daquela dor:

— Sossegue. Elas dormiram com certeza em casa de amigas.

— Ninguém sabe delas.

— Paciência, senhor Brito, paciência. Talvez já estejam em casa, até.

Barafustamos por um telefone público. Esperamos um momento até que dona Candinha (irmã solteirona e velhusca do sr. Brito, que criara as meninas, sem mãe, desde cedo) atendeu do outro lado do fio.

— Elas já chegaram? — rompeu o sr. Brito, com a voz gritada e comovida, ansioso da resposta.

Largou o fone no gancho, sem ânimo.

— Vamos embora, doutor. Não apareceram! Não há notícias!

E fomos para o **Jornal do Brasil**. No balcão da gerência o sr. Brito redigiu com letra trêmula o anúncio: "Um conto de réis — Gratifica-se com um conto de réis a quem der notícias positivas sôbre o paradeiro de duas moças que ante-ontem, vestidas à século XVIII, tomaram parte no Bloco das Mimosas Borboletas, da Gávea. Dirigir-se à rua República de Andorra, n.º 7."

O empregado do jornal pegou o anúncio, leu-o, teve um sorriso discreto e fêz a conta.

O sr. Brito pagou o anúncio e saímos.

Na rua teve uma idéia repentina:

— E' verdade, onde vou buscar outro conto de réis?

E a sua doce pessoa crispou-se de angústia.

Ao nos despedirmos êle queixou-se de uma dor de cabeça. Parou um momento, levando a mão à testa. E, súbito, amontoou-se na calçada. Eu não tivera tempo de ampará-lo. Então, com esfôrço, suspendi aquela massa pesada. Pessoas que passavam me ajudaram. Estava morto.

Seu cadáver foi no automóvel da Assistência Pública para casa, depois das formalidades legais.

Acompanhei-o.

D. Candinha estava fazendo o jantar e veio ver quem batia, manca de reumatismo, limpando as mãos no avental. Espantou-se. Atrás dos óculos os olhos se esbugalhavam, sem compreender. Até que, como que se lembrando, deu um grito:

— As meninas! — e ergueu os braços exclamativos.

— E' o senhor Brito, D. Candinha — intervim com calma. — Está doente. Muito doente.

— O Jocelino? Pobre Jocelino! Que foi que aconteceu pro Jocelino!

E pôs-se a limpar os olhos com o avental sujo.

Entre as pessoas que velavam o cadáver, Gomes destacava-se pelo seu ar digno de homem ferido no seu amor-próprio. A mulher desaparecera definitivamente. Suspeitava-se de um estudante de medicina, um certo Aristóteles, sergipano, um dos influentes do Bloco.

Havia quem apertasse a mão de Gomes, com comoção, apresentando-lhe condolências. Dava a impressão de um parente. A fuga da mulher estabelecera entre êle e o defunto um laço confuso de família.

Gomes agradecia, com um lenço sempre encostado ao rosto.

Pela madrugada entrou Cotinha, a filha mais moça.

Entrou pé ante pé. Ninguém lhe perguntou donde vinha nem por que vinha. Havia na sala apenas três ou quatro pessoas pobres da vizinhança, além de mim. Tôdas as demais — Gomes inclusive — se tinham retirado por volta da meia-noite (Gomes explicou que estava abatido, precisava retirar-se, repousar). D. Candinha dormia lá dentro, numa cadeira de balanço da sala de jantar, vencida pelas agitações das últimas quarenta e oito horas.

Cotinha caminhou receosa para o meio da sala e atirou-se sôbre o caixão. E chorou, chorou, sacudida, como que se esvaziando a repelões.

Quando acabou de chorar, veio para onde eu estava, tôda encolhida como uma criminosa, de olhos inchados e vermelhos. Apertei-lhe a mão que me estendeu e ficamos em silêncio. Depois de uns minutos, como um sentimento surdo e talvez hostil nos impelisse a explicações, perguntei:

— E dona Lalá?

— Não sei. (Deu de ombros, espichando o beiço num muxôxo contrariado.) Cada uma de nós foi para o seu lado.

Fiquei estarrecido.

— E a senhora do Gomes?

Disse que ignorava também o destino da outra. Formosíssimo! Eis o epílogo do Bloco das Mimosas Borboletas no Carnaval de 1922, na muito leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro — pensei com os meus botões.

Depois Cotinha contou que soubera da morte do pai por acaso, porque passara de automóvel pela porta, "com um senhor"... E acrescentou tímida, rompendo o pudor:

— O senhor com quem eu estou.

Tive um baque. Era possível? Um cinismo lavado de lágrimas, assim, era possível?

— Mas D. Cotinha: que bicho mordeu as senhoras, dêsse modo, de repente? Ficaram doidas?

Sacudiu os ombros, pondo as duas mãos nos olhos, como uma criança e chorando de novo:

— E' a vida... Que é que o senhor quer?

As outras pessoas da sala olhavam-nos, a cochichar entre si. Sem dúvida faziam mau juízo. Talvez pensassem até que eu era o comparsa de Cotinha.

Um cheiro de flores pisadas e cêra errava, acre. Um sentimento pungente me dominava, abafando uma vaga, uma imprecisa sensação de sarcasmo. As oito velas ardiam silenciosas em tôrno do caixão do sr. Brito, que tinha um crucifixo de prata à cabeça. Eu não conseguira ainda, até àquele instante, definir o meu estado de alma. Parecia-me, profanamente, que qualquer coisa de cômico se insinuava por tudo aquilo. Talvez, porém, fôsse engano meu, ruindade minha, tendência cruel do meu temperamento. No fundo, eu estava zonzo com o que me rodeava: o sr. Brito, a filha que voltava, as pessoas pobres e imbecis da vizinhança, as oito velas, o cheiro de flores pisadas, a idéia do cavalheiro com quem Cotinha passeara de automóvel, a idéia de Lalá, a idéia de Aristóteles furtando a mulher do Gomes, a lembrança do anúncio que saíra de manhã no **Jornal do Brasil**, o ridículo do Bloco das Mimosas Borboletas — tudo aquilo ainda não recebera uma forma definitiva no meu espírito.

Cotinha merecia umas bofetadas?

O problema de saber se Cotinha merecia ou não umas bofetadas me invadiu, súbito. Fiquei a remoer essa inspiração, como se ela encerrasse um alto valor poético ou filosófico. Eram quatro da madrugada. Uma pessoa levantou-se, em bico de pés. Outra pessoa levantou-se também. Daí a um quarto de hora Cotinha e eu estávamos sós.

Ficamos nós dois, longo tempo, calados, olhando o sr. Brito.

Por duas vêzes Cotinha soluçou:

— Coitado do meu paizinho!

Por outras duas vêzes suspirou:

— E Lalá, que não sabe de nada! Que horror!

Claridades pálidas do dia nascente entraram vagarosas pelas janelas. Um torpor me tomou. Cotinha chorava agora encostada a mim.

O barulho do primeiro bonde, que vinha vindo longe, me ergueu na cadeira. Cotinha encostou a cabeça

ao espaldar, fatigado, humilhada, amarrotada, sem valor e sem destino, como uma pobre coisa.

Para vencer o torpor, tomei a deliberação de sair, de andar. Fui olhar então, de perto, o meu defunto amigo, o meu campo de observações e de conquistas psicológicas, o meu infeliz Jocelino de Brito e Souza. O rosto estava calmo, como a sorrir. As sobrancelhas peludas continuavam agressivas, enérgicas, na fisionomia doce, doce para todo o sempre. Aquela massa humana estava agora liberta de pensar no Morais da rua da Misericórdia.

— D. Cotinha, até logo, à hora do entêrro.

Ela veio até à porta da sala, que dava para uma área. Levantei a gola do paletó por causa do frio da madrugada.

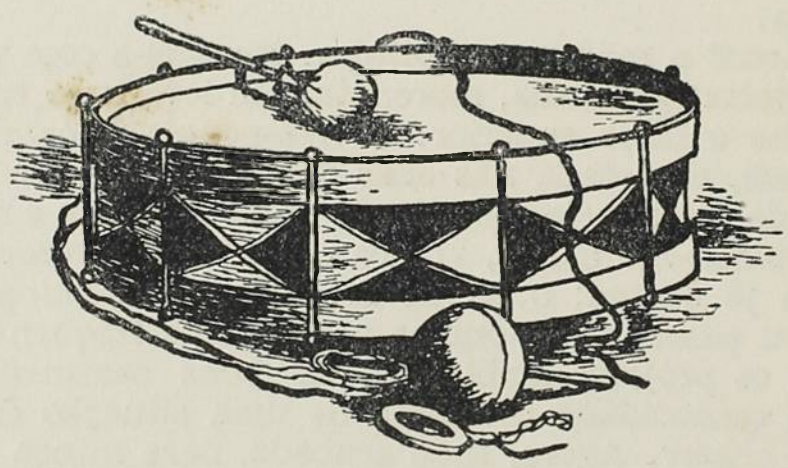
Estendi a mão para Cotinha. Encarei-a com piedade e revolta: gordinha, morenota, um leve buço enegrecendo-lhe o lábio superior. E irresponsável, camaradinha, fácil, derrotada nas suas vaidades de princesa de arrabalde por aquêle complicado drama de fuga e morte.

Olhando-me a fito, vi nos olhos dela a recordação da vida já antiga: o lar do sr. Brito, os domingos de visita ou passeio com outras pessoas que freqüentavam a casa, os projetos ambiciosos de bons casamentos, o luxo, a comodidade cotidiana de uma situação de respeito e prazer. Agora, tudo acabado, para nunca mais!

Desabou a chorar sôbre o meu ombro: que era muito infeliz, que ia sofrer muito, que não sabia como perdera a cabeça, que agora estava perdida, que queria morrer também...

Consolei-a como pude, segurando-a pelos pulsos. Dei-lhe o conselho de mandar procurar Lalá (ela devia suspeitar, pelo menos suspeitar, onde estivesse a irmã) e despedi-me rápido.

A rua! A rua deserta, vazia, livre, para os meus passos e para o meu rumo! Corri por ali afora, corri para alcançar o bonde e para desentorpecer. E enquanto corria, levava a sensação de fugir a uma coisa fascinante e ameaçadora, de que eu me libertava enfim... uma coisa suave e horrenda que não poderia mais acontecer na madrugada pura do arrabalde...



Filmagem do carnaval noturno

DANTE MILANO
(1899)

Dante Milano nasceu em 1899, *no Rio de Janeiro.*

Como página descritiva, cheia de colorido e pitoresco, essa "Filmagem do carnaval noturno", de Dante Milano, é uma das melhores sínteses literárias da nossa maior festa popular, no Rio de Janeiro.

NOSSO povo tem seu dia. Não é o 13 de maio, nem o 14 de julho. E' o Carnaval. Bombos, pandeiros, chocalhos, cuicas, violões, flautas, clarins. Montões de serpentinas e confetis rolando pelas ruas. Tem-se a impressão de que o dinheiro rola pelo chão. Bandas de música em coretos ornados de folhagens. O povo respira livre.

Negras que são as mulheres mais cheirosas do mundo, morenas que desprezam as gentes, brancas que valem fortunas, misturam o olor de três carnes ardendo no mesmo fogo. Grupos alvares rasgando no réco-réco a marcha canalha; blocos de negros suando pintados batendo pandeiros, chocalhos.

Aqui o povo faz roda às baianas de mãos nas cadeiras, rodando da cintura p'ra baixo até o chão. Atenção. Só se escuta o barulho dos chocalhos. A baiana se estorce, se contorce tôda. Todo mundo quer ver. Empurrões, discussões, sôcos, bofetadas. Cai fora, pessoal! Vem a polícia! — Que é que há? — Não há nada...

Passa um cordão no meio do povo. O tampo rotundo do bombo retumba, cuicas catucando um batecum macmabúzio de macumba. Giros lentos de estandartes, bamboleios de lanternas de côr. A grande coloração do riso do fogo. As pastorinhas evoluem como andorinhas. Homens de tôdas as côres entoam cantos em côro. Fantasias que são fantasmas de outros tempos, aparições das Mil e Uma Noites, Aladino balisa, Simbad capoeira, Sheerazad mulata, odaliscas negras.

"Evoé, Momo, é hoje! Deus queira que não chova. A ornamentação interna da Caverna dos Tenentes do Diabo simboliza uma viagem ao Polo em chamas. Bombástico, mirabolante, rocambolesco, babélico, umbilical. Baile da Vitória. A Junta Governativa do clube pede ordem, harmonia e amor, sem os quais não há verdadeira alegria. Virgens, sambai; ninfas, rebolai. Hurra, viva a mulher rubro-negra, deusa nua, estandarte da loucura, mastro do gôzo! A mulher, divertimento de um dia... Lutai por elas, homens, semideuses, Vulcanos, Saturnos..." Tôda a Grécia posta no ridículo.

O povo todo é uma só onda e um só rumor. Encontrões, apertões. Escândalo de caras sem vergonha. As mulheres feias não fazem sucesso. As sérias não devem sair no Carnaval. Quem não quer brincar, fica em casa. Paladrões saltam de ouvido a ouvido, de nada vale o aviso da polícia. A polícia não pode prender todo mundo. — Não empurra! — Toca o bonde! Não empurra! — Quem é que está empurrando? — O senhor está bêbedo? — Eu, minha senhora? — Foi o senhor mesmo. Protestos de todo lado. — Cai fora! Quá, quá, quá! O que eu quero é gozar! — Olha a frente! — Maxixando no meio do povo, a mulata mostra as suas qualidades. — Abre alas, pessoal, que eu vou passar! — O' pedaço, quase nua! — Protesto contra essa imoralidade! — Cala a bôca, burro! — Que falta de educação! — Meto-lhe a mão na cara! — Você é bêsta! — A polícia está prendendo gente! — Por que? — Não sei! — Isto é um abuso! — Não pode! Não pode! — Os soldados de cavalaria praticam violências. — "Meus senhores! Peço a palavra..." — O' moço, olhe as famílias! — O que? As famílias? Não há mais famílias no mundo, acabaram-se as famílias. E' tudo uma família só. Sua mãe é minha tia, sua irmã é..." A bofetada estalou, copos, garrafas, cadeiras, chapéus, braços, pernas, cacos espalhados. Formou-se um bolo de gente. Levaram-no prêso de rastos pelo chão. — Ah, ah, ah, ih, ih! Cocorocó! A onda de povo brinca de empurrar. As mulheres vão na onda. Ui, não belisca! Gritos, ataques histéricos, contrastando com as lâmpadas elétricas e os berros alegres. Beleza física da falta de moral. Cheiro

de éter, tufões de "confeti". Tôda a gente transformada em palhaços, índios, piratas, marinheiros, malandros. As mulheres são princesas encantadas, aparições envoltas de beleza, pedaço de luz, de corpos nus. Riquezas do fundo do mar, vistas em sonho. O ar que se respira é ouro em pó. Sufocações de luz. Não há beleza como a artificial! A rua parece a enchente de um rio. Sôa ao longe um toque de clarim. A multidão se comprime. O momento é sublime. Espanto da tragédia culminante. Tôda uma multidão consciente da sua loucura. Quem quiser, acredite na razão, eu acho que nós todos somos loucos. Os loucos têm razão. Viva o Carnaval! E' a vida. A alegria me dá tristeza. Isso acontece com tôda gente. Não sabemos o que queremos, somos loucos. O Carnaval é a maior de tôdas as loucuras. Eis a única razão do Carnaval. Vejo um menino chorando perdido dos pais no meio da multidão. Por que me perdi neste mundo? Que coisa sem explicação. Atravessam o céu reflexos luminosos. A noite fica mais clara. Sôa longínquo, como um galo na aurora, o canto alegre e triste do clarim. Aproxima-se uma grande procissão luminosa, lentamente, num passo monumental de mastodontes. Cavalos espumantes abrem passagem entre a multidão. Antochas, fachos, penachos, plumagens, fogaréus. O préstito abre alas. Guarda de honra de escravos etíopes; capacetes, lanças, escudos. Uma banda de música toca a marcha da **Aída**. Vem um carro alegórico numa chuva de luz artificial. Um tronco fosforescente simbolizando a "Árvore do Mal", com as mulheres artìsticamente penduradas no alto dos galhos, abertas como as estrêlas da noite. Uma cobra dourada enrosca-se no tronco. Uma teia de fios luminosos vela o carro tremente de vidrilhos num refrigério lúbrico de orvalho.

Os carros de Carnaval passam cantando. Agora é preciso suspender os fios de eletricidade para dar passagem a um carro colossal. Bêsta apocalítica com sete cabeças em leque, representando os sete pecados mortais, as guelas abertas, mostrando os dentes cruéis, acesos por dentro com luzes vermelhas. E' a Caverna do Inferno, onde impera o Demônio-Mulher, sentada num trono, no cimo do carro, a mão esquerda segurando um tridente e a direita distribuindo beijos à população carioca.

— Salve! Fecha o préstito um diabo encarnado com uma taboleta pregada no rabo: Fiau!

O delírio é indescritível. Brasileiros, vocês hão de ter saudades do Carnaval. Filhos de brasileiros, vocês hão de ter uma saudade atávica do Carnaval, na era longínqua em que êle não fôr mais que uma página bárbara, um samba infernal, na noite imemorial do tempo extinto. Estranha festa. A quem uma vez se perdeu em tua atmosfera de sonho, como um personagem fantástico, nunca mais lhe sairá dos ouvidos o teu clamor de epopéia.

O mártir Jesus
Senhor Crispiniano B. de Jesus

ANTÔNIO DE ALCANTARA
MACHADO (1901-1935)

Antônio de Alcântara Machado nasceu em 1901, *em São Paulo, e faleceu em* 1935, *no Rio de Janeiro. Êste conto é do livro "Laranja da China".*

Antônio de Alcântara Machado foi o maior e mais vivo fixador da vida paulistana, entre 1922 *e* 1935. *E é do carnaval paulista que nos dá êstes instantâneos maravilhosos.*

E acôrdo com a tática adotada nos anos anteriores, Crispiniano B. de Jesus, vinte dias antes do Carnaval, chorou miséria na mesa do almôço perante a família reunida:

— As coisas estão pretas. Não há dinheiro. Continuando assim, não sei aonde vamos parar!

Fifi, que procurava na **Revista da Semana** um modêlo de fantasia bem **bataclan**, exclamou mastigando o palito:

— Ora, papai! Deixe disso...

A preta de cabelos cortados trouxe o café, rebolando. Dona Sinhara coçou-se tôda e encheu as xícaras.

— P'ra mim bastante açúcar!

Crispiniano espetou o olhar no Aristides. Espetou e disse:

— Pois aí está! Ninguém economiza nesta casa. E eu que agüente o balanço sòzinho!

A família, em silêncio, sorveu as xícaras com ruído. Crispiniano espantou a môsca do açucareiro, afastou a cadeira, acendeu um **Kiss-Me-De-Luxo**, procurou os chinelos com os pés. Só achou um.

— Quem é que levou meu chinelo daqui?

A família, ao mesmo tempo, espiou debaixo da mesa. Nada. Crispiniano queixou-se duramente da sorte e da vida e levantou-se.

— Não pise assim no chão, homem de Deus!

Pulando sôbre um pé só, foi até à salinha do pia-

no. Jogou-se na cadeira de balanço. Começou a acariciar o pé descalço. A família sentou-se em tôrno com a cara da desolação.

— Pois é isso mesmo. Há espíritos nesta casa. E as coisas estão pretas. Eu nunca vi gente resistente como aquela da Secretaria! Há três anos que não morre um primeiro escriturário!

Maria José murmurou:

— E' o cúmulo!

Com o rosto escondido pelo jornal, Aristides começou pousadamente:

— Falecimentos. Faleceu esta madrugada repentinamente, em sua residência, à rua Capitão Salomão n.º 135, o senhor Josias de Bastos Guerra, estimado primeiro escriturário da...

Crispiniano ficou pálido.

— Que negócio é êsse? Eu não li isso, não!

Fifi já estava atrás do Aristides com os olhos no jornal.

— Ora bolas! E' brincadeira do Aristides, papai.

Aristides principiou uma risada irritante.

— Imbecil!

— Não sei por que...

— Imbecil e estúpido!

Da copa vieram gritos e latidos desesperados. Dona Sinhara (que ia também descompor o Aristides) foi ver o que era. E chegaram da copa então uivos e gemidos sentidos.

— O que é, Sinhara?

— Não é nada. O Totônio brigando com Seu-Mé por causa do chinelo.

— Traga aqui o menino e ponha o cachorro no quintal!

O puxão nas orelhas do Totônio e a reconquista do chinelo fizeram bem a Crispiniano. Espreguiçou-se todo. Assobiou, mas muito desafinado. Disse para a Fifi:

— Toque aquela valsa do Nazaré que eu gosto.

— Que valsa?

— A que acaba baixinho.

Carlinhos fêz o desaforo de sair tapando os ouvidos.

As meninas iam fazer o côrso no automóvel das odaliscas. Idéia do Mário Zaneti, pequeno da Fifi e primogênito louro do seu Nicola da farmácia onde Crispiniano já tinha duas contas atrasadas (varizes da Sinhara e estômago do Aristides).

Dona Sinhara veio logo com uma das suas:

— No Braz eu não admito que vocês vão.

— Que é que tem de mais? No Carnaval tudo é permitido...

— Ah! é? Êta, falta de vergonha, minha Nossa Senhora!

Maria José (segunda secretária da Congregação das Virgens de Maria da paróquia) arriscou uma piada pronominal:

— Minha ou nossa?

— Não seja cretina!

Jogou a fantasia no chão e foi para outra sala soluçando.

Totônio gozou esmurrando o teclado.

O contínuo disse:

— Macaco pelo primeiro.

Abaixou a cabeça vencido. Sim, senhor. Sim, senhor. O papel para informar ficou para informar. Pediu licença ao diretor. E saiu com uma ruga funda na testa. As botinas rangiam. Êle parava, dobrava o peito delas erguendo-se na ponta dos pés, continuava. Chiavam. Não há coisa que incomode mais. Meteu os pés de propósito na pôça barrenta. Duas fantasias de odalisca. Duas caixas de bisnaga. Contribuição para o côrso. Botinas de cinqüenta mil réis. Para rangerem assim. Mais isto e mais aquilo e o resto. O resto é que é o pior. Facada doida do Aristides. Outra mais razoável do Carlinhos. Serpentina e fantasia para as crianças. Também tinham direito. Nem carro de boi chia tanto. Puxa! E outras coisas. E outras coisas que iriam aparecendo.

Entrou no Monte de Socorro Federal.

Auxiliado pela Elvira, o Totônio tanta malcriação fêz, abrindo a bôca, pulando, batendo o pé, que convenceu dona Sinhara.

— Crispiniano, não há outro remédio mesmo: vamos dar uma volta com as crianças.

— Nem que me paguem!

O Totônio fantasiado de caçador de esmeraldas (sugestão nacionalista do doutor Andrade que se formara em Coimbra) e a Elvira de rosa-chá, ameaçaram pôr a casa abaixo. Desataram num chôro sentido quebrando a resistência comodista (pijama de linho gostoso) de Crispiniano.

— Está bem. Não é preciso chorar mais. Vamos embora. Mas só até o largo do Paraíso.

Na rua Vergueiro, Elvira de ventarola japonêsa na mão quis ir para os braços do pai.

— Faça a vontade da menina, Crispiniano.

Domingo carnavalesco. Serpentinas nos fios da Light. Negras de confeti na carapinha bisnagando carpinteiros portuguêses no ôlho. O único alegre era o gordo vestido de mulher. Pernas dependuradas na capota dos automóveis de escapamento aberto. Italianinhas de braço dado com a irmã casada atrás. O sorriso agradecido das meninas feias bisnagadas. Fileira de bondes vazios. Isso é que é alegria? Carnaval paulista.

Crispiniano amaldiçoava tudo. Uma esguichada de lança-perfume bem dentro do ouvido direito deixou o Totônio desesperado.

— Vamos voltar, Sinhara?

— Não. Deixe as crianças se divertirem mais um bocadinho só.

Elvira quis ir para o chão. Foi. Grupos parados diziam besteiras. Crispiniano, com o tranco do toureiro, quase caiu de quatro. E a bisnaga do Totônio estourou no seu bôlso. Crispiniano ficou fulo. Dona Sinha-

ra praguejou revoltada. Totônio abriu a bôca. Elvira sumiu.

Procura que procura. Procura que procura.

— Tem uma menina chorando ali adiante.

Sob o chorão a chorona.

— O negrinho tirou a minha ventarola.

Voltaram para casa chispando.

Terça-feira entre oito e três quartos e nove horas da noite as odaliscas chegaram do côrso em companhia do sultão Mário Zanetti.

Crispiniano, com um arzinho triunfante, dirigiu-lhes a palavra:

— Ora, até que enfim! Acabou-se, não é assim? Agora estão satisfeitas. E temos sossêgo até o ano que vem.

As odaliscas cruzaram olhares desalentados. O sultão fingia que não estava ouvindo.

Maria José falou:

— Nós ainda queríamos ir ao baile do Primor, papai...

— Será possível?!

— Ahn? Bai-le do Pri-mor?

Dona Sinhara perguntou também:

— Que negócio é êsse?

— E' uma sociedade de danças, mamãe. Só famílias conhecidas. O Mário arranjou um convite para nós...

Deixaram o sultão todo encabulado no tamborete do piano e vieram discutir na sala de jantar.

(Famílias distintas. Não tem nada de mais. As filhas de dona Ernestina iam. E eram filhas de vereador. Aí está. Acabava cedo. Só se o Crispiniano fôr também. Por nada dêste mundo. Ora, essa é muito boa! Pai malvado. Não faltava mais nada. Falta de couro, isso sim. Meninas sem juízo. Tempos de hoje. Meninas sapecas. O mundo não acaba amanhã. Antigamente — heim, Sinhara? — antigamente não era assim. Tratem de casar

primeiro. Afinal de contas, não há mal nenhum. Aproveitar a mocidade. Sair antes do fim. E' o último dia também. Olhe o remorso mais tarde. Tôda a gente se diverte. São tantas as tristezas da vida. Bom. Mas que seja pela primeira e última vez. Que gôzo.)

No alto da escada dois sujeitos bastante antipáticos (um até mal encarado) contando dinheiro e o aviso de que o convite custava dez mil réis, mas as damas acompanhadas de cavalheiros não pagavam entrada.

Tal seria. Crispiniano, rebocado pelo sultão e odaliscas, aproximou-se já arrependido de ter vindo.

— O convite, faz favor?

— Está aqui. Duas entradas.

O mal-encarado estranhou:

— Duas? Mas o cavalheiro não pode entrar.

Ah! isso era o cúmulo dos cúmulos.

— Não posso? Não posso por que?

— Fantasia obrigatória.

E esta agora? O sultão entrou com a sua influência de primo do segundo vice-presidente. Sem nenhum resultado. Crispiniano quis virar valente. Que é que adiantava? Fifi reteve com dificuldade umas lágrimas sinceras.

— Eu só digo isto: sòzinhas vocês não entram!

O que não era mal-encarado sugeriu, amável:

— Por que o senhor não aluga aqui ao lado uma fantasia?

Crispiniano passou a língua nos lábios. As odaliscas não esperaram mais nada para estremecer com pavor da explosão. Todos os olhares bateram em Crispiniano B. de Jesus. Porém Crispiniano sorriu. Riu mesmo. Riu. Riu mesmo. E disse com voz trêmula:

— Mas se eu estou fantasiado!

— Como fantasiado?

— De Cristo!

— Que brincadeira é essa?

— Não é brincadeira: é ver-da-de!

E fêz uma cara tal, que as portas do salão se abriram como braços (de uma cruz).

A procura de alegria no carnaval

JORGE DE LIMA
(1901)

Jorge de Lima nasceu em 1901, *em Alagoas.*

O carnaval, nesta página de Jorge de Lima, é uma mistura de sátira e profunda emoção humana.

SOGRO concordou com o genro sairem fantasiados no último dia do Carnaval. Nos dias anteriores ambos não se tinham divertido como desejavam. Haviam se esforçado por arranjar alegria bastante. Não obtinham. Álcool não tomaram e a alegria ficou difícil. Mas no último dia o sogro foi o primeiro a propor uma pinga. Eram muitos amigos, concordaram, e minutos depois do segundo cálice, alguma vontade de rir e de produzir gestos heróicos desceu sôbre ambos. Notaram admirados a transformação, pois até êste dia eram pobres de gestos, eram gordos e muito calmos. Nunca se viu um sogro se parecer e gostar tanto do genro como aquêle sogro. O genro, em relação a sogro, era o mesmo sósia. A fantasia combinada, excessivamente simples: calças brancas, paletó prêto, gravata preta e uma faixa de cetim vermelho em diagonal sôbre os ventres gordos. Intimamente se consideravam fantasiados de presidentes da República, mas pela ênfase e pela atitude do que pela simples faixa modesta sôbre as panças. Podia muito bem ser indumentária de outra qualquer figura representativa, porém, só se sentiam presidentes da República, principalmente depois que puseram na cabeça os chapéus lustrosos e pintaram costeletas de carvão. Sorveram mais alguns cálices e aí não houve nenhum esfôrço para conseguirem alegria, pois tôdas as preocupações da vida: quitanda, armazém, lavadeira,

prestação, Light, etc., tinham sumido. Em companhia das espôsas que não eram bonitas mas virtuosas, e que iam sem fantasia, acomodaram-se num táxi: — as duas senhoras sentadas no banco e os dois presidentes sentados na capota e mui vistosos. Começariam por fazer o corso na Avenida. Porém, o sol estava horrível, de modo que em menos de quinze minutos o suor havia borrado as costeletas dos dois esforçados foliões. Nisto o vizinho — senhor Juvenal, que era bastante trotista e divertidíssimo no Carnaval — passou com a espôsa, vestidos de pijama de sêda azul muito colados ao corpo. Iam pulando e cantando, mexendo com um, com outro, que encontravam. Aí viram os dois casais repimpados no táxi, parados sob o sol implacável. O senhor Juvenal, muito trotista mesmo, começou a gritar:

— Aí, heim! Olha a cara dos dois! Limpem a cara, meus negros! Vocês vão para entêrro? Por que não riem?

Genro e sogro esboçaram sorrisos, mas não conseguiram alegria, pois o álcool tinha saído no suor. O sogro ficou então indignadíssimo com o senhor Juvenal e falou bem alto, com raiva, para êle:

— E' melhor que você olhe para sua mulher e deixe os outros, está ouvindo?

Dito isto, sogro e genro entreolharam-se um minuto contentes, e continuaram o corso, sempre muito sizudos.

Carnaval de Engenho

JOSÉ LINS DO RÊGO
(1901)

José Lins do Rêgo nasceu em 1901, *no Pilar, Estado da Paraíba.*

Nesta cena, José Lins do Rêgo, o romancista do nordeste, descreve-nos um carnaval da roça, do sertão, que é, afinal de contas, o mesmo em todo o "hinterland" brasileiro.

MESTRE Paizinho chegara para falar com o meu avô. Era o mestre da música de Pilar e o presidente do clube "Os filhos da Candinha". A conversa era curta. Êle dava a lista, o velho assinava os 100 mil réis e falavam mal dessa história de vadiação de Carnaval. Deviam acabar com aquilo. Homem de respeito não devia andar metido em danças, em brincadeiras de entrudo. O Chico Xavier precisava abrir os olhos, tomar providências. Havia gente na vila que só pensava em Carnaval, que andava perturbando o sossêgo dos outros.

O Mestre Paizinho ouviu tudo calado. Depois o velho entrava e voltava com os cem mil réis.

— Tome lá, dizia êle, mas não me apareçam aqui no engenho. Não quero saber de patifarias. O ano passado vocês foram abusar da Lula de Holanda. Se souber de coisa semelhante, mando o Chico Xavier metê-los na cadeia.

Depois o Mestre Paizinho vinha conversar com as minhas tias. E falava do Carnaval do Pilar. A coisa andava muito animada. O clube dos negros, do pessoal da irmandade do Rosário, ia mandar buscar um terno de músicos em Sapé, para ver se passava a perna nos "Filhos da Candinha". Mas qual, o clube estava êste ano de primeira ordem. Tinha uma marcha que era uma beleza. Os versos eram da lavra do Dr. Isaac, o juiz, e a música, não era porque fôsse sua, era boa mesmo. O co-

ronel não queria que êles viessem ao engenho, mas com ordem das meninas estariam no domingo com todo o pessoal na sala de visitas.

E, afinal, chegava o Carnaval de Santa Rosa. Tinhamos mêdo dos mascarados que passavam pela estrada. Todos sabíamos que aquela negra de chicote na mão, de larga saia branca, de máscara preta, era o José Luís, o pauzeiro de São Miguel, aquêle amarelo José Luís, que de tão amarelo fazia pena. Mas quando o chicote estalava na estrada, corríamos para dentro de casa.

— Que meninas bestas, gritava a negra Generosa, vocês não estão vendo que aquilo é o José Luís?

Ficávamos tremendo. Depois apareciam os outros mascarados. O filho do seu Firmino Carpina, que todos os anos aparecia vestido de doutor, de fraque, chapéu côco. As negras o cercavam. E o pobre, falando fino, respondendo a tôdas as perguntas, receitando a tôda gente. E os meninos, agarrados às saias, temendo o doutor de nariz comprido e fraque rasgado. Vinham os mascarados a cavalo, gente de outros engenhos. Então começava a luta para se descobrir. Os filhos de Lucino de São Vicente se deixavam descobrir à primeira vista. Mas apareceu um vestido de príncipe e deu trabalho. Ninguém sabia quem era.

— E' o seu Lôla, é o seu Rubens do Maravalha.

E não havia jeito. Mas José Guedes, estereiro, apareceu:

— Êstes estribos de prata são de seu Henrique do Oiteiro.

E o príncipe se desencantou.

As negras preparavam filhós. O velho José Luís, sentado no alpendre, olhava o tempo, os altos que as primeiras chuvas cobriam de verde e o gado gordo que vinha entrando para o curral. Era de tarde. De repente chegava um moleque com a notícia:

— Os "Filhos da Candinha" já tinham passado no Santa Fé.

E em pouco o pistão do Mestre Paizinho enchia a paz rural do Santa Rosa de um grito de guerra. As negras corriam para a porta, as minhas tias se riam e o velho José Luís gritava:

— Maria, manda abrir a sala de visitas.

E levantava-se para olhar a cambada do Pilar que, de bandeira em punho, invadia o pátio da casa-grande.

Os figurantes com os dois balizas na frente faziam manobras diabólicas. A marcha do Mestre Paizinho arrebatava. Corria vinho para os músicos, para o clube todo. O velho ficava olhando para as danças. No meio dos dançarinos estava o seu filho natural, Fausto. Era um dos chefes. O meu avô olhava bem e dizia sempre:

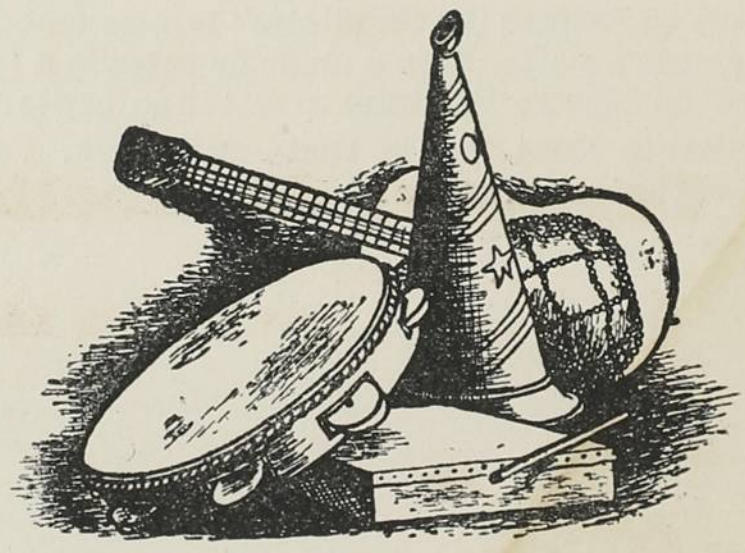
— Só dá mesmo para isto.

As minhas tias conversavam com o Mestre Paizinho. Ouvi bem a tia Maria dizendo:

— No Carnaval da Paraíba não vi clube mais bem ensaiado...

Depois os "Filhos da Candinha" iam-se embora. Vinha chegando a noite. Saía o clube de estrada a fora com a marcha do Mestre Paizinho arrastando gente.

E o Santa Rosa ficaria triste outra vez. Voltavam os sapos a cantar na lagoa.



Carnaval de Recife

JOSÉ LINS DO RÊGO

José Lins do Rêgo nasceu em 1901, *no Pilar, Estado da Paraíba.*

Nesta lembrança do Carnaval de Recife, José Lins do Rêgo acentua a expressão coletiva dessa festa popular, e o seu grande sentido democrático bem visível através da crítica livremente exercida contra tudo e todos.

ARNAVAL é fôrça do povo, é arranco de temperamento, é criação coletiva. Ver o antigo Carnaval do Recife era sentir o povo pernambucano em poder de afirmação. Quis uma vez contar o que vi dêste Carnaval, desta festa magnífica. Mas era quase ver para sentir-se. Ninguém podia juntar a realidade daquele transbordamento. Aquilo era mais do que uma cheia do Capiberibe, daquelas que o velho Teles Júnior tanto gostava de pintar; era mais do que o rio descendo, impetuosamente, carregado de balsas, matando gente, "alarmando as populações ribeirinhas", como registrava o bom **Jornal Pequeno**. Era o Carnaval que eu via na rua Nova, na Imperatriz, na Concórdia, nas ruas pobres de São José, nos clubes de renome, no aguerrido "Toureiros" de "Mané meu filho", nos "Dois Pais", de crônica heróica. Lembro-me do Carnaval de 1922. Cantava-se "Seu Mé", cantava-se **Borbolcta não é ave**, e o **Apois Fun**, de Guilherme Bucho Verde, saíra pela primeira vez. O "Bloco das Flores" abafava com os seus carros cobertos de rosas. Osório Borba saíra de fraque de "Doutor", o Juiz Manuel Caetano, homem grave, grande jornalista, almoçara no "Leite" vestido de escocês, com as pernas finas e cabeludas descobertas. Grande Carnaval, talvez dos últimos grandes carnavais de Recife. Carnaval de gente livre, com o povo, à vontade, com os **maracatus**, os **tro-**

ções, as críticas, sem as censuras prévias. Era uma festa de verdadeira confraternização. No sábado, o povo, a ralé, a gente sem nada, punha-se à porta do "Clube Internacional", clube dos grandes da terra, para vaiar as fantasias ricas que entravam. Misturavam-se estudantes e "gazeteiros", moleques e caixeiros, para as mais deliciosas vaias que já vi. Vaiava-se a todos, com as mais rudes e mais fortes palavras dêste mundo.

O povo podia rir-se. E rir-se sem mêdo.

Dois mascarados

ADALGISA NÉRI

Neste diálogo entre dois mascarados, em pleno carnaval, Adalgisa Neri procura dar um novo sentido a essa festa das multidões, onde o acaso imponderável parece determinar remotas ligações entre criaturas desconhecidas no passado.

FINALMENTE, a muito custo, desvencilhando-me dos grupos de suados e roucos carnavalescos que impediam meu caminho, cheguei a um jardim público, onde joguei o meu corpo fatigado num banco.

Era uma terça-feira gorda e uma algazarra infernal subia para o céu como se um enorme vulcão esbravejasse o seu ódio. Vozes de todos os timbres corriam pelo espaço, penetrando até as coisas inanimadas. Eu estava extremamente cansado, aliás, como nos outros dias do ano. Era impossível atribuir tal fadiga aos excessos carnavalescos, porquanto, além de eu pouco ter andado e nada me divertido, todo o mundo que passava diante dos meus olhos não aparentava o mesmo acabamento em que eu me achava. Decididamente a minha absoluta impossibilidade de mover-me não estava nesta razão. Enquanto eu me deixava cair no banco, reparava que todos se moviam, pulavam, cantavam, gritavam, saltando dos bondes, para logo a seguir pendurarem-se nos reboques. E a cada movimento dos foliões o meu coração descontrolava-se como se o corpo que pulasse fôsse o meu. A dureza do assento não me pareceu senão um macio leito de plumas. Foi como se o meu corpo abandonasse a alma, como se alguém tirasse a roupa e a pendurasse num prego e saísse nu e livre.

Passados os primeiros momentos de indiferença pelos sêres que me rodeavam, virei a cabeça para a esquerda e vi sentado a meu lado um homem alto, vestindo uma grotesca roupa de Pai João. Muito magro, olhos fundos

e baços, tinha entre os lábios um cigarro aceso. Como disfarce usava uma máscara inteiramente contrária à sua fisionomia. Era gorda, corada, e tinha um esgar de alegria. Para descansar, êle a tinha arregaçado até o alto da cabeça. Achei estranha aquela figura triste, contrastando com a máscara alegríssima, e o meu olhar foi como se o tivesse espetado. Êle assustou-se, olhou-me rápido e virou-se para o outro lado, dando-me as costas. Os clamores agudos e sem interrupção rebentavam nos meus ouvidos, e, à medida que os carnavalescos desmanchavam-se em divertimentos, eu guardava uma angústia impossível de conter, tão irreparável como a morte. Os ranchos solenes e ricos de côres passavam diante dos meus olhos, levando dentro dos seus cânticos um mundo de beleza e poesia. Eu acompanhava aquela massa enorme, que tomava formas diversas num movimento elástico e moroso.

Saindo dêsse rancho, vi outro homem fantasiado de havaiana. Olhou sôfrego o mesmo banco em que estávamos sentados e, sem pedir licença, acomodou-se entre nós, afastando com um jeito simples de nádegas as nossas pernas que o impediam de estar à vontade. Jogou a cabeça para trás, deixou escapar um grito semelhante a um urro, cuspiu e depois, como se o homem da esquerda lhe inspirasse mais confiança, êle falou:

— O senhor gosta de Carnaval?

— Muito. De mais, respondeu o outro.

— Eu já sabia que o senhor gostava, continuou, eu o conhecia há muitos anos e, apesar de não vê-lo há muito tempo, reconheci-o imediatamente.

— E', fêz o segundo, com ar distraído, eu também o reconheci.

— Mas, é engraçado. Cada coisa esquisita que nos acontece... E' um encontro estranho, afinal.

— Tem razão. E' um encontro muito diferente de todos os que eu tenho tido com os meus conhecidos.

— Escute aqui, disse o primeiro, eu vou falar-lhe com tôda a sinceridade, mas, primeiro, quero saber uma coisa. O senhor é desta mesma cidade?

— Não.

— Falando a verdade, eu não o reconheci. Tive apenas a impressão, isto é, o pressentimento de que o co-

nhecia. Tinha absoluta certeza de que o senhor existia; não podia deixar de existir; porém, jamais em minha vida o vi. Tenho certeza disto, apesar do seu nariz não me ser estranho, creio mesmo que... numa fotografia de família o seu nariz está na cara do meu avô. Mas o resto do seu corpo eu não conhecia. Mas nada disto tem importância. Parece loucura, mas o senhor compreende, não é? Está entendendo o que digo?

— Compreendo perfeitamente. Eu tive a mesma sensação. Quando o senhor declarou que me conhecia, eu pensei: certamente êle está me confundindo com alguém, porque eu nasci no interior e nunca vim à cidade senão agora, pela primeira vez, para assistir ao Carnaval. Podia, no entanto, se dar o caso do senhor ter estado na minha cidadezinha, lá ter me visto, guardar a minha fisionomia e agora reconhecê-la. Mas logo depois, durante a sua palestra, eu percebi que nunca saiu também daqui, da sua cidade. Eu comecei, então, a sentir que a nossa conversa estava se dando como um momento extraordinário da vida.

— Realmente; nunca saí dêste lugar, e, sendo assim, nós, em hora nenhuma, nos encontramos. Mas... — que engraçado! — nos reconhecemos. A vida tem cada coisa, tem cada enrolada! Eu sempre achei que ela não era tão simples como todos dizem! Nas menores manifestações, mesmo naquelas em que o hábito já encoscorou os nossos sentidos, a vida não é simples. Veja, por exemplo, uma coisa que parece não ter a menor importância, um detalhe ao qual estamos tão acostumados que nem paramos para pensar; êste bonde, um trilho, com um motorneiro, um cobrador e muitos passageiros, pendurados por fora e por dentro do veículo. O senhor está pensando que é só um bonde que está correndo na linha? Não. Desde a idéia do motorneiro levar o bonde ao lugar marcado, sem desastres, até o cobrador que está fazendo um esfôrço titânico para receber, a vida não é simples. A preocupação do cobrador para que ninguém escape à contribuição é grande, e veja só, repare no trabalho de agilidade que êle precisa empregar, com risco da própria vida. Com o pensamento êle procura ser mais rápido do que aquêles mascarados

que, evidentemente, desejam andar de bonde sem pagar e, com o corpo, êle faz uma ginástica tão complicada que, se não tomar cuidado, num maior solavanco, pode perder o equilíbrio, bater com o crânio na rua e morrer. Está vendo como não existe nada simples? Aqui mesmo, a dois metros de nós, está aquela mulher, que transpira de uma forma bárbara e faz um esfôrço enorme para chegar onde deseja. Pelo seu físico constatamos que ela espera um filho, que já não tem nada de simples. Está morta de sêde; tem alguns níqueis na mão e quer comprar um refrêsco naquele homem do balde. No entanto, ainda não conseguiu aproximar-se do vendedor. O senhor está ouvindo como esbraveja? Ouça-a como diz: "Mas que coisa horrível, como tudo é difícil, até mesmo comprar um refrêsco, com o dinheiro na mão." O senhor e eu estamos vendo a sua aflição; tôda a sua sêde e o seu estado de cansaço. Mas, por que é que não nos levantamos para ajudá-la?... Porque nada é tão fácil e simples assim como dizem. Para esta nossa falta de caridade existem razões que não são simples e que nenhum de nós... o que mais me admira é que não nos tivéssemos conhecido antes e nos reconhecemos agora.

— Pois, para mim, o que mais espanto me dá é que tivéssemos o mesmo pensamento e a mesma impressão no mesmo momento em que nos defrontamos.

— Ora, ora, pela razão de que a vida nada tem de simples. Ela só é simples para aquêles que pensam que explicam alguma coisa. Tudo é muito complicado, e sem solução. Se fôsse como dizem, ninguém teria pressa para nada. E o senhor já reparou como o homem corre para achar qualquer coisa que às vêzes nem definiu? Se fôsse tudo tão simples, êle não andaria atrás de soluções! A idéia de não perder tempo é uma questão fascinante para o homem, até mesmo quando êle vai para a tristeza e para a morte.

O meu companheiro de banco fêz silêncio durante alguns minutos. Depois virou-se para o outro e perguntou:

— Quanto tempo fará que não nos vemos?

— Acho que uns quarenta ou oitenta anos.

— Também acho.

— Não, tanto não. Devo estar enganado. Nesse espaço de tempo eu já teria morrido ou envelhecido a tal ponto que, além de estar cego, estaria desmemoriado e por conseqüência não seria possível encontrá-lo nem reconhecê-lo.

— Por falar em morte, o senhor tem mêdo dela? Acha que o pensamento de vida arrasta a idéia de morte, de fim? Acha que quarenta anos é muito para um primeiro encontro entre duas pessoas, depois do nascimento de ambas? Eu, pelo meu lado, não tenho receio da morte. Penso muito nela não sei se porque estudei medicina alguns anos. Imagine. Amanhã talvez eu morra e no ano vindouro, pelo Carnaval, enquanto o senhor estiver sentado, talvez, neste mesmo banco, apreciando os folguedos e os mascarados, eu esteja na sepultura apodrecendo, virando água e, quem sabe, correndo aqui debaixo dos seus pés ou naquela torneira que a municipalidade colocou ali para os sedentos?... Na sepultura, nos dias de Carnaval... Ah! a simplicidade da vida!...

Outros minutos de silêncio foram feitos pelos dois homens. De repente um dêles falou:

— Parece que lá em baixo vem um rancho. Gosto muito daquela música. E vem mesmo. E' interessante. Repare como a música é boa de cantar. E a morena que vem puxando o cordão é notável. Bem construída, cheia de vida e seiva. Olhe, a vida ali também não é simples. Ela parece ter muita saúde e isto é um mal. Complica muito o homem, o senhor sabia? Complica mais do que a enfermidade. Mas, repare que ritmo, que coisa bonita! O Carnaval é bom, o senhor não concorda? A gente vê tanta coisa, grita tanto, fala tudo o que não pode durante o resto do ano. Não sou eu só quem faz isto, todos fazem. Veja bem se eu tenho ou não razão. No fundo há uma tristeza muito maior, mais terrível e mais mortal do que a alegria. Diga-me uma coisa: o que é que prefere, saúde ou doença?

— Ainda não sei bem. Ainda não me certifiquei qual das duas me dá maior mêdo.

— E'. O melhor é acabar com esta conversa, porque eu estou sentindo na sua fisionomia que o estou fazendo sofrer, e hoje é dia de Carnaval, é dia de botar a alma p'ra fora, arrancar tôda a idéia de dor e pezar e refazê-la para o resto do ano. Mas, antes de eu ir embora, queria que me dissesse uma coisa: causo-lhe nojo, ódio ou espanto?

— Nada, absolutamente nada.

— Mas, era assim mesmo que imaginava que eu fôsse?

— Perfeitamente igual.

— Está vendo como nós nos conhecíamos? A minha alma lembra-se da sua e está verificando que, apesar do grande espaço de tempo em que não nos avistamos, não houve a menor modificação nelas. Bem, amanhã é quarta-feira de cinzas e eu irei envenenar-me, retomando o aspecto normal. O senhor sabe que, às vêzes, quando eu falo assim como agora, quando digo tudo que quero, mesmo sem desejar ter lógica nos assuntos, dizem que enlouqueci? Já fui obrigado a consultar um especialista de cérebro. E, no entanto, é uma conversa tão explicável... Não conversamos sôbre a temperatura, sôbre negócios, sôbre viagens? Pois é a mesma coisa. Muita gente fala sôbre o futuro, fazendo planos com uma segurança dos resultados de causar pasmo. Eu prefiro conversar sôbre o passado, um passado remotíssimo. E' mais interessante, menos fantástico! O senhor acha que há fantasia na minha declaração de que já o conhecia e que a minha alma se recorda da sua e que, apesar de nunca nos têrmos visto, eu o reconheci nìtidamente? Eu aproveito os dias de Carnaval para dizer tudo o que não posso durante o ano. Amanhã estarei novamente fechado em copas, vestido de outro homem, e se o senhor encontrar comigo, já sabe: nada de conversas nem recordações de hoje. Não fale das antigas relações das nossas almas e o melhor até é não cumprimentar-me.

— Certo. E' isto que eu também quero. Eu falei sem poder conter-me. Foi uma conversa tão estranha, num encontro tão esquisito, que eu sinto a deliciosa sensação de que saí de um confissionário. Era assim que eu saia quando eu era menino: lépido, com a impressão

de que tinha jogado em cima dos outros a responsabilidade dos meus erros. Olhe, lá vem outro rancho. Vou juntar-me a êles, gritar até enroquecer; cansar-me terrìvelmente e depois dormir. Adeus.

— Adeus.

E lá se foi o Pai João aos saltos, entrando no ritmo do samba que se aproximava. Lá se foi êle envolvido pelos que desejavam esquecer e desabafar o impossível.

Olhei o outro homem fantasiado de havaiana, que endireitava a máscara, que, sem elevar a voz, falou consigo mesmo: "E' engraçado êste homem..."

Uma senhora

MARQUES REBÊLO
(1907)

Marques Rebêlo nasceu em 1907, no Rio de Janeiro.
Êste conto é do livro "Oscarina".

Assim como Olavo Bilac descreveu o tipo do carnavalesco apaixonado, vivendo e morrendo pela sua festa predileta, Marques Rebêlo descreve-nos neste conto o tipo duma mulher burguesa carioca trabalhando e lutando o ano todo no ambiente doméstico, mas acumulando economias para desforrar-se no carnaval, de tôdas as canseiras e tristezas da vida cotidiana.

DONA Quinota não se importava com a aspereza do ano inteiro. Com ela era ali no duro: trabalho, trabalho e mais trabalho. O ordenado das empregadas, na verdade, era uma pouca vergonha que a polícia devia pôr um paradeiro. Não punha. Vivia metida com a maldita da política. Falta duma boa revolução!... Ah, se ela fôsse homem!... Enquanto a revolução não vinha para botar a polícia nos eixos, obrigando-a a endireitar as empregadas, fazia de criada: cozinhava, varria, cosia. Encerava a casa também, aos sábados, depois que disseram pelo rádio ser higiênico e muito econômico.

— Econômico? Então se encera mesmo.

O marido, que já estava acostumado àquelas resoluções, largou no melhor pedaço o segundo volume dos **Miseráveis**, meteu sôbre o pijama a gabardine cheirando a gasolina na gola e foi telefonar para a loja de ferragens, pedindo duas latas de cêra — da boa, vê lá! — chorando um abatimentozinho na escôva e na palha de aço: está ouvindo, seu Fernandes?

Estava sempre para tudo, que, graças a Deus, era mulher forte. Saíra à mãe, que também o fôra, morrendo velha de desastre, desastre doméstico, uma chaleira de água fervendo para o escalda-pé do marido, um coronel reformado, que lhe virou em cima do corpo.

Nunca se queixava da vida. Não ia à cidade passear, as suas compras eram em regra feitas pelo marido, pre-

cisava que a fita fôsse muito falada para ela se abalar até ao cinema do bairro, onde cochilava a bom cochilar; contavam-se os domingos em que ia à missa, não fazia visitas, nem recebia.

Não reclamava o trabalho que lhe davam os filhos, três desmazelados que andavam na escola pública, Elcio, Elcia e Elcina, respectivamente quinze, quatorze e treze anos, o que atesta bem a fôrça do marido e dá idéia o que seria depois de dez anos, se depois da Elcina não tomasse as suas precauções.

— Não se esqueçam de dar lembranças à dona Margarida, aconselhava na hora da saída, enquanto punha nas bôlsas as bananas e o pão com manteiga da merenda. Dona Margarida fôra sua amiga no colégio das Irmãs, uma bicha no francês, cearense, um talento! Mandar lembranças para ela equivalia a dizer: Olha que são meus filhos, Margarida; os filhos da tua amiga Quinota...

E os exames estavam perto, com prêmios de cadernetas da Caixa Econômica dados pelo prefeito, ridicularizados pelos jornais oposicionistas, elogiados pelos do govêrno — a Folha dizia que era um gesto de Mecenas — mas, enfim, fartamente anunciados em todos os jornais para incentivo da meninada estudiosa. Ela queria ser mordida por um macaco se não arranjasse três cadernetas para casa. Os filhos é que não faziam fé.

Bordava para fora, cuidava do Joli, o bichano para sujar a casa era um desespêro, e sobrava tempo ainda para ter ciúmes do marido com as vizinhas, principalmente dona Consuelo, uma descarada, é certo, mas muito chique, confessava.

Chegando o Carnaval, tirava a forra.

As economias acumuladas saíam do Banco Popular juntas com os juros. Não ficava nada. Metia-se numa fantasia de baiana e inundava a capota do automóvel com seus oitenta e cinco quilos honestíssimos. As meninas iam de baianas também, menos saias, mais berloques, e o menino de pierrô, cada ano de uma côr, porque não é para outra coisa que o dono do Tintol gasta aquêle dinheirão em anúncios. Tirava do cabide a casaca do casamento, dezesseis anos por isso (como o tempo corre!) dava um jeito nas manchas:

— No automóvel ninguém repara, meu filho, dizia com um sorriso, ora para a casaca, ora para o marido, que se traduzia: lembra-te?

Êle, então, com uma faixa vermelha na cintura, brincos em forma de argola, pendentes das orelhas demasiadas, enfiava na cabeça um turbante de sêda branco com pérolas em profusão e ia em pé no carro, de rajá diplomata.

No terceiro dia, graças a Deus, não choveu em nenhum dos três, perguntava para o marido:

— Quanto temos ainda?

Êle remexia a carteira (bôlso de casaca é o tipo da coisa encrencada) fura-bolos trabalhava passado na língua e cantava a quantia:

— Duzentos e oitenta.

— E os oitocentos do automóvel?

— Já estão fora.

— Ah! bem...

Para fazer conta no ar era um assombro:

— ... pode gastar mais cento e cinqüenta.

O resto ficava para gastar depois do Carnaval — mas entrava na verba dêle — com o fígado do marido, porque depois da pândega (a experiência da dona Quinota é que falava) seu Juca tinha rebordoses, vômitos biliosos, uma dor do lado danada, de tanta canseira, tanta serpentina e tanta cerveja gelada.

— Não faz mal. Não fazia, não. A vida era aquilo mesmo: três dias, falava. Mas pensava: por ano. Podia dizer, mas não dizia. Deixava ficar lá dentro. O "lá dentro" de dona Quinota era uma coisa complicada, complicadíssima, que ninguém compreendia. Só ela mesma e o marido, às vêzes.

Desciam do automóvel à porta de casa quando o vizinho veio vindo com o rancho da filharada.

— Brincaram muito? — fêz seu Adalberto com um jeito de despeitado.

— Assim, assim...

Dona Quinota dizia aquêle "assim-assim" de propósito. Que lhe importava os outros saberem se ela tinha gozado ou não? Quem gozava era ela. Mas gostava de ficar deliciando-se por dentro com a inveja dos vizinhos: assim, assim... Ah! Ah! Ah!

Seu Adalberto exultava:

— E' isso mesmo. Fazem-se despesas enormes (e dona Quinota sorria) e não se diverte nada. (Dona Quinota olhava para o céu). E' sempre assim. Pois olhe: nós fomos a pé mesmo. Estivemos ali na Avenida na esquina do Derbi, apreciamos o baile do Clube Naval, muita fantasia rica, muita, vimos perfeitamente as sociedades, tomamos refrescos, brincamos a grande. Não foi?

As mocinhas fizeram que sim, humilhadas, mas os gurís foram sinceros.

— Aquêle carro do girassol que rodava, heim, papai!

— Girassol não, Artur, crisantemo.

Depois que corrigiu, ficou azul, sem saber ao certo se era crisantemo ou crisântemo. Quer ver que eu disse besteira?

Seu Juca não havia meio de encontrar o raio da chave. Êsses bôlsos de casaca!...

— O ano que vem, dona Quinota falou firme, nós iremos também a pé.

O marido até se virou. Ficou olhando espantado. Que diabo é isto? — ia perguntando. Por um triz que não perguntou. Mas ficou assim... Compreendeu? Parece... Esta Quinota!

Foi quando seu Adalberto, evidentemente mortificado, se refez e sentenciou como experiente na coisa, apesar de nunca ter entrado num automóvel pelo Carnaval:

— E' melhor, mesmo.

A tribo sumiu pela porta do 37. A maçaneta fechou por dentro. Torréco, torréco. Agora foi a chave: duas voltas. O pigarro do seu Adalberto, ainda com o acento do crisantemo a fuzilar-lhe na cabeça, veio até cá fora se misturar com o resto de chôro, pandeiro e chocalhos, do bonde que passava mais longe. Passos apressados no fundo da rua. O burro do inglês estava na janela do apartamento fumando para a lua. Dona Quinota ficou olhando-o um pouco, depois cerrou a porta bem e fixou o marido, que dava por falta dum brinco: — Que cretinos!

Seu Juca parou no meio do corredor, cara de ressaca, pernas abertas, o turbante nas mãos, e esperou mais. Mas dona Quinota era hermética. O resto ficou

lá dentro onde ninguém ia buscar, porque o marido, o único interessado na ocasião, mais morto que vivo, preferiu tirar o colarinho e a casaca.

Dona Quinota atirou-se na cama escangalhada e feliz, só acordando na quarta-feira de cinzas ao meio-dia.

Quando o resto da família se levantou, o almôço (feito por ela) já estava na mesa, e dona Quinota se desesperava porque tinha lido no **Jornal do Brasil** que foram os Fenianos que pegaram o primeiro prêmio, quando todo o mundo viu perfeitamente que só o carro-chefe dos Democráticos...

Trecho do capítulo VII, de "Marafa"

MARQUES REBÊLO

O romance "Marafa", de Marques Rebêlo, passa-se quase todo durante o carnaval. Dêle extraimos êste capítulo, onde o escritor carioca descreve-nos um dia de carnaval, entre os anos de 1927 a 1930, na Avenida Rio Branco, que é o coração do carnaval carioca.

AVENIDA é o mar dos foliões. Serpentinas cortam o ar carregado de éter, rolam das sacadas, pendem das árvores e dos fios, unem com os seus matizes os automóveis do côrso. Sai da frente! — o grupo dos cartolas empurra para passar, com a corneta que arrebenta os ouvidos. O chão é um tapête de confetes. Há uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos.

Sussuca vai pelo braço, do namorado, espremida, ouvindo graças, comendo confete. "Comeu! Comeu! Fecha a bôca, bôbo!" Dona Nieta acompanha-os, perdendo-se a cada instante.

— Acabamos indo sem a senhora para casa, mamãe.

— Não se importem comigo, filhos, que eu não me perco. Vão tocando p'ra diante sem susto, que eu vou seguindo. Não sou matuta, não.

— Eu sei!... Sentido nela, José.

A multidão se sacode, sua, vermelha, rouca, feliz. Há o som dos réco-récos. Há o berreiro dos cordões improvisados nas calçadas. Cantam no calor descomunal:

"Queria te ver no inferno
sem ventarola..."

— Vamos parar aqui?

E' uma esquina divertida. O estudante, de guarda-pó e seringa de borracha, faz prodígios de humorismo à custa dos que passam no corso:

— De quem é o entêrro?

O homem, que vai solitário e sério na capota, não gostou. Curva-se para dizer de quem é. Diz baixinho. O estudante faz uma cara piedosa:

— Pobre órfão...

A risada é vaia para um e exclamação para o outro. O estudante, animado, prossegue brincando. Mas surge uma questão. A gigolete discute com o marinheiro americano:

— Cai nágua, enxerido!

— Deixe de orgulho, princesa.

— Desinfeta logo, senão eu chamo meu irmão.

Está bêbedo, o marinheiro, e força. E' o amigo apache que o arranca:

— Isto não dá futuro, Maurício. Vamos.

Êle resiste. Quer ver a cara do irmão. Quer ver. O companheiro puxa-o pelo braço, impaciente — é o que dá sair com paus dágua. Êle finca o pé, volta. Podia dar em barulho. José propõe outro lugar — a porta do **Jornal do Brasil**, que é um ponto muito bom. O cordão de caixeiros vem pisando e machucando gente:

"Quebra, quebra, gabiroba.
Quero ver quebrar."

Chovem os protestos — "Cutrucos! Massa-bruta! O' animais!" A criança berra. Estoura o lança-perfume.

— Ui!

José dobrou-se sôbre Sussuca que tremia:

— Que foi?!

— Nada.

— Você está ferida.

— Não!

— Olha o sangue! Dona Nieta!

A velha acode. O sangue escorre do braço. O homem desculpa-se com o boné na mão:

— Senhorita... Senhorita...

Não dizia mais do que isso. E a roda formou-se de pescoços esticados — que foi?! Que foi?!

BAR
UME

— Não é nada.

José ensopava o lenço, comprimindo o ferimento. Dona Nieta procura lenços na bôlsa, afobada. O homem sumiu.

— Não foi nada.

— Sussuca...

As cabeças se ajuntavam mais, num círculo sufocante. Sussuca perdia as côres.

— Chamem a Assistência! — gritam.

— Não! Não é preciso! Abram! Ar!

E o corso rodava. Crianças cantam em falsete. Serpentinas vêm se desmanchando num zumbido. José pedia alto um automóvel. Informaram que só na rua Uruguaiana. Aí o gerente do cinema apareceu e, muito solícito, careca reluzente, abrigou-os na sala de espera, onde se sambava e cantava ao som do chôro afinadíssimo. Arranjou cadeiras, foi buscar água — um pouco de vinho do Pôrto, quem sabe? O sangue estancou por fim. José estava branco como papel. Sussuca sorriu fraco:

— Não foi nada.

— Não foi, mas podia ser. Que susto!

Dona Nieta, que até aí perdera a fala, foi um éco:

— Que susto! — e sentou-se, abanando-se.

Sussuca perguntou baixinho:

— Estava com mêdo de que eu morresse?

Mas o rapaz de macacão esbandalhou-se ao lado dêles, estrompado — frouxei! Continuavam, lá fora, os cordões. Vinha a morena na frente, solando, rodando como um parafuso sôbre as chinelinhas de veludo menores que o pé. "Segura esta, seu Fagundes!..." — e a voz do clarinete quase sumia, numa nota aguda que não tinha fim. Era o sinal do côro.

"Quando eu morrer,
não quero chôro, nem vela.
Quero uma fita amarela,
gravada com o nome dela."

A morena suspendia a saia, entrava num grito invencível:

— Todo o mundo!!!

E todos acudiam, repetindo com mais fôrça:

"Quando eu morrer,
não quero chôro, nem vela.
Quero uma fita amarela,
gravada com o nome dela.

Roncava a cuíca. Batia o tamborim. Os cavaquinhos destacavam-se. E ela saía rodando, rodando, suspendendo mais a saia, rodando.

Estavam de mãos dadas, muito unidos, num embevecimento.

— Está gostando?

— Estou.

— Quer alguma coisa? Um refresco, um sanduiche...

— Quero é que não saia daqui, e apertou-lhe a mão com fôrça.

Houve uma rápida debandada do povaréu.

— Chuva, meu bem. Cada tostão...

— E'.

Pingava grosso. Os toldos abrigaram os mais prudentes. O aguaceiro desabou, mas a folia persistiu. "Ela passa! Ela passa!", gritavam. Cantavam, batendo o pé para marcar o compasso — "Ela passa! Ela passa!" Outro grupo rompeu diante, marcando mais forte — "Foi você! Foi você que mandou chovê!" O côro aumentou logo: — "Foi você! Foi você!" Abafou tudo. — "Foi você que mandou chovê!" Mas dez minutos depois a multidão, num delírio, já urrava outra moda:

"São Pedro, não seja mau
Guarde esta chuva p'ra depois do Carnaval."

E a chuva caía sempre. Fantasias largavam tinta. Com os pijamas encharcados, a turma veio atraída pelo chorinho incansável, que enfulemara decididamente. A roda rodava num tropel:

"Foi Deus quem te fêz formosa.
Formosa, ôôôi, formosa..."

— Pode entrar?

Se podia.

— Oba!

Os intrusos eram do diabo! Pulavam como uns loucos, cantavam como uns possessos:

"Porém, êste mundo te tornou
presunçosa, presunçosa."

— Você não quer brincar? Vai, que eu fico espiando.

José olhou-a, desconfiado:

— Que idéia.

Sussuca não insistiu. José, no fundo, sentia vontade. Desejaria participar daquela barulhenta alegria. Sempre fôra um carnavalesco. Mas um sentimento desconhecido fazia-o passar aquêle ano como espectador da alegria alheia. Não fôra a nenhuma batalha de confete E tinham sido colossais. Na véspera (era domingo) fôra da namorada para a cama, como de costume. Sussuca não quisera sair e, despedindo-se, insinuara:

— Agora você vai para a farra, não é?

Negou. Iria dormir.

— Eu sei!...

— Eu não minto.

— Jura?

— Preciso jurar?

— Não. Não precisa. Não vê que estou brincando? Mudou de tom. — Amanhã nós iremos à cidade. Está feito?

— Como quiser.

Sussuca fizera o plano num segundo. Queria ir à cidade sòmente para ver como José se portaria. Duvidava que êle, carnavalesco como era, fôsse para a cama como dizia. Iria era para a brincadeira. Mas haveria de saber. Indo à cidade, experimentá-lo-ia. Pretextando cansaço, mandá-lo-ia brincar. Se êle fôsse com ela presente, imagine sòzinho!

Houve uma estiada.

— Vamos aproveitar? E' tarde. Passa das duas e meia e daqui até em casa é um pedaço.

— Vamos.

Foi difícil, mas sempre conseguiram lugar no bonde.

— O banco está molhado.

— Não faz mal.

— Faz, sim. Senta aqui que é melhor.

Equilibraram-se nas costas do banco. Dona Nieta ficou separada, lá na frente, junto ao motorneiro. Os balaustres sustentavam pencas de gente. Todos cantavam:

"Não paga o bonde,
Iaiá
Não paga o bonde,
Ioiô.
Não paga o bonde,
que eu conheço o condutô!"

Sussuca falou:

— Se você fôsse brincar, sabe o que acontecia? Nunca mais me veria!

José passou-lhe o braço pelas costas, apertou-a:

— Bobinha...

Ela jurava por tudo que era mais sagrado.

A rainha do rancho

RAYMUNDO MAGALHÃES
JUNIOR (1907)

Raymundo Magalhães Júnior nasceu em 1907, *na cidade de Ubajara, Estado do Ceará.*

Nas vésperas do carnaval, aparecem em todos os jornais do Rio seções carnavalescas, feitas num estilo todo especial. E' ironizando êste estilo, que Raymundo Magalhões Junior escreveu "A rainha do rancho", procurando imitar o noticiário destas seções, com todos os seus chavões e particularidades.

A seção recreativa de matutino carioca de 11 de janeiro de 1939:

"UM DOS MAIS ANTIGOS RANCHOS CARIOCAS AMEAÇADO DE EXTINGUIR-SE!

— O nosso cronista carnavalesco recebeu ontem, pelo telefone, uma notícia sinceramente desoladora. O tradicional rancho "Caprichosos de Madureira", que tão brilhante e justamente ganhou a nossa taça de 1938, está ameaçado de extinguir-se, devido à nefasta politicagem entre elementos valorosos, muitos dos quais, por despeito, não querem apoiar a atual diretoria. Será verdade? Não queremos avançar comentários. Aí deixamos a interrogação, à espera de esclarecimentos. Se fôr verdade, o nosso Carnaval levará êste ano um golpe terrível. Avante, "Caprichosos de Madureira"! Fôrça e entusiasmo! E' preciso mostrar o valor..."

Da mesma seção, a 13 de janeiro:

"OS CAPRICHOSOS" ESTARÃO FIRMES, DIZ O PRESIDENTE. — Felizmente folgamos em registrar a nenhuma exatidão do deplorável boato, fruto de pura intriga, espalhado contra o veterano campeão "Caprichosos de Madureira". O presidente do valoroso rancho, Lord Fumega, declarou que "quem fala da diretoria atual tem paixão"... Por isso, os preparativos dos "Caprichosos" para o Carnaval dêste ano serão simplesmen-

te fenomenais. O veterano rancho já está estudando um grande enrêdo, que a nossa crônica carnavalesca publicará em primeira mão. Para a frente, "Caprichosos"! A glória do vosso estandarte assim o exige."

Da mesma seção, a 14 de janeiro:

"DEPLORÁVEL CISÃO NOS "CAPRICHOSOS DE MADUREIRA" — Os têrmos calorosos com que registramos, na nossa seção de ontem, a decisão da diretoria dos "Caprichosos de Madureira", com Lord Fumega à frente, de realizar um Carnaval assombroso, com um grande e alucinante enrêdo, não nos impedem de registrar, hoje, a nossa descrença quanto à execução de tal projeto, isto porque o auxiliar da nossa crônica carnavalesca, Lord Mosquito, em reportagem feita **in loco**, verificou que forte ala dos "Caprichosos" está se desligando do veterano rancho, para fundar outro, mais forte e mais pujante, sem a politicagem imunda que agora domina o velho rancho de Madureira. Dizem que os "Caprichosos" estão sendo explorados por meia dúzia de sujeitos e até o **chopp** das damas, no **Buffet**, foi suprimido. Tudo ali é pagando, e olhe lá. A ala dissidente resolveu fundar os "Aristocráticos de Madureira", para o que já pediu registro à polícia."

Da mesma seção, a 17 de janeiro:

"LORD FUMEGA LANÇA UM DESAFIO! — Madureira está em plena ebulição. Afinal, a cisão havida nos "Caprichosos de Madureira" e que tanto reboliço causou, talvez seja um grande benefício para o nosso adorável Carnaval suburbano e para o clássico desfile dos ranchos, que esta fôlha todos os anos promove, com grande satisfação de todo o povo carioca. Ontem, realizou-se a assembléia de fundação dos "Aristocráticos", conforme noticiamos em outro local, sendo eleito presidente Lord Topa-Tudo (Vicente Aroeira), que é um dos nomes prestigiosos na estiva carioca. Lord Topa-Tudo é o autor do protesto contra a supressão do **chopp** das damas nos "Caprichosos" e disse que cada moça ou senhora que for aos bailes do novo rancho terá direito a cinco **chopps**

gratuitos. Isso é um golpe no prestígio dos "Caprichosos". Contudo, Lord Fumega declarou que está disposto a lançar um desafio aos adversários, pois está certo de que a taça de 1939 será outra vez dos gloriosos adeptos das côres prêto e amarelo, que têm em Madureira o seu baluarte inexpugnável. A frase é de Lord Fumega e o nosso redator não lhe empresta solidariedade, pois, como sempre, ressalvamos e mantemos a nossa intransigente imparcialidade:

Da mesma seção, a 19 de janeiro:

"A CÔRTE DE CLEÓPATRA SERA' O GRANDE ENRÊDO DOS "CAPRICHOSOS" — A côrte de Cleópatra, tal como aparece na super-produção de Cecil B. de Mille, será o monumental e impressionante enrêdo que o veterano e glorioso rancho "Caprichosos de Madureira", detentor da taça de 1939, apresentará em seu desfile notável, na segunda-feira de Carnaval, diante do juri constituído pelos representantes da ABI, do Touring Clube, do C. C. C. e do Departamento de Turismo da Municipalidade. Realmente, a idéia de Lord Fumega — pois foi êle quem a sugeriu, sendo logo aprovada por aclamação, de acôrdo com a proposta de Lord Picapau, — é uma idéia originalíssima e sugestiva, pois o público carioca terá, dêsse modo, uma deslumbrante lição de arte e beleza, com um sentido além do mais educativo, sôbre êsse belo episódio das Cruzadas. Parabens aos "Caprichosos" pela originalíssima iniciativa."

Da mesma seção, a 20 de janeiro:

"AS CRUZADAS, O GRANDE ENREDO DOS "ARISTOCRÁTICOS DE MADUREIRA" — Soberbamente inspirada na magistral fita de Cecil B. de Mille, a alegoria que os "ARISTOCRÁTICOS DE MADUREIRA" apresentarão, no enrêdo do seu desfile, no próximo Carnaval, se destina a um sucesso extraordinário e piramidal. Nenhum esfôrço será poupado para que o monumental desfile seja digno das ovações do público carioca, que, assim, ficará conhecendo, numa reconstituição veracíssima, o episódio épico das Cruzadas. Por falar em Cruza-

das, cabe aqui uma retificação. Na pressa com que, à última hora, redigimos a nota de ontem, sôbre o enrèdo dos "Caprichosos", que são os grandes rivais dos "Aristocráticos", deixamos escapar um pequeno cochilo, que os leitores inteligentes naturalmente corrigiram. Entretanto, como pode ter escapado a muitos, aqui vai a retificação. Aludimos, por descuido, às Cruzadas, quando falávamos de Cleópatra e sua côrte, coisa que, de resto, todos sabem que está ligada às invasões de Nero no Extremo Oriente. Entretanto, mal sabíamos nós que êsse descuido era uma quase profecia. Os "Aristocráticos" estavam com as Cruzadas no seu programa. Já é muita coincidência!"

Da mesma seção, a 21 de janeiro:

"LORD FUMEGA" FAZ O ELOGIO DE MARLENE DE ALBUQUERQUE, A MAIOR PORTA-ESTANDARTE DO RIO — Lord Fumega, em palestra com o nosso dedicado e prestimoso auxiliar, Lord Mosquito, um dos ases da crônica carnavalesca carioca e indicado, por isso mesmo, à vice-presidência do C. C. C. (Centro dos Cronistas Carnavalescos), disse que não teme confrontos com os "Aristocráticos", porque, se é questão de porta-estandarte, a taça já está em seu poder. A mimosa e dedicada Marlene de Albuquerque, que, com seus dezoito anos apenas, já é uma autêntica heroína do nosso adorável Carnaval suburbano, integra os elementos dos "Caprichosos" e possui as mais lindas figurações e requebros, a par de uma resistência inegualável. Ensaios de quatro horas por dia nada representam para essa orquídea morena dos trópicos, que tem nas veias o sangue azul de uma verdadeira carnavalesca. Marlene de Albuquerque, diz Lord Fumega, é um dos trunfos que os "Caprichosos" usarão, para tirar os "Aristocráticos" da mesa. Que dirá a isto Lord Topa-Tudo?"

Da mesma seção, a 22 de janeiro:

"OS ARISTOCRÁTICOS" ELEGERÃO A SUA RAINHA, OFERECENDO-LHE UM PRÊMIO DE CINCO CONTOS E UM VESTIDO BORDADO A OURO — Ini-

ciativa digna dos mais entusiásticos aplausos, essa que acaba de ter Lord Topa-Tudo, o mais audacioso e arrojado presidente de rancho do Rio de Janeiro. Lord Topa-Tudo, com o apoio de numerosos colegas da classe dos estivadores e de várias firmas do comércio madureirense, resolveu fazer um concurso no bairro, destinado a eleger a rainha dos "Aristocráticos", o novo rancho que está ofuscando os "Caprichosos", cujos bailes atualmente andam quase às moscas, o que não é de estranhar, pois até o **chopp** das damas foi suprimido. Lord Topa-Tudo, para machucar ainda mais Lord Fumega e seus infelizes comparsas, resolveu instituir um prêmio de 5:000$ e um vestido bordado a ouro (o da princesa do enrêdo das Cruzadas) à bela carnavalesca que for eleita. Não é preciso pertencer ao quadro do clube para ser eleita. Basta que, passando de cem votos a votação, a candidata confirme que aceita a indicação do seu nome. O concurso será movimentado através desta seção, sem intuito de magoar os "Caprichosos", mesmo porque a frase contundente, linhas acima, não é nossa e sim de Lord Topa-Tudo, êsse nosso amigo, que nos prestigiou com a escolha desta fôlha para patrocinar tão empolgante concurso."

Da mesma seção, dez dias depois:

"OS CAPRICHOSOS VÃO FICAR SEM PORTA-ESTANDARTE! — Acha-se em primeiro lugar, no nosso concurso para rainha dos "Aristocráticos de Madureira", a prendada e distinta senhorita Marlene de Albuquerque, que tem grandes habilidades como porta-estandarte e que Lord Fumega assegurara que seria o maior dos trunfos dos "Caprichosos de Madureira", rival daquele novel mas já prestigioos rancho. Entretanto, a senhorita Marlene de Albuquerque não protestou até agora contra a votação que tem recebido. E parece que nem protestará. Aliás, sabemos que elementos do novel rancho estão confabulando com Marlene e é possível que ela aceite. O prêmio não é para desprezar."

Da mesma seção, dois dias depois:

"UMA VITÓRIA DOS "ARISTOCRÁTICOS"! — MARLENE ACEITOU — Os "Aristocráticos" acabam de

obter uma grande vitória, que é, talvez, o prelúdio de outras que, em breve, hão de conquistar. Marlene, a eficiente porta-estandarte e ornamento social de Madureira, acaba de dar a sua palavra, aceitando o belo e honroso título de rainha dos "Aristocráticos". Com a aquisição dêsse valioso elemento, os "Aristocráticos" estão de parabens, mas os seus rivais estão de pêzames... Agora, querendo remediar as coisas, Lord Fumega, dando mostras de arrependimento, mandou restabelecer o **chopp** das damas, mas já é tarde... A hora é mesmo dos "Aristocráticos", diz Lord Topa-Tudo ao nosso jornal, que, em meio de tôda essa fervura, não deseja outra coisa senão manter a imparcialidade de sempre."

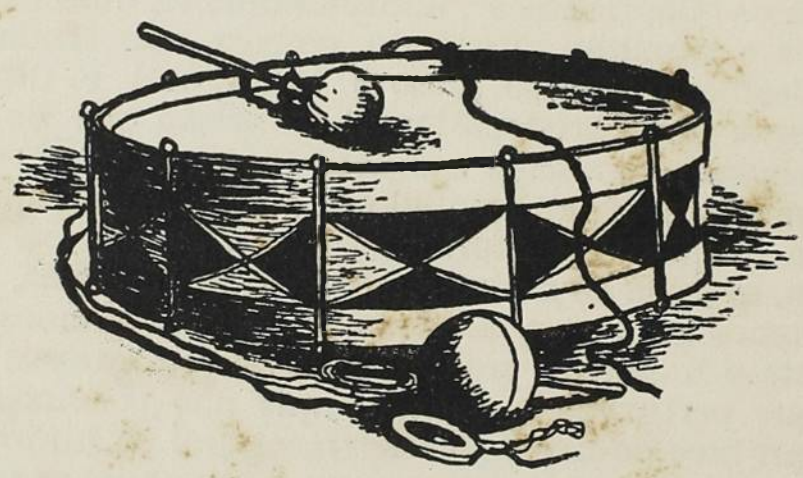
Na mesma seção, dois dias depois:

"GOLPE DE MALANDRAGEM, BAIXO E SUJO — Os "Aristocráticos" acabam de ser feridos por um golpe de malandragem, baixo e sujo, dêsses que envergonham qualquer carnavalesco sério. Marlene de Albuquerque, a buliçosa mulatinha, cuja reputação aliás sempre foi objeto de comentários maliciosos, depois de haver assumido compromisso espontâneo, aceitando o título de rainha dos "Aristocráticos", à última hora tirou o corpo fora, com o maior cinismo, tendo escrito a Lord Topa-Tudo esta carta que é um documento revelador da sua falta de compostura moral: "Sinhor Aroueira (Lord Topa-Tudo): Vejome na cerconstança de retirá minha palavra, por cêr menor de idade e minha tia, qui me criô, querer que eu fique no crube do Lord Fumega. Diz que é poca vergonha fazê sujeira açim descurpe mas não podendo cêr que é poço fazê. Marlene." O caso é que Lord Fumega, segundo consta, teria dobrado a parada, prometendo uma bolada maior à mulatinha .De onde é que êle iria tirar tanto dinheiro? Os "Caprichosos" estão arrebentados. Hum, aqui há coisa."

Dias depois, no mesmo matutino:

"CHOQUE ENTRE RANCHOS" — Apesar das ordens da polícia e do itinerário prèviamente traçado, dois ranchos de Madureira, na noite de ontem, perto da praça

Mauá, tiveram violento choque, empanando, assim, o brilho do desfile das associações suburbanas, que acabou sendo dissolvido, por motivo de ordem pública. Houve grossa pancadaria, sendo que a mulatinha Marlene de Albuquerque, pretensa rainha dos "Caprichosos de Madureira", foi pisoteada e rasgada, tendo de ser recolhida ao Pronto Socorro com contusões generalizadas. Foram presos dois carnavalescos, os srs. Vicente Aroueira, o conhecido e prestigioso Lord Topa-Tudo, e Jaquim Marcelino, que atende pela alcunha de Lord Fumega. E' de crer que a prisão de Lord Topa-Tudo seja logo relaxada, pois se trata de uma injustiça. A vez de entrar na Avenida Rio Branco era dos "Aristocráticos de Madureira", quando os "Caprichosos", audaciosamente, quiseram cortar-lhes o caminho. Contudo, embora não tendo havido o desfile e estando prêso o infatigável e dinâmico presidente dos "Aristocráticos" — prisão que de certo será relaxada — afirma-nos Lord Picapau, vice-presidente em exercício, que, de qualquer modo, será realizada à noite a chopada da vitória, dedicada à imprensa carnavalesca, seguida de deslumbrante baile a fantasia, para o qual fomos gentilmente convidados. Lamentamos imensamente o incidente provocado por carnavalescos indígnos, que perturbou o desfile e que não podemos silenciar, em face do nosso dever irrecorrivel de informar ao público, através do registro sereno e imparcial dos fatos."



Embaixada da Concórdia

FRANCISCO INÁCIO
PEIXOTO (1909)

Francisco Inácio Peixoto nasceu em 1909, na cidade de Cataguases, Estado de Minas Gerais.

Os preparativos e os ensaios internos de um rancho carioca, em vésperas de carnaval, e a rivalidade entre seus membros, constituem o tema dêste conto, de Francisco Inácio Peixoto, vigoroso em realismo, pitoresco e emoção.

ILÊNCIO, gente! Estou cansado de pedir. Assim eu largo esta joça de uma vez e vou tratar de outra vida. Silêncio! — gritou ainda Bidunga, desesperado, enxugando o suor que lhe dava um brilho mais acentuado na testa, engordurada de brilhantina que sobrava dos cabelos.

O falatório foi diminuindo de intensidade e permaneceu depois apenas uma surdina de vozes. Um apito estridente impôs definitivamente o silêncio. Todos os olhares convergiram, de repente, para o mulato que estava agora trepado numa cadeira do tablado dos músicos. Um resto de raiva ainda fêz com que êle soprasse de novo no apito, prêso ao pescoço por um barbante, para deixá-lo cair dos lábios pintalgados de vitiligo.

— Deus me livre! Ou bem que há disciplina, ou, então, eu deixo esta droga! Vocês querem me escutar ou não? Que raio!

— Pode falar, Mussolini!

— Isto aqui não é comício, não. Toca o bonde!

A turma acolhia os apartes com risadas. E os mais salientes, com tal estímulo, porfiavam na chacota.

Bidunga estava desarvorado, fulo de raiva, sem saber o que responder aos que lhe perturbavam o ensaio daquela noite. Percebendo ser inútil prosseguir, pois a confusão se fizera novamente e recrudescia a cada palavra sua, desceu da cadeira num pulo rápido. A peque-

na cartola carnavalesca resvalara para a nuca e êle, como que sentindo, naquela situação, o ridículo de semelhante indumentária, arrebentou o elástico que a prendia ao pescoço, atirando-a fora.

— Não ensaio é nada! — berrou. — Quem quiser que tome o meu lugar.

Do meio do salão veio uma voz autoritária:

— Deixa êle falar, gente!

Bidunga olhou para o ponto de onde supunha haver partido aquêle apoio e, em vez de agradecê-lo, respondeu àsperamente:

— Quem te falou que eu quero falar?! Eu queria era só dizer que vocês são uma cambada de gente sem educação. Estou perdendo o meu tempo e...

— Não precisa morder, não, chefe! — interrompeu um engraçado.

— Só se fôr a mãezinha de quem falou, xingou Bidunga, no auge da exaltação, avançando para um negrinho batoque, de camisa de cetim amarelo que ali estava, a poucos passos na sua frente, atrevido, mostrando a dentadura perfeita, num risinho provocador.

— Minha mãe está morta, pintado. O resto você já sabe...

Uns, que se achavam mais próximos de Bidunga, seguraram-no, procurando evitar que a coisa esquentasse mais. Bidunga tentou ainda se desvencilhar dos braços que o agarravam, dando uns safanões violentos. Vendo que lhe era impossível e que seus companheiros jeitosamente o levavam para fora do salão, esticou o pescoço para trás e prometeu ao contendor:

— Ainda havemos de nos encontrar, negro safado!

— Uai! se quiser, é pra já, carijó. Deixa êle vir, pessoal!

— Brigando à tôa, gente! Deixa disso, aconselhou alguém.

— Eu estava brincando, ué! Quem começou foi êle, puxando nome de mãe. Não enjeito parada.

— Isto não vale nada, Xerém. Êle falou na hora da raiva.

— Não estou somando se foi na hora da raiva ou não. Topo tudo, acentuou Xerém, já mais calmo. Desaforo! Não é mesmo?

Os que o rodeavam limitaram-se a afirmar, num último apêlo, já agora supérfluo, pois o incidente chegara ao fim:

— Acabou, acabou, não se fala mais nisso. Vamos embora, Xerém.

Afastando-se em companhia de um amigo, fingia displicência. E, petulante, dirigiu-se a uma moreninha que, encostada à porta do reservado das senhoras, parecia ter aguardado, ali, o desenrolar da rixa para, em caso de necessidade, pôr-se a salvo mais fàcilmente:

— Tu te assustou, minha nêga?

A morena retirou-se sem dizer nada. Xerém riu e penetrou no saguão, onde se formara um grupo, num canto, em tôrno de Bidunga. O amigo, temendo o reencontro, empurrou-o disfarçadamente daquele lugar, mas Xerém, brusco, soltou o braço:

— Você é bêsta, seu! Não preciso de pagem, não.

E, encostando-se ao corrimão da escada, puxou um cigarro e ficou escutando a conversa da roda, em atitude de zombeteira. Alguns notaram-lhe a presença e, conciliadores, acercaram-se dêle. Do grupo vinham frases sôltas, insistentes. Que o pessoal estava cansado. Que era preciso ter paciência. Que êle não ligasse importância àquelas brincadeiras. Porque era tudo dito sem intenção de ofensa. As mesmas coisas eram repetidas mil vêzes. Bidunga só fazia grunhir:

— Brincadeira... Hum! Hum! Brincadeira...

— E', sim. Você compreende que ficar meses e meses, tôdas as noites quase, ensaiando, não é sôpa. Cansa mesmo. Hoje só é que foi isso. A primeira vez.

— A primeira vez... Hum!

Um mulatinho se aproximou mais de Bidunga e pediu com a voz sestrosa:

— Fica, seu Bidunga! Bobagem sua...

Bidunga não se conteve e respondeu, azêdo:

— Tira a mão do meu ombro, duvidoso! A conversa ainda não chegou pra você, não.

O rapaz encabulou e houve, da parte de todos, um certo retraimento. Bidunga adivinhou que as explicações e os pedidos iriam cessar. Os músicos faziam pequenos treinos isolados com os seus instrumentos e o ruído irritante exasperou-o. No salão, algumas damas pe-

diram para que tocassem qualquer coisa, já esquecidas do tumulto de há pouco. A maioria das moças estava nas sacadas tomando a fresca. Formavam-se pequenos agrupamentos. Riam e conversavam. Bidunga já estava querendo se convencer de que havia sido inconseqüente. Vacilava. Talvez mesmo voltasse atrás, mas um dos que o vinham convencendo acabou por desistir:

— Ah! Se quer ir, vai. Fica fazendo chiquê tôda a vida...

Bidunga, aí, tomou pé novamente na sua raiva e nas suas convicções:

— Bobagem! Não cedo mesmo nem um passo. Malagradecidos! E foi abrindo caminho, se livrando dos que procuravam detê-lo. Quando chegava à escada, escutou uma recriminação:

— Com efeito! Sujeito metido! Quem é que te encomendou sermão? Agora vocês que se arranjem, que também vou cair fora. A gente procura consertar e você atrapalha tudo. Agora você toma conta, toma!

Aquilo satisfez à vaidade de Bidunga. Sabia a falta que iria fazer. Sabia, êle também, que haveriam de procurá-lo no dia seguinte. O clube sem êle era a mesma coisa do que baile sem música. Tinha certeza disso. Deu de cara com Xerém, mas ainda pôde descer, triunfante, as escadas do "Mimosas de Deodoro", caindo na noite suburbana, que a viração noturna refrescava. Não durou muito, porém, o seu ar suficiente. Quando ia pondo os pés na soleira da porta do café da esquina, a música rompeu em cima, provocante, acompanhada do côro metálico de vozes:

"Ó Ferdinando!
Ó Ferdinando!
Não olha assim p'ra mim.
Ó Ferdinando!
Ó Ferdinando!
Vai cheirar as flores do jardim!"

Arrepiou caminho bruscamente e passou a mão pela cabeça, se lembrando logo de que esquecera o palhinha no clube. O estribilho incessante machucava-lhe os ner-

vos. Deu um último olhar para as janelas iluminadas e não se conteve que não xingasse outra vez, os dentes rilhados:

— Mal-agradecidos!

Liorlinda de Souza, tecelã da fábrica, eleita, depois de renhido pleito, rainha do "Mimosas de Deodoro", muito trabalhou pela pacificação do seu clube. Bidunga ferido, profundamente ferido no seu amor-próprio, recusava-se a aceitar uma fórmula conciliatória. O Carnaval estava à porta. E a atitude do primeiro elemento da sociedade recreativa provocara desentendimentos maiores: uns, tomando o seu partido; outros, achando que era humilhar-se de mais, sem necessidade, estar insistindo pela volta dêle; alguns, poucos, mantendo-se equidistantes e querendo sòmente que acabassem com as dissenções.

— Já no ano passado foi aquela água! Resolve daqui, resolve dali, escolhe enrêdo, não escolhe, ensaia tudo às pressas... No fim, a gente quase que faz fiasco.

— E' isso mesmo. Precisa terminar com essas porcarias.

— Por mim, pouco se me dá. Gosto é da farra. Não ligo p'ra besteiras.

— Isto é que não! Isto aqui não é bagunça. P'ra sair na rua tem que ser coisa decente. Êle tem razão: no ano passado foi uma vergonheira.

— Vergonheira também não! — corrigiu um.

— Vergonheira, sim senhor !E agora, que tudo lá ia muito direitinho, pronto! fica essa brigaria louca. Porém, verdade seja dita que o Bidunga não deixa de ter a sua razão. E vocês podem procurar outro de vela acesa. Igual não acham, não!

Derrotistas, indiferentes, exaltados, ninguém chegava a um acôrdo, e os preparativos para o grande prélio carnavalesco no "Mimosas de Deodoro" sofreram um colapso que ameaçava a existência do clube. Os ensaios há muito não se realizavam. A comissão encarregada do "Livro de Ouro" e que já percorrera apenas uma parte do comércio, angariando donativos, desanimara.

Foi então que Liorlinda, tomada de brios, à frente de algumas companheiras do clube, iniciou, autorizada pela diretoria, negociações diplomáticas no sentido de conseguir a volta de Bidunga. Êste fazia corpo mole, gostando de ser rogado, satisfeito na sua vaidade diante de tanta insistência. Mas nada decidia.

— Dentro dos meus direitos, não arredo um passo.

— Mas não se trata de direitos, retrucou Liorlinda. A gente quer só que o senhor volte. E não há nisso desmerecimento nenhum. Como é que o clube vai se arranjar?

— Como é, não sei.

— Volte! Volte!

— Não volto nem por nada — decidiu Bidunga, com ares de quem já estava sendo importunado, mas contente, no fundo, com aquelas súplicas. Liorlinda continuava teimando, entortava um pouco o pescoço e fazia beicinho:

— Volte!

Bidunga reparava como era bonita a moça. O vestido colante modelava um corpo de carnes rijas, moreno, de curvas macias. Olhou para a bôca de lábios grossos, baixou-os em seguida para os braços roliços e, meio perturbado, afirmou sem vontade:

— Não volto, não.

A moça sabia que êle estava fraquejando e resolveu açular o seu orgulho:

— Será por causa do Xerém? — indagou.

Bidunga, noutra ocasião, teria estrilado. Mas agora, diante daqueles olhos, daquele rosto de cromo, estava manso. E apenas pôde explicar, sem dar conta da insinuação que se escondia na pergunta de Liorlinda:

— Quem? Eu? Não dei importância nenhuma àquilo, não. No princípio fiquei safado. Mas resolvi deixar correr o marfim. Se a gente tiver de se encontrar, se encontra lá no clube ou fora dêle, em qualquer lugar. Eu cá, por mim, topo qualquer parada.

— Então, seu Bidunga! — aparteou uma das moças. — Volte! O que passou, passou.

— Isso, vírgula! De mais a mais, eu sei que o pessoal não está combinando mesmo. Gosto de trabalhar

EMBAIXADA
DE
CONCÓRDIA

mas é tudo de harmonia. Assim, não. Uns torcem p'ra cá, outros torcem p'ra lá. Hum, hum! Não dá certo, não. Carnaval para êste seu criado é coisa muito séria. A gente tem responsabilidade...

Bidunga, como se tivesse uma inspiração súbita, encarou em Liorlinda e, depois de uma pausa, sugeriu:

— Agora, tem uma coisa. Se vocês quiserem, pode se organizar um outro clube. O tempo é pequeno, mas dá. E' só ter boa vontade e reunir a turma que estiver disposta a aderir. Dinheiro garanto que se arranja. E p'ra começar, qualquer barracão serve. Que tal?

As moças entreolharam-se espantadas. Êle, porém, insistiu:

— Se quiserem, vamos.

A idéia viera-lhe sem premeditação. Mas já se entusiasmara, antegozando uma vitória. O tempo era curto? Qual! Tudo se conseguiria. E, num instante, viu na sua frente a turma luzidia, Liorlinda na frente, carregando o estandarte, em evoluções gentis. E êle, Teotônio da Conceição, antigo mestre-sala do "Cordão das Camélias Rubras", ex-diretor artístico do "União dos Beija-flores", ex-presidente dos "Furrecas do Encantado", sentia-se até aflito com a porção de planos que lhe acudiam à mente. Lembrava-se com ódio do "Mimosas do Encantado". Haviam de pagar caro. Se haviam! Sabia lutar, estava acostumado com dissabores. Não desanimava por pouca coisa. Então, quando se tratava de dar uma lição, quando o seu orgulho era esporeado, aí ninguém o vencia. Ninguém. Apaixonava-se, sabia transmitir entusiasmo quando a turma naufragava em desânimo. Interrogou Liorlinda com os olhos. A moça fitou-o, surprêsa. Mas, parecendo que lia no pensamento de Bidunga todos os planos mirabolantes que o agitavam, aceitou o desafio. E, abrindo-se num sorriso para as companheiras, exclamou:

— Eu vou aderir. E sabe que já encontrei um nome alinhado? Sem esperar resposta, foi logo dizendo: "Embaixada da Concórdia".

Uma das suas colegas, embora seduzida, objetou tìmidamente:

— Mas, como é que vai ser? Fica feio a gente...

— Que feio, que nada!

— Aquêle clube estava mesmo uma bagunça.

Liorlinda, notando que tôdas se achavam de acôrdo, firmou com Bidunga:

— Nós topamos.

E, ainda naquela noite, ficou definitivamente assentada a organização do clube recreativo "Embaixada da Concórdia", que conseguiu congregar em tôrno de sua bandeira os foliões mais destacados de Deodoro. Foi êsse, mais ou menos, o final de uma notícia que apareceu dias depois na seção carnavalesca de um vespertino, assinada por "Lord Cebola".

Há muito que a cidade acordara para a grande festa. As seções carnavalescas dos jornais noticiavam bailes, batalhas de confete, banhos de mar a fantasia. Nas tardes cheias do centro, os sambas e marchas que vinham das casas de música se espalhavam no ar pesado e eram um convite para a multidão apressada e suarenta. Os rádios berravam. Há muito que se sentia a presença do Carnaval. Mas aquela tarde de sábado trazia, com o crescer de suas sombras, qualquer coisa de estranho ao tumulto das ruas. Tudo era diferente. O matraquear estridente e irritante das réguas nos balcões das agências de loteria, anunciando as próximas extrações. Os pregões metálicos dos camelôs, oferecendo os últimos sucessos do Carnaval, lâminas gilete a duzentos réis, a segurança das chaves a dez tostões, reloginhos para crianças, brinquedos. A fisionomia dos homens que passavam, desviando-se uns dos outros, dirigindo-se para os bondes apinhados, para os ônibus incandescentes, cujos carburantes espocavam de minuto em minuto. E, ao acender das luzes, quando o comércio cerrou com fragor as suas portas, se fêz um novo dia na avenida de luzes ofuscantes, cujos postes estavam decorados de enormes máscaras. Improvisavam-se blocos pelas calçadas. Alguns mais afoitos subiram a um palanque armado no meio da rua e iniciaram um chôro. Uma cuíca roncava forte. E as vozes capricharam no samba:

"Em mangueira
Na hora da minha despedida
Todo o mundo chorou
Todo o mundo chorou.
Foi pra mim
A maior emoção da minha vida
Porque em Mangueira
O meu coração ficou."

Bidunga viera descendo da banda do Cais do Pôrto, acompanhando um bloco. O sol batia em cheio no calçamento. E, como se a chapa ardente queimasse os pés dos foliões, punham-se êles a sapatear em doidas evoluções, requebrando os corpos suados, se desconjuntando em meneios de coréia, negaceando, em avanços e recuos bruscos, violentos, dançando frenéticos ao som dos tamborins e dos pandeiros guizalhantes, enquanto roncavam, profundas, as cuícas. O côro de vozes repetia um estribilho interminável. Homens fantasiados de havaianas; homens vestidos de mulher; índios de cocares feitos de penas de espanador; malandros de camisas listadas; mulheres de pijamas, de calças apertadas modelando ancas enormes; baianas de corpos elásticos, de corpos bronzeados, sambando, abraçando-se, agitavam-se em bamboleios, sacundindo os seios firmes. E o bloco seguia, movendo-se como um só corpo, homogêneo e indivisível, no meio da multidão de curiosos. Quando chegou à praça Mauá, Bidunga largou-o e, cauteloso, apalpou os bigodes e o cavanhaque postiços, que lhe davam comichões na pele. Naquele rosto inexpressivo, sòmente os olhos tinham vida, desconfiavam, eram como os de uma fera que pressente o perigo. Logo depois, encontrou outro bloco. Fugiu das mãos que tentaram agarrá-lo, procurando prendê-lo numa roda. Mais adiante, entretanto, não pôde se livrar de um grupo de moças e rapazes que o envolveram. Êle ali ficou no meio dêles, sem movimento, querendo sorrir, desajeitado como um velho urso. As moças faziam-lhe momices e cantavam, afinadíssimas:

"Eu perguntei a um malmequer
Se meu bem ainda me quer
E êle, então, me respondeu que não...
Chorei, mas, depois, eu me lembrei
Que a flor também é uma mulher
Que nunca teve coração."

Bidunga suava. Teve vontade de forçar a cadeia de braços que o cercavam e sair correndo. Mas não foi preciso, porque, no mesmo instante, uma voz comandou:

— Vam'bora, pessoal.

Suspirou aliviado e, como se estivesse fatigado do esfôrço que fizera para se conter, entrou num café e pediu na caixa as chaves da privada. Lá permaneceu de pé, os nervos agora ralaxados da tensão a que haviam sido submetidos. Há dois dias travava-se dentro dêle um luta medonha. Estava exausto. Dormira ao relento, acordara sobressaltado, vendo-se perseguido a tôdas as horas. Sabia ser difícil à polícia reconhecê-lo com aquêle disfarce e, ainda mais, naqueles dias de tumulto. Mas não alcançava dominar o mêdo que o invadia e que lhe dava uma sensação constante de frio nas entranhas. Por isso procurava a multidão que se comprimia pelas ruas. Evitava isolar-se. E, quando, de madrugada, era menos intenso o movimento, buscava, como único refúgio, os logradouros públicos, livres agora para o sono dos que só puderam encontrar para o seu descanso a relva fresca dos jardins. Mal conseguia, porém, cerrar os olhos num cochilo rápido e era preciso voltar para as ruas, pois senão aborda-lo-iam com certeza e seria pior. Seu suplício era, então, sem limites. Tentava vencer o abatimento, bancando o folgazão, dirigindo gracejos aos transeuntes para que não suspeitassem, àquela hora matinal, do fantasiado sombrio e sem rumo. Lembrava-se de que o dia seguinte era quarta-feira de cinzas. E sentia-se prêso. Prêso, no meio do povo, na cidade que abria caminhos inumeráveis na sua frente. As artérias latejavam-lhe e o coração batia descompassado. Tinha febre. Compôs o rosto e veio para fora. Todos os seus sentidos foram novamente violentados, de chofre.

Algazarra de milhões de bôcas que cantam e gritam; massa ondulante e polícroma do povo se divertindo aci-

ma de todos os preconceitos; serpentinas coloridas em espirais pelo ar, enroscando-se nas árvores, nos fios, embolando-se nas rodas dos automóveis, ligando-os no corso que se movimenta lentamente; confetes; cheiro de suor, de éter dos lança-perfumes, de gasolina, cheiros acres e excitantes; contato de todos aquêles corpos no desvario do Carnaval, pressão de nádegas se encostando, flácidas, de braços de veludo, de seios... Bidunga sentia mãos que o empurravam à procura de espaço para gestos convulsos. E as mãos também dansavam no ar, frementes, empunhando réco-récos, pandeiros e chocalhos.

Foi caminhando até à Praça Floriano. Lá é que desembocava a caudal humana. Grande rio que fluía e refluía.

Bateram-lhe no ombro. Voltou-se, assustado, para ver quem era. Um senhor gordo, de amplos bigodes caricaturais, estava a seu lado, perguntando-lhe com sotaque carregado e fisionomia compungida:

— O cavalheiro poderá ter a bondade de dizer-me a que horas é o entêrro?

O gordo, vendo a atrapalhação de Bidunga, soltou uma gargalhada e se dirigiu, em seguida, a um folião que dançava, grotesco, vestido de mulher, sòzinho na calçada:

— A madama quer dar-me a honra desta valsa?

Um instante rodopiaram os dois e o dançarino, largando o par de repente, perguntou a um vendedor que, debaixo de uma árvore, expunha, sôbre caixctes, rubras talhadas de melancia:

— Quanto custa cada?

— Quinhentos.

Suspendeu o rapaz, de um lado, o vestido e procurou o dinheiro no bôlso das calças. Tirou para fora uma moeda e, examinando-a, desculpou-se:

— Não posso. Só tenho duzentão.

E, como se nada daquilo tivesse importância, saiu lampeiro, uma das mãos na cintura, requebrando-se todo.

Veio a noite. Gente cansada se apinhava nas escadarias do Municipal e da Biblioteca, à espera da passagem dos préstitos carnavalescos.

Já era tarde, quando um clarão de fogos-de-bengala anunciou, no fim da avenida, que o desfile havia sido iniciado. Ouviam os clarins que precediam o cortejo.

Bidunga, que adormecera de cócoras numa das reentrâncias do teatro, só acordou quando um estalar de palmas saudou, perto, o primeiro carro alegórico que passava. A comissão de frente dos clubes distribuía cumprimentos à multidão. Os homens montados em cavalos de pelo reluzente tiravam as cartolas com largos gestos de reverência.

Fenianos, Democráticos, Tenentes, tôdas as grandes sociedades que, durante o ano, trabalharam em segrêdo, rivalizavam agora na apresentação de seus préstitos. Os carros exibiam alegorias estranhas, apoteoses, fantástica arquitetura de rodas, pérgulas e conchas, num brilho ofuscante de ouro e prata. E tinham nomes pomposos e líricos: "Quimera azul", "Brasil Forte", "Sonho da Primavera", "Epopéia da Raça".

Desfilaram todos os carros. Estava findando o Carnaval. Bidunga teve, mais uma vez, consciência de sua situação. Os pés doíam-lhe. Seus nervos estavam em tiras. Súbito, como se houvesse encontrado um salvamento, foi rompendo por entre o povo, empurrando uns, acotovelando outros, abrindo um caminho que, na sua ânsia, lhe parecia mais difícil. Sua cabeça estava fraca. Tinha dentro dela um disco que girava, girava sem parar, repetindo mil vêzes o itinerário que traçara. Rua do Passeio, Lapa, Mem de Sá... Os nomes se embaralhavam, avivando-lhe lembranças. A Praça Onze fervilhava ainda. Era ali o seu Carnaval. O Carnaval das escolas de samba e dos cordões numerosos. Gente que descia do morro para cantar, que vinha dos subúrbios em ranchos vistosos e pitorescos.

Teve mêdo de entrar na praça. Voltou esgueirando-se logo por uma rua. O coração batia descompassado e êle teve a impressão de que corria. Na madrugada que vinha vindo, chegou-lhe aos ouvidos uma voz rouca de mulher cantando:

"Não posso mais, eu quero viver na orgia!"

A estrêla da manhã era rútila no céu.

Carnaval em Pôrto Alegre

RIVADÁVIA DE SOUZA

O carnaval de Pôrto Alegre, conforme nos mostra Rivadávia de Souza, apresenta algumas características próprias, principalmente no que se refere à música.

HÁ em Pôrto Alegre um subúrbio que se convencionou chamar de Colônia Africana. O nome não é oficial. Ninguém encontrará por lá placa alguma com essa indicação. Mas qualquer criatura do povo indicará ao forasteiro onde fica a Colônia Africana. Por perto, num vale, há outro lugar chamado Bacia do Montserrat, vizinho da Colônia. Dali parte o Carnaval popular pôrto-alegrense. Ali estão os "batuques" também. Nos velhos tempos que eu não cheguei a alcançar — os torneios carnavalescos caracterizavam-se pela qualidade dos musicos. Eram êles que davam prestígio aos respectivos cordões. E das suas marchas, dos seus sambas, da afinação do conjunto, da quantidade de violões, dos agudos das clarinetas e dos baixos dos "pinhos", nasciam discussões azedas, que não raro terminavam em desforços pessoais. Era o tempo do saudoso Otávio Dutra, cujas valsas — as mais lindas valsas do Brasil — Dante Santoro costuma traduzir na sua flauta cheia de brilho.

Ao contrário do Rio, cujos compositores, isoladamente, fornecem aos ranchos e cordões o material melódico, em Pôrto Alegre são os blocos que entregam ao público as próprias músicas, reveladas em concursos, nos palcos dos cinemas e diante das redações dos jornais. Aliás, a preocupação dominante dos líderes carnavalescos gaúchos é o jornal. Ao grito de Carnaval na rua, a primeira passeata dos cordões leva enderêço certo: dirige-se ao **Diário de Notícias** ou ao **Correio do Povo**. De longe, o povo já os vem seguindo. Gente dos arrabaldes, da Cidade Baixa, das vizinhanças do centro e, quando os fo-

liões, enchendo a cidade com seus comparsas e o trinado agudo da solista, aproximam-se da rua da Praia, então os estudantes tomam conta da situação. De um extremo a outro do passeio, com os braços tramados uns por cima dos ombros dos outros, a "linha de ataque" da estudantada vem abrindo caminho, gingando o corpo, cantando o côro da marcha do bloco, até estacarem diante da redação visitada. Então, com a fachada amplamente iluminada por possantes refletores, as janelas do jornal enchem-se de gente. São os redatores, sem casaco, que se debruçam para ouvir as melodias do bloco, enquanto, lá dentro, um "foca" toma nota do nome do cordão, do seu presidente, do autor da música, da solista. O povo, em frente, ri, agita-se, dá gargalhadas, dirige piparotes às morenas, diz coisas galantes à solista. Nisto, surge na janela uma figura imponente. E' o maestro. Faz-se silêncio. O maestro bate com a batuta no parapeito da sacada. Levanta as mãos. E quando desce, tubas, trombones, pistões, flautas, violões, bombos, ruíos, reco-recos, invadem os ouvidos dos presentes, ao tempo em que os remeleixos fazem acrobacias incríveis, arrastam-se pelo chão como cobra, trançam as pernas, enroscam-se, saltam para cair de novo, até que, mais tarde, meses depois, imobilizam-se num leito do hospital, vítimas da "magrinha"...

Há marchas e sambas bisados, ali mesmo, por insistência do público e devido ao estímulo das palmas dos jornalistas. Não se parecem muito com as melodias brejeiras dos cariocas as marchinhas gaúchas. Possuem elas qualquer coisa de próprio, de diferente, de porto-alegrense. As do Mulatão conhecem-se a distância, pela marcação dos "baixos": vinte, trinta violões carregando no bordão... As do Caruzinho (calista nas horas vagas), trazem o mistério de um jôgo de palavras inventado para armar efeito. Esta, por exemplo:

Oh! Meu bem
Tomaste o bonde errado
Errado! Errado!
O teu quadro
P'ra mim está virado
Virado! Virado!

Agora o solista entra em cena:

Toma cuidado
Desaparece
Vai para casa
Reza uma prece
A tua vida está assim
Não quebres, pois, o marfim
Se não é buraco fundo...

E ganham logo o primeiro plano as melodias dêsse fabuloso Lupiscinio Rodrigues, cujos sambas o carioca se habituou a cantar, com aquêle **Se acaso você chegasse**. Os sambas de Noel Rosa trazem sempre um ressaibo de amargura:

A turma está de luto
Por causa de um rapaz
Que bebeu em quantidade
Foi a um samba na cidade
E não voltou mais...

Se o maestro, do alto da sacada do edifício do jornal, chama para si a atenção do público, no primeiro instante, depois disso todos os olhares concentram-se na solista, cabelos negros e crespos, bôca ampla e lábios carnudos, ancas movediças e inquietas, olhos que parecem gazuas. E a solista, daí por diante, passa a ser o assunto da cidade.

Três coisa abrem sulcos profundos na rivalidade dos cordões portoalegrenses: as fanfarras, o luxo das fantasias e a solista. Bom dinheiro gastam as empregadinhas com os seus blocos: porque aparecem sempre cobertas de sêda, com sapatos de lamé e vistosos balangandans. O povo as segue por tôda parte. E termina à porta dos bailes, transformado em "penetra". Todo mundo quer entrar. Cada qual está apaixonado por uma das integrantes do cordão. E o presidente "dá duro" em cima dos pretendentes: não entra ninguém.

A não ser que o pretendente consiga o "pistolão" de um representante da imprensa...

Primeiro préstito carnavalesco

15 de fevereiro de 1855

ROBERTO MACEDO

Êste trecho se encontra no livro "Efemérides Cariocas".

A terça-feira gorda, no Rio de Janeiro, é assim chamada porque nesse dia apresentam-se em público as grandes sociedades carnavalescas, através de seus carros alegóricos e críticos, existindo entre elas uma rivalidade tradicional. Neste pequeno trecho, o historiador Roberto Macedo nos informa a precisa data em que a terça-feira passou a ser chamada de terça-feira gorda.

CHAMADA têrça-feira gorda — dia dos préstitos — é uma invenção relativamente moderna. Antigamente todos os dias de Carnaval eram magros.

Os préstitos começaram em 1855, no ano da fundação da primeira sociedade, sob o nome de Congresso das Sumidades Carnavalescas.

Tentativas particulares, no ano anterior, sem caráter oficial, constituiram mero ensaio.

Do Congresso faziam parte vultos do quilate de José de Alencar, Pinheiro Guimarães, Manuel Antônio de Almeida, Henrique César Múzio.

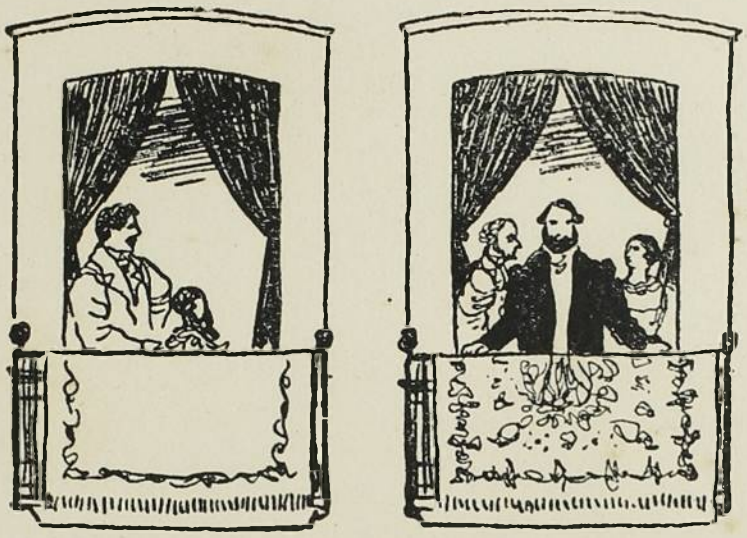
Alencar, que então, no viço dos 26 anos, já meditava **O Guaraní**, acompanhou o coronel Polidoro da Fonseca e o poeta Moniz Barreto ao Paço da Quinta, onde convidaram o monarca a vir assistir ao desfile.

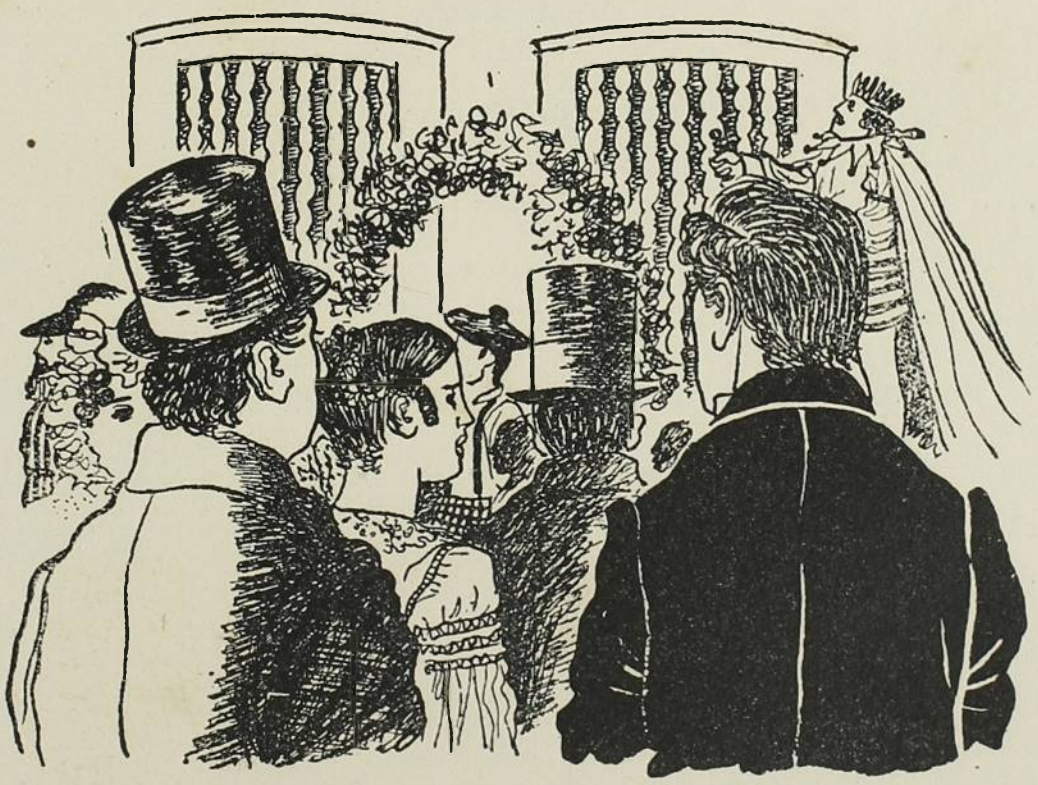
Aquiesceu Pedro II.

Domingo, 18 de fevereiro, estava no Paço da cidade a família imperial. Às 3 horas movimentar-se-ia o préstito, obedecendo ao itinerário determinado. Mas quem acredita na pontualidade dos carnavalescos? Só às 5 horas, desembocando da rua D. Manuel, começou a atravessar o largo do Paço o sensacional precursor dos préstitos carnavalescos, verdadeiro museu ambulante, resumo colorido de vestuários históricos.

Havia de tudo: árabes, escoceses, Carlos Magnos, pagens de Francisco I e até o Deus Momo.

Nem confete nem serpentinas: flores, eis o material dessa primeira batalha, mais passeata do que préstito, dada a ausência de carros cenográficos.





O bloco

RAQUEL CROTMAN

Neste conto, Raquel Crotman, revelando o carnaval de uma família burguesa, demonstra excelentes qualidades de sátira e espírito.

"VILA CASSILDA" — assim se chamava a propriedade da família Guedes, (quatro quartos, duas salas e demais dependências, no Grajaú) — o doce lar acolhedor e amigo, transformara-se no refúgio do bloco carnavalesco. Dois meses antes do Carnaval realizavam-se ali reuniões ruidosas, mas de caráter exclusivamente didático. Dona Cassilda, com a sua experiência de 39 anos sem rugas, sem busto desenvolvido e de cadeiras plenas, experientes no samba e no remexido, sentava-se ao piano e batucava tôdas as modinhas que já andavam na bôca do povo, das crianças e dos jovens imberbes. O resto da família cantava, ensaiava, decorava a letra, dividindo-se em grupos.

A filha mais velha de dona Cassilda, de talhe pequeno, tinha 23 anos e o ar cansado. Era quem mais trabalhava naquela casa: o dia inteiro na máquina de costura, a fazer as fantasias do pessoal. Franzia metros e metros de babados para as "rumbas" de organdi que copiaram à "estrêla" mexicana Lupe Velez, fora os pijamas, etc. Chamava-se Lurdes, tinha um ar de bondade, mas irritava-se às vêzes. Seus olhos pequenos eram de uma claridade desconcertante, mas não brilhavam. Dona Cassilda estranhava aquêles olhos claros na família. Eram os únicos. Depois vinha Miloca. Era um apelido. Ninguém lhe conhecia o nome de registro. Parecia-se muito com a mãe, mas sem a vivacidade. Nariz gran-

de e triste, olhos escuros saltando no rosto comprido, bôca bem talhada, dentes certos; os cabelos crespos e muito pretos, mas sem a tinta que usava dona Cassilda; morena. Miloca era bonita, tinha o ar aristocrático e a pele muito fina e pura. Dona Cassilda, com os mesmos traços fisionômicos, tinha um ar acanalhado. Seus olhos não sossegavam, a bôca trazia sempre uma expressão de intranqüilidade e o movimento contínuo que imprimia à cabeça fazia subir da garganta e do colo, como da onda negra da cabeleira, uma linguagem impura e traiçoeira. Ela gostava de atrair atenções e atiçava nos moços o desejo de tomar certas liberdades... Mas tudo ficava por aí. De resto, foi sempre bem comportada. Seu encanto era a filha mais moça — Dudu. Muito feminina, cheia de dengues, carinhosa, as mãos muito finas, tinha uns olhos que lhe comiam todo o rosto, de grandes, expressivos e bonitos. Mais alta do que a sua irmã mais velha e mais baixa do que Miloca, possuía o talhe bem lançado, harmonioso. Parecia-se com seu pai, o sr. Aparício Guedes — que tinha uma aparência delicada. O chefe da família Guedes não engordara com a vida sedentária e os cuidados generosos do lar. Isso conservara-o moço, apesar do ar fatigado que sempre trazia e da tez amarelada. Dona Cassilda Guedes tinha uma prima, funcionária da E. F. Central do Brasil, morando em casa, havia uns três meses, desde que lhe morrera a mãe. Era um bom elemento, porque ajudava nas despesas. Enganava a idade, mas já beirava pelos trinta e três anos. Teve muitos noivos e alimentou muitas esperanças. Seu último "caso", ou porque a tivesse deixado realmente amargurada, ou porque adivinhasse o fim da sua mocidade mal empregada, trouxe uma grande perturbação à sua vida. Quando o noivo, muito carinhosamente, mostrou-se sem coragem para casar, Eulália desesperou. Brigaram. Ela emagreceu, foi passar uns tempos no sítio de uns parentes e voltou solteirona. Não ficou azêda. Adquiriu mil superstições e um ar desiludido e displicente. Fêz novos planos de vida. Começou a ficar interessante. Resolveu tirar partido do seu último noivado e confessou-se inconsolável, não casaria com mais ninguém, seria fiel ao seu único amor, como as heroínas trágicas do cinema. Não dançaria mais. Carnaval, acabou-se.

Ficaria guardando a "Vila Cassilda" enquanto a família iri divertir-se. Todo o mundo começou a respeitar o seu destino de mártir. O que não quis casar passou a ser classificado de bandido, sedutor, que não adivinhou o grande coração da pobre Eulália, despedaçando-o miseràvelmente com uma paixão insidiosa e falsa. Não merecia o sacrifício da sua mocidade...

Eulália assistia com o seu ar calado e mole ao borborinho que ia pela "Vila Cassilda". Realmente, não se entusiasmava. Fôrça de vontade, ou porque tivesse alcançado a serenidade que dá a resignação, o fato é que não tinha vontade de aderir. Principiava a ter vocação para solteirona. Nem o primo Faustino, chegado do sítio, nem Joaquim, que viera de Campos — ambos solteiros, atraídos ao Rio, especialmente pelas festas do Carnaval — conseguiram demovê-la... Eulália sentia que o papel de inconsolável lhe ficava bem. Ninguém tinha coragem de caçoá-la, porque todos acreditavam num amor verdadeiro.

Laurita, uma prima, também hospedada na "Vila Cassilda", apenas para os festejos carnavalescos, tinha as suas dúvidas sôbre Eulália. Era magra, pernóstica e cética; aparentada do sr. Guedes, também tinha seus trinta anos, mas ainda não resolvera retirar-se honrosamente do campo. Uma inclassificável irritação a incompatibilizava com Eulália. Talvez porque sentisse que a sua solução na vida lhe servia também. Eulália, indiferente a todos, assistia aos preparativos, pensando:

— Daqui há alguns dias estará restabelecida a tranqüilidade nesta casa.

No sábado, o bloco carnavalesco saiu da "Vila Cassilda" na ordem determinada ao acaso. A "balisa" era uma vizinha morena, alta, de pernas ligeiramente arqueadas. Não podia juntá-las e tinha o andar muito feio Cantava entusiàsticamente, com os braços longos estendidos horizontalmente, descobrindo as axilas. Seguia-a Lurdes, que, como nunca tinha par, agarrara-se ao primo Faustino, muito alto, sêco e grotesco. Depois Miloca, com um namorado provisório, contratado na véspera

— um moreno bonito, de ar melancólico e expressivo, que parecia roído por preocupações de ordem moral. A Dudu vinha com o noivo ,alegre, folgazão, baixo, gordinho sem excesso, de bigodinho louro. Joaquim, um moço forte, queimado, de olhos espertos, enfiado num pijama de cetim prêto, como não tinha par, fêz companhia a dona Cassilda, de muito boa vontade. O Guedes, rejuvenescido num pijama igualzinho ao de Joaquim, saiu de braço com a Laurita, empertigada no seu "rumba" de organdi branco com frisos azuis. As jovens vestiram-se igualmente. Dona Cassilda escolheu o pijama para mostrar os quadris e a "baliza" também teve a mesma preferência, por simples comodidade: não teve quem lhe fizesse o vestido, pegou um pijama que usava em casa, côr de abóbora, cortou-lhe as mangas, e aderiu ao bloco do Guedes.

Eulália ficou sòzinha na "Vila Cassilda". Foi ao toilette de Mme. Guedes e botou pó-de-arroz. Fêz as unhas e ficou ouvindo rádio. Às onze horas deitou-se. A longos intervalos, chegava-lhe da rua vozes perdidas, versos de modinhas de Carnaval. A noite muito quente deu-lhe uma emoção de angústia. Revirou-se tôda na cama e dormiu como de costume, do lado direito.

Acordou cedo com o barulho do bloco que chegava suado, esfalfado e alegre. O noivo de Dudú tinha ficado em casa no caminho. A "baliza" possuía a chave da porta e entrou sem barulho. O namorado provisório de Miloca ainda estava embriagado. Não sabiam para onde despachá-lo. Puseram uma esteira na copa e ficou dormindo ali.

Os primos tinham reservado um quarto, para onde também teve que ir Aparício Guedes. No quarto do casal ficaram Cassilda e a filha Dudu. As outras dormiram no terceiro. A solteirona não cedeu um lugarzinho do seu. Não queria sentir o "cheiro" do Carnaval.

Eulália levantou-se quando todos estavam deitados. A casa parecia deserta. Não se ouviu um barulho, senão o vago ressonar daquela gente, fazendo côro, através das portas fechadas. Aquêle homem na copa deu-lhe mau humor. Quando a criada se levantou, deu ordem para que o arrastasse até o seu quarto. A mulata fêz

com certo prazer, porque o homem era bem parecido. O rapaz abriu os olhos no trajeto da copa ao quarto da criada sem entender, mas quando se viu na cama, continuou dormindo.

Eulália bordou, serziu meias, leu revistas até duas horas da tarde, quando o pessoal começou a acordar e fazer fila à porta das duas únicas banheiras da casa. O barulho recomeçou. Almoçaram, trocaram impressões. A solteirona começou a aturdir-se. Todos sentiam-se tão felizes! E sairam de novo na ordem da véspera.

Sentiu-se novamente só, mas agora muito só. Uma angústia dolorosa apoderava-se do seu espírito e saiu da sua indiferença: quando o automóvel do bloco começou a afastar-se, fêz um adeus ao bando alegre. Depois pensou na vida, no seu último noivado; se merecia tal sacrifício, e colocou na vitrola coisas tristes que lhe fizessem esquecer o Carnaval.

No dia seguinte, segunda-feira, na corrida pelos clubes, o Guedes sentiu-se mal. A espôsa aconselhou-o a voltar para casa. Não era nada, não dava para desmanchar a festa, mas convinha tratar-se. A Laurita que se arranjasse...

Laurita nem ligou. Deu o braço à "balisa" e dançaram juntas.

Guedes voltou exausto, era o fígado que o ameaçava. Tirou a blusa do pijama, ficou de peito e nu e sentou-se no sofá da sala. Eulália vira-o chegar; como a criada não estava, acercou-se e foi quem o tratou.

A noite estava amável. Guedes quis agradecer carinhosamente. E Eulália não se sentiu mais só.

Têrça-feira Aparício ainda estava indisposto.

— Estragando a festa, gritou-lhe Cassilda, dissimulando um sorriso.

Dudu olhou para Miloca, e Miloca, quando se viu mais só, aproveitou e lançou-lhe esta frase:

— Se o senhor pudesse vir, papai! Sem o senhor o bloco espalha, cada um vai para o seu lado!

— Como é que hei de ir, filha?

Eulália nem refletiu no que estava fazendo. Perfumou-se, mudou tôda a roupa e, quando o bloco saiu e sentiu-se abraçada, não estranhou.

Enquanto Aparício Guedes beijava Eulália, começou a refletir que estava envelhecendo para o Carnaval e que as mulheres em casa eram mais gratas à sua sensibilidade.

Na quarta-feira a primeira a chegar foi Miloca:

— Aquêle descarado tem mulher e filhos; a cunhada encontrou-o em minha companhia e passou-nos um trote. Vê lá se estou para isso, fêz com ar de desdém!

Eulália teve um sobressalto, mas salvou as aparências, conservou-se indiferente.

Laurita despediu-se, no portão, de um arlequim mulato, de olhos verdes, com cara de cabeleireiro. Dudu entrou com o noivo, Lurdes e Faustino. Não tinha nem um pouco de carmim nos lábios. Lurdes vinha cansada como sempre; foi tirando os sapatos e, como o primo quisesse ajudá-la, olhou-o com altivez e mandou-o embora:

— O Carnaval já acabou!

Dona Cassilda e Joaquim é que não voltavam. Eulália via nisso a mão do destino. Uma vaga esperança enchia-lhe o coração de impaciência e ritmos.

O pessoal foi deitando. Só ficaram de pé Aparício e Eulália. Dona Cassilda chegou ao meio dia, acompanhada de Joaquim. Vinham um pouco embaraçados. Todos compreenderam o que tinha acontecido. O Guedes, porém, lembrou-se dos seus dois dias passados em casa e ficou sem fôrça moral para falar qualquer coisa. Que diabo! se tivesse sido antes... Mas a lembrança era muito recente. Estava realmente perturbado.

A mulher, que esperava uma cena, aproveitou para mentir:

— Eu caí e fui à Assistência. Doeu tanto que pensei que tivesse quebrado a mão... Joaquim não quis deixar-me só e não avisou vocês para não assustar. Não foi nada, não.

E foi deitar-se.

Ao almôço, Joaquim anunciou que iria demorar-se ainda no Rio. Tinha algumas encomendas de Campos para fazer. A propósito, as irmãs pediram uns cortes e êle gostaria que dona Cassilda, que tinha mais gôsto, o ajudasse a escolher.

E passaram a sair juntos todos os dias, Cassilda e Joaquim. Aparício, em compensação, passava horas e horas com Eulália, sem fôrças para deter a mulher. Se ao menos a sua aventura não fôsse em família, restar-lhe-ia alguma autoridade. Mas tinha mêdo de ser descoberto também e não dizia nada.

Um dia, chegou uma carta de Campos, reclamando a volta de Joaquim, e êle foi-se embora. Todos os hóspedes já tinham desertado da "Vila Cassilda". Êle era o último a ir-se. Dona Cassilda retomou a vida do lar, tudo como antigamente. Aparício Guedes falou à mulher:

— Não quero mais gente de fora aqui em casa. Quem quiser passar o Carnaval no Rio que se hospede no "Bola Preta" ou em qualquer pensão.

Enquanto falava, Guedes refletiu que estava envelhecendo para introduzir modificações muito sensíveis na sua vida. Se mandasse a mulher embora, teria que mudar o nome da "Vila Cassilda". Tôda a vizinhança notaria. Na repartição os comentários iriam incomodá-lo diàriamente. As filhas passariam a trazer-lhe preocupações e sobressaltos. Se a mulher reincidisse, aí estava no seu papel reagir. Mas, por enquanto, ninguém sabia, tudo tinha ficado em família... E êle, em troca, readquiria uma liberdade inesperada. A mulher, que se sabia descoberta, não teria coragem, daí por diante, de fazer-lhe nenhum reproche. No fundo, ela tinha um certo apêgo à "Vila Cassilda", que o Guedes mandara construir quando as meninas eram ainda pequenas. Dudu tinha apenas um ano e já era tão bonita! E a pobre mulher correu para dentro gritando:

— Dudu, Dudu.

E quando a filha chegou, abraçaram-se muito e dona Cassilda enxugou as lágrimas com o indicador da mão direita.

Restava saber se Eulália concordaria com os planos de Aparício Guedes. Iria morar na pensão de uns amigos, em Laranjeiras, e se quisesse podia continuar trabalhando. Prosseguiriam o seu romance secreto, guardando as conveniênciais sociais.

Eulália concordou. Desde a revelação de Aparício, tinha horror de sentir-se só. Guedes achou-a linda nesse dia e seu olhar negro e profundo lhe fêz um grande bem.

Foi a última vez em que saiu o bloco do Guedes. Dona Cassilda não quis saber mais de Carnaval. No ano seguinte sòmente a Lurdes aderia ao bloco dos Fontes; as duas irmãs ficaram noivando em casa. E Aparício, sempre fatigado, foi descansar em Teresópolis ou nos arredores. Eulália já o estava esperando.

Carnaval

DANTE COSTA
(1912)

Dante Costa nasceu em 1912, em Baião, Estado do Pará. Êste trecho pertence ao livro "Feira Desigual".

Num estilo trepidante, Dante Costa pôde esquematizar todo o colorido e a agitação que fazem vibrar o Rio de Janeiro nos dias de carnaval.

H, essa agitação que anda nas ruas e nas criaturas, essa alegria sem ausências, grito de instinto sôlto, afirmação de surdas vontades prisioneiras!...

No ar está um cheiro misturado e perturbador, envolvente como um abraço repleto de sexo. Cheiro de carnes. Cheiro de suores. Cheiro de éter. Cheiro de álcool. O cheiro do Carnaval, sem segmentações, sem partes, unidade perfeita que se formou de estranhos e desiguais detalhes. Origens? P'ra que? O branco que já foi prêto e que sente gritar a fôrça mais forte... O apêrto de seios e de curvas de negras e de negras... África. Gentes que não trazem sombras na pele. Gentes de longe e de perto. Brasil. Os prazeres deprimentes, os venenos que perturbam e cegam e escondem a vida nos ângulos de névoa... A poeira que é grão de luz trepado no risco do sol... Os cabelos... As bôcas gritando histerismos. Os obstáculos passando e se derretendo no calor primário dos sambas, das alucinações, e dos corpos...

Os grupos arrebentam, sucessivos e infindáveis, gerados na grande confusão. Côres de roupas e de faces. Música batida no compasso do sensualismo total. Música que esquecer a música, sons que se formaram nas noitadas alegres dos morros e desceram p'ra inundar a cidade... Roncos e silvos. Batidos longínquos em couros esticados e próximos. Gritos de bôcas de metal desvaira-

das. Gemer de cordas tesas, sôpros de flautas, retinir de pandeiros, atritos de pedaços de pau, caixas de madeira, limas, ferros e vidros... Logo que aparecem, os grupos crescem apertados e invadidos pelos foliões laterais. Puxões. Pressas. Queixas e tapas. Ninguém se conhece, mas todos se pegam. E assim seguem, ficam, marcham, correm, cantam, riem, gozam, vivem o complexo das loucuras invasoras... Não há mais mundo, nenhum p'ra fora do Carnaval!...

Cada qual põe a máscara verdadeira que dorme escondida no sub-consciente. O Carnaval é a satisfação das vontades impossíveis, dos desejos inconfessáveis, de tôdas as proibições desejadas. E' a grande oportunidade. Os tímidos saem com a farda, o andar e a coragem dos marinheiros musculosos e valentes que êles queriam ser. Os ingênuos vêm com a cabeça da raposa, olhando superiormente p'ras outras gentes que permaneceram ingênuas... A máscara dos negros, retinta, cobre a cara dos brancos turistas vagabundos. As mulheres se fantasiaram de homem. As mulheres, de contornos exagerados, saltam das calças masculinas que denunciam a falsificação. Anda nelas um desejo malicioso de descobrir coisas e de penetrar minúcias. O mesmo desejo malicioso que invadiu e dominou os homens que se vestiram de mulher, p'ra passarem três dias longe do sexo...

Êta, Carnaval do Brasil!

Vontade louca de ser chamado de imoral por tôdas as mulheres da terra!...

Vontade louca de ser um na multidão, na multidão imensa e suada que se aperta. Que se torce. Que ginga, balança, vira e revira...

Um, na multidão!

E as pretas baianas, salientes e agitadas, rebolando as ancas e incendiando o sensualismo dos outros que rebolam também...

E as meninas sérias e alvas que esqueceram isso...

E os homens frágeis e sinuosos...

E o batuque apressado dos sambas explodindo em todos os ouvidos.

E o repinicado ágil dos maxixes.

E o pandemônio dos zabumbas.

E os rodopios, as correrias, as umbigadas, a vida sem lentidão nenhuma, porque tudo gira no ritmo sincopado da música dos instintos soltos...

E' a pagodeira.

E' o fuzuê.

Sob a chuva dos confetes a sociedade se iguala, as convenções ficam desfeitas. Cada criatura sente a gostosa embriaguês das sensações novas. E' preciso ser diferente. A felicidade está aí. Os caixeirinhos vão dançar com as filhas dos ministros. Porque o Carnaval mandou! Os humildes subiram mais alto que aquela serpentina. Só não é príncipe quem não quer. Só não é o rajá mais rico do mundo quem não quer. E se não servir o rajá, tem o traje do jóquei, do Luís qualquer número, do poeta sonetista, do burro sábio, do rei assírio, do cozinheiro flamengo, do sem-trabalho, do forçado, conforme a ambição que nasce na hora!...

E' preciso escolher, que o Carnaval está chamando!...

O delírio do Carnaval...

A mentira do Carnaval...

E o Carnaval, engolidor e fervente, quebra, arrebenta, esmaga, estraçalha convicções, filosofias, carne, espírito, emoção, matéria, como um grito profundo, humano, absoluto e definitivo, vindo de muito longe...

História do carnaval

JORGE AMADO
(1912)

Jorge Amado nasceu em 1912, *em Ilhéus, Estado da Bahia*

Ao grande romancista da Bahia, não podia passar indiferente o carnaval baiano, e é o que êle nos dá aqui, em páginas de rigorosa realidade.

MARIA dos Reis só se decidiu de verdade quando, depois de fechar a luz do quarto, se estirou na cama e ficou de olhos abertos espiando no escuro. Sairia mesmo, mesmo que êle se zangasse e acabasse o namôro. O namôro já era quase noivado, êle ia pedir em junho, quando o pai chegaria do interior para a solenidade do pedido oficial. Quase noiva, a família de Maria dos Reis sem fazer oposição, êle entrava em casa, cumprimentava dona Marocas e tia Clara, tomava o cafèzinho das dez na sala de visitas antes de ir embora. Dona Marocas dissera-lhe uma noite em que chovia (êle, as abas do paletó suspensas, resistia heròicamente à carga dágua):

— Seu Teodoro, não quer entrar? O senhor é capaz de pegar um defluxo... Não é bom facilitar...

Teodoro entrara, meio encabulado, mas dona Marocas foi explicando:

— Eu, de mim, não sou contra. Sei que o senhor tem boas intenções, sabe que minha filha não é uma qualquer. Não vou fazer oposição. Se fôsse um vagabundo, sim. Mas já tive sabendo que o senhor é um moço direito, está para tirar seu canudo e quer pedir Maria. Não me oponho, não. Agora, uma coisa quero pedir ao senhor. E' que acabe êsse namôro na janela.

Atalhou o gesto que Teodoro esboçara:

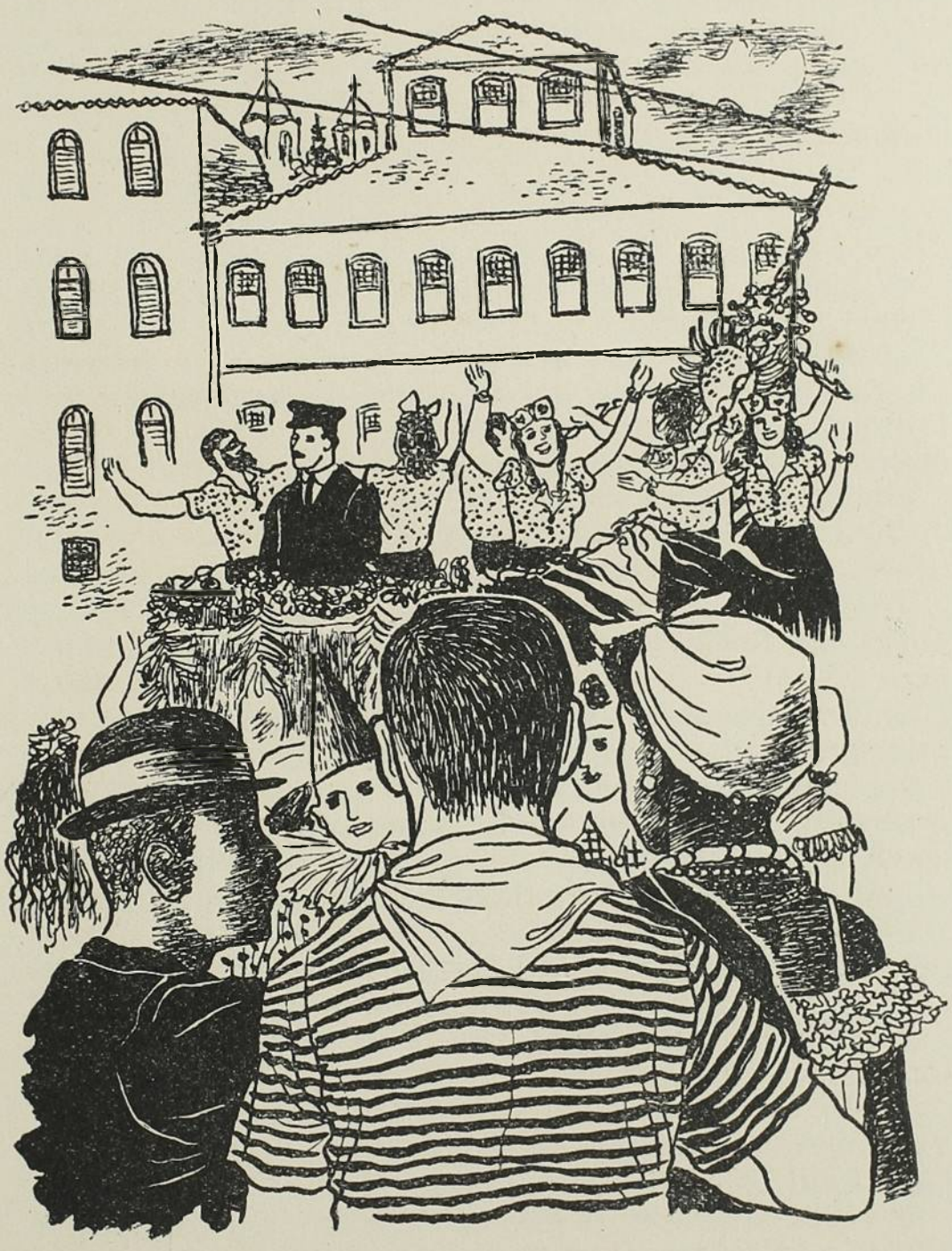
— Sei que não tem nada de mais. Mas é que o finado, se fôsse vivo, não havia de gostar. Êle vivia falando contra êsses namôros na janela. Sempre me dizia: — "E' uma falta de vergonha, Marocas, êsses gabirus encostados nas janelas falando baixinho p'ra essas sirigaitas. Filha minha não quero que faça isso. Se o rapaz tem boas intenções, que venha conversar dentro de casa. Se não tem, então, pau nêle."

Teodoro concordou com um gesto com a teoria do finado. Dona Marocas continuou:

— O senhor já falou com Maria e com a mana Clara que vai pedir a menina em junho. Pois bem: eu prefiro que o senhor venha conversar aqui na sala do que essa coisa de estar encostado na janela. Não é por nada, é pela memória do finado... — ficou de repente encabulada, nem sabia como tinha falado tanto, baixou a cabeça, empregou as mãos em amarrotar a saia preta.

Foi assim que Teodoro ficou freqüentando a casa, noivo semi-oficial, esperando o pai que vinha em junho para o pedido. O casamento seria depois dêle formado e nomeado promotor de uma cidadezinha qualquer. No princípio do outro ano. Maria dos Reis já tratava do enxoval, comprava rendas e sonhava o casamento na igreja, a grande cauda do vestido arrastando, as amigas jogando flores, o padre tomando das alianças.

Mas o Carnaval se aproximava. Fazia um ano ela saíra numa prancha "Felizes borboletas", saíra linda, linda, era a mais linda na mais linda prancha. Fôra aí que começara o namôro com Teodoro, que fazia o corso num carro de estudantes. As "Felizes borboletas" eram uma criação da família Cordeiro, cinco moças alegres e uma mamãe mais alegre ainda. Naquele tempo o Carnaval da Bahia era feito principalmente pelas pranchas, bondes enfeitados de flores e papel, lotados de moças fantasiadas que corriam todos os itinerários dos trilhos, levando a alegria a tôdas as ruas e arrastando atrás de si os autos dos rapazes elegantes. Havia prêmios para as pranchas mais animadas e para as mais belas. Cinco anos eram passados desde que, pela primeira vez, a família Cordeiro fizera a prancha das "Felizes borboletas".



E nesses cinco anos por duas vêzes a prancha tirara o prêmio de beleza, por outras duas o de animação, perdendo uma única vez devido "à mais deslavada injustiça jamais praticada sob céus da Bahia", como afirmava Reinaldo dos Santos Ferreira, amigo da família e pai de duas das felizes borboletas.

Maria dos Reis, quando viera morar naquela rua, ficara amiga de Antonieta Cordeiro e das suas quatro irmãs. Mas principalmente de Antonieta, que era uma simpatia de morena, alegre e viçosa, namoradeira como ela só, dona da risada mais clara de todo o Largo 2 de Julho. Fôra assim não só membro como uma das mais ardentes animadoras e entusistas das "felizes borboletas" naquele ano. E como era esguia e pálida, a fantasia foi-lhe muito bem e divertiu-se imenso nos dois primeiros dias. No terceiro, já de namôro forte com Teodoro, a alegria foi diferente, um pouco menos ruidosa, porém mais densa. Terminaram dançando até de madrugada na casa dos Cordeiros, festejando o prêmio. Teodoro dissera-lhe então que o prêmio tinha sido conferido principalmente devido a ela, à sua beleza, à sua voz, à sua graça radiante.

Agora eram quase noivos, o Carnaval estava aí, as "felizes borboletas" ensaiavam e Antonieta, as quatro irmãs de Antonieta, a mãe de Antonieta, o sr. Reinaldo dos Santos Ferreira, todos, contavam com ela, com sua voz e sua alegria. Seu concurso era imprescindível, Antonieta vivia repetindo, as quatro irmãs diziam em côro, mamãe Cordeiro dizia ainda mais alto. Só Teodoro não dizia nada, apenas fechava a cara tôda vez que ela falava em sair na prancha. Quando ela suplicava muito que êle dissesses alguma coisa, se definisse, sim ou não, êle falava com voz soturna:

— Se tá com vontade, saia...

Ela não tinha coragem de confessar que estava com vontade. Ficavam os dois amuados, cada qual para seu canto, nem aproveitavam as idas de tia Clara à sala de jantar para os beijos rápidos porém ardentes.

Maria dos Reis desabafou com Antonieta. Teodoro virava fera quando se falava no assunto "prancha". Fazia uma cara feia, se fechava em copas. Ela não podia

mesmo sair. Antonieta prometeu resolver o assunto e nessa mesma noite abordou Teodoro:

— Então, seu Teodoro, não quer deixar a dos Reis sair na nossa prancha, heim? Só porque é prancha de gente pobre e a futura espôsa de um advogado não pode sair misturada com as filhas de um escriturário do correio, não é? Se fôsse a prancha dos Andrades, ela podia, não é?

Teodoro estava mais duro que um rochedo:

— Se ela tiver vontade, pode sair...

Antonieta tinha que ir para o ensaio, disse logo as últimas:

— Pois eu saía, sabe? Não havia namôro que me empatasse. Ela é porque é uma tola. Deixa que namorado tome conta dela. Não tá vendo que eu... — e foi embora não sem lançar antes um olhar de profundo desprêzo ao futuro bacharel que assoviava, tentando bancar o indiferente.

Aí ficaram os dois namorados calados. De vez em quando Maria dos Reis espiava, Teodoro espiava, nenhum falava. Porém, na hora de despedir-se, êle avisou:

— Se tiver com vontade, saia. Mas fica tudo acabado entre nós.

Ela quis responder, êle já ia pelo meio da rua, nem se despediu. Por isso ("bruto, bruto, bruto") ela, na cama, resolve sair na prancha custe o que custar.

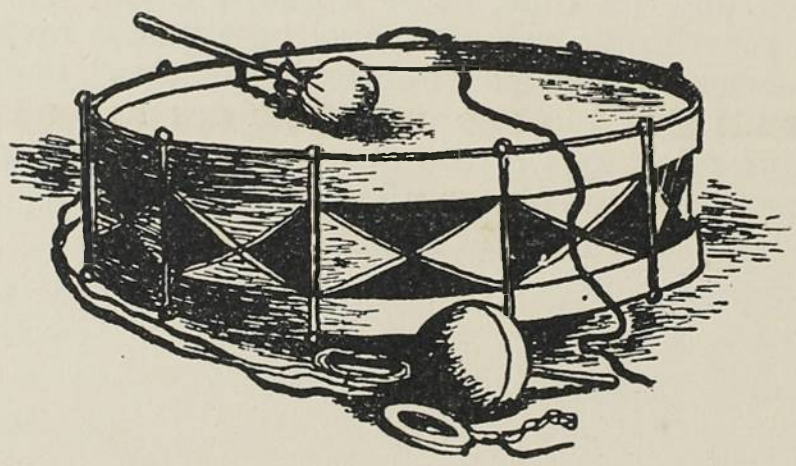
Mas não saiu coisa alguma. Não só estava totalmente arrependida no dia seguinte, como também dona Marocas, quando soube do caso, ficou tiririca, mandou chamar Antonieta, gritou-lhe na cara:

— Pensa que acaba assim o noivado de minha filha? Como não arranjam noivo, andam de namorado em namorado, tôdas cinco, tôdas cinco, sim senhor, quer ver se toma o noivo das outras com essa história de prancha. Mas nem pense. Minha filha não sai em prancha nenhuma. Tá noiva, vai casar, não é uma sirigaita como você que vai tomar o noivo dela, não. Saia daqui com sua prancha, vá se estourar no meio dos infernos...

Tia Clara apoiou inteiramente dona Marocas. No fundo, Maria dos Reis apoiou também, começou a achar

suspeito aquêle grande interêsse de Antonieta pela sua presença na prancha. E se fôsse mesmo um plano para tomar-lhe o noivo? Essa gente é capaz de tudo...

Antonieta é que nem ligou. Os ensaios tomavam-lhe todo o tempo, as "Felizes Borboletas" pretendiam, nesse ano, conquistar os dois prêmios: o de beleza e o de animação. Seu Reinaldo dos Santos Ferreira dizia que "seria um triunfo só comparável aos de Alexandre na antiguidade e aos de Napoleão na idade moderna". E foi mesmo. Na terça-feira, após a conquista dos dois prêmios, a prancha vinha festejando numa alegria imensa, quando, ao passar na praça Castro Alves, Antonieta descobriu Maria dos Reis que ia pelo braço do noivo, um lança-perfume na mão, atrás a mãe e a tia, solenes os quatro, marchando pelo Carnaval com passos medidos e rostos sérios. Então as "Felizes Borboletas" cantaram ainda mais alto, tão alto que Maria dos Reis não pôde fingir que não ouvia e teve que parar, olhar, apertar os lábios para que os soluços não rebentassem.



Carnaval de antigamente

LÚCIO CARDOSO
(1913)

Lúcio Cardoso nasceu em 1913, *na cidade de Curvelo, Estado de Minas Gerais.*

O temor de uma criança, ao ouvir o Zé-Pereira de um carnaval antigo, serviu de motivo para Lúcio Cardoso escrever esta página de evocativa beleza.

MA fôrça mágica arrebatava-o do sono em que já ia mergulhando. O surdo tan-tan parecia aproximar-se, subindo ameaçador pela noite que lá fora agasalhava maternalmente a cidade. Rafael não podia dominar os sobressaltos do seu pequeno coração, escutando, a cabeça erguida, os olhos dilatados na sombra.

— Mamãe, perguntava êle, que barulho é êsse?

Do outro lado do tabique a resposta não demorava:

— Dorme, meu filho, não é nada. E' o Zé-Pereira...

Êle continuava atento, sem conseguir diminuir a sua emoção. Apenas o seu sentimento de terror se acrescia dessas palavras novas, misteriosas, a que êle não conseguia emprestar o seu significado exato: Zé-Pereira... Seria um gigante, seria um dêsses monstros que perseguem meninos que não tomam remédios? Repetia uma, duas vêzes o estranho nome, procurando adaptá-lo a tudo o que conhecia. Depois do gigante, tentava o circo. Mas não, de certo não pertencia ao circo, que êle conhecia tão bem, com o distante rugido das suas feras engaioladas, o rumor das suas marchas e das suas alegres valsas, os brilhantes paramentos dos artistas que passavam em desfile pela rua. Para êle, o circo continha tudo. Era um mundo imenso, cheio de uma beleza perigosa e profunda. Porém, nem mesmo o circo conseguia cau-

sar-lhe uma impressão tão forte, sem que êle pudesse adivinhar o motivo por que um acontecimento tão simples, como aquêle rumor lá fora, conseguia transmitir-lhe essa pungente noção de sofrimento. Sim, nada se comparava com aquêle sufocado tan-tan que se repetia monòtonamente ao longe, nada se comparava com o mistério daquele nome que parecia designar uma misteriosa entidade — Zé-Pereira. Talvez sua mãe estivesse brincando, talvez ainda fôsse aquilo um circo, um circo diferente, em que os tambores rufariam abafados, anunciando um perigo próximo e terrível.

Mas nada daquilo acalmava o pobre coração de Rafael. Não era só o tambor, distinguia também um confuso ressoar de vozes, gritos, uma onda que se encaminhava da escuridão da noite em direção à sua casa, ao seu quarto, talvez, quem sabe...

— Mamãe, está ouvindo?

A voz impaciente atravessava o estreito tabique:

— Estou, meu filho, mas por que é que você não dorme?

Êle afundava a cabeça no travesseiro, procurava esquecer, cerrando os olhos. Mas já vinha aquilo novamente, os tan-tans eram mais fortes, os gritos mais próximos. Como conciliar o sono, como sufocar a desesperada emoção que vinha invadindo a sua pequena alma? E de repente aquilo tinha se aproximado tanto que êle já não podia duvidar: estavam se encaminhando para a rua em que moravam, estavam se encaminhando de um modo lento e implacável. Era um barulho selvagem, de tambores rufados com a maior violência, de gaitas desafinadas, de gritos roucos e inarticulados, de diabólicas risadas.

Rafael sentou-se na cama, estendeu os pés para fora, pronto para saltar. Neste momento distinguiu no escuro o vulto da sua mãe, que também se tinha levantado. Ansiosamente êle tentou adivinhar-lhe a expressão do rosto, para arrancar afinal o segrêdo daquela enigmática palavra: Zé-Pereira...

A mãe tinha se aproximado e tomara-o pelas mãos. Nesse minuto, êle sentiu que se comprimia no seu cora-

ção espavorido todo o temor, tôda a angústia que parecia existir no mundo.

— Mãe, articulou febrilmente.

Ela puxou-o, sem responder nada, indo em direção à janela. Abriu-a, debruçou-se, obrigando a fazer o mesmo. Então êle distinguiu uma procissão que avançava, uma gente estranha, vestida com farrapos, de capacetes de papel na cabeça, máscaras no rosto, bacias dágua nas mãos. Alguns traziam lanternas suspensas em cabos de vassouras e, no meio dêles, dois homens baixos, suados, com golas de pontas vermelhas onde chocavalhavam guizos, rufavam com fúria dois velhos tambores.

Rafael agarrou-se mais à sua mãe, enquanto o cortejo passava, com gritos dos homens que incentivavam o saracoteio dos pretos que enchiam as calçadas.

A mãe e o filho estiveram assim durante um momento, ofegantes, um contra o outro, como se realmente estivessem afrontando um perigo. Quando a multidão já se distanciava, o pequeno segurou desesperadamente a mão gelada da mãe e perguntou:

— Mãe, que é que êles vão fazer?

Ela puxou-o, alisou os seus cabelos:

— Se tivessem nos visto, teriam nos jogados uma das bacias dágua.

— Por que?

E ela, atônita, fechando a janela sôbre o rumor que se distanciava:

— Meu filho, é o Carnaval que está chegando, você não está vendo?

Batalha no Largo do Machado

RUBEM BRAGA
(1913)

Rubem Braga nasceu em 1913, *em Cachoeiro do Itapemerim, no Estado do Espírito Santo.*

Rubem Braga, um dos cronistas brasileiros que melhor compreendem a alma do povo, mostra-nos, como homem do povo também, que o carnaval não é o alegórico reinado de Momo, como informam certos cronistas sociais — é a extravasão de tôdas as dores que comprimem a alma da massa, "a grande insurreição armada dos soluços".

COMO vos apertais, operários em construção civil, empregados em padarias, engraxates, jornaleiros, lavadeiras, cozinheiras, mulatas, pretas, caboclas, massa torpe e enorme, como vos apertais! E como a vossa marcação é dura e triste! E sôbre essa marcação dura a voz do samba se alastra rasgada.

"Implorar
Só a Deus
Mesmo assim às vêzes não sou atendido
Eu amei..."

E' um profundo samba orfeônico para as amplas massas. As amplas massas imploram. As implorações não serão atendidas. As amplas massas amaram. As amplas massas hoje estão arrependidas. Mas amanhã outra vez as amplas massas amarão. As amplas massas agora batucam... Tudo avança batucando. O batuque é uniforme. Porém, dentro dêle há variações bruscas, sapateios duros, reviramentos tortos de corpos no apertado. Tudo contribui para a riqueza interior e intensa do batuque. Uma jovem mulata gorducha pintou-se de bigodes com rôlha queimada. Como as vozes se abrem espremidas e desiguais, rachadas, ritmadas, e rebentam, machos e fêmeas, muito para cima dos fios elétricos, perante os bondes paralisados, chorando, altas, desesperadas!

Como essas estragadas vozes mulatas estalam e se arrastam no ar, se partem dentro das gargantas vermelhas. Os tambores surdos fazem o mundo tremer em uma cadência negra, absoluta. E no fundo a cuíca geme e ronca, nos puxões da mão negra. As negras estão absolutas com seus corpos no batuque. Vêde que vasto crioulo que tem um paletó que já foi dolman de soldado do Exército Nacional, tem um gorro vermelho, calças de casemira arregaçadas para cima do joelho, botinas sem meia e um grande guarda-chuva prêto rasgado, a bôca berrando, o suor suando. Como são desgraçados e puros, e aquela negra de papelotes azuis canta como se fôsse morrer. Os ranchos se chocam, berrando, se arrebentam, se misturam, se formam em tôrno do surdo de barril, à base de cuícas, tamborins e pandeiros que batem e tremem eternamente. Mas cada rancho é um e íntegro, apenas os cordões se dissolvem e se reformam sem cessar, e os blocos se bloqueiam.

Meninas mulatas, e mulatinhas impúberes e púberes, e moças mulatas e mulatas maduras, e maduronas, e estragadas mulatas gordas. Morram as raças puras, morríssimam elas! Vêde tais olhos ingênuos, tais bôcas de mulatas! Vozes de mulata cantai, condenadas, implorai, implorai só a Deus, nem a Deus, à noite escura, arrependidas. Pudesse um grande sol se abrir ao véu da noite, mas sem deturpar nem iluminar a noite, apenas se iluminando, e ardendo, como uma grande estrêla do tamanho de três luas pegando fogo, cuspindo fogo, no meio da noite! Pudesse êsse astro terrível chispar, mulatas, sôbre vossas cabeças que batucam no batuque.

O apito comanda, e no meio do cordão vai um senhor magro, pobre, louro, que leva no colo uma criança que berra, e êle canta também com uma voz que ninguém pode ouvir. As caboclas de cabelos pesados na testa suada, com os corpos de seios grandes e duros, caboclos, marcando o batuque. Os negros e mulatos inumeráveis, de macacão, de camisetas de sêda de mulher, de capa de gabardine apenas, chapéus de palha, cartolas, caras com vermelhão. Batucam!

Vai se formar uma briga feia, mas o cordão berrando o samba corta a briga, o homem fantasiado de cavalo

dá um coice no soldado, e o cordão empurra e ensurdece os briguentos, e tudo roda dentro do samba. Olha a clarineta quebrada, o cavaquinho oprimido, o violão que ficou surdo e mudo, e que acabou rebentando as cordas sem se fazer ouvir pelo povo e se mudando em caixa, o pau batendo no pau, o chocalho de lata, o tambor marcando, o apito comandando, os estandartes dançando, o bundum pesando.

Mas que coisa alegre de repente, nesses sons pesados e negros, uma sanfoninha cujos sons tremem vivos, nas mãos de um moleque que possui um ôlho furado. Juro que iam dois aleijados de pernas de pau no meio do bloco, batendo no asfalto as pernas de pau.

Com que fôrças e suores e palavrões de barqueiros do Volga êsses homens imundos esticam a corda defendendo o território sagrado e móvel do povo glorioso da escola de samba da Praia Funda. No espaço conquistado as mulatas vestidas de papel verde e amarelo, barretes brancos, berram prazenteiras e graves, segurando arcos triunfais individuais de flores vermelhas. Que massa de meninos no rabo do cortejo, meninos de oito anos, nove, dez, que jamais perdem a cadência, concebidos e gerados e crescidos no batuque, que batucarão até morrer.

De repente o lugar em que estais enche de mais, o suor negro e o soluço prêto inundam o mundo, as caras passam na vossa cara, os braços, as gargantas que cantam exigem de vossa garganta o canto da igualdade, liberdade, fraternidade. De repente, em redor o asfalto se esvazia e os sambas se afastam em tôrno, e vedes o chão molhado, e ficais tristes, e tendes vontade de chorar de desespêro.

Mas, outra vez, não para nunca, a massa envolve tudo. Pequenos cordões que canatm marchinhas egoeladas correm empurrando, varando a massa densa e ardente, e no coreto os clarins da banda militar estalam.

Febrônio fugiu do Manicômio no chuvoso dia de sexta-feira, 8 de fevereiro de 1935... Foi prêso no dia 9 à tarde. Neste dia de domingo, 10 de fevereiro, pela manhã, o **Diário de Notícias** publica na primeira página da segunda seção:

"A sensacional fuga de Febrônio do Manicômio Judiciário, onde se achava recolhido, desde 1927, constituiu um verdadeiro pavor para a população carioca. A sua prisão, ocorrida na tarde de ontem, veio trazer a tranqüilidade ao espírito de todos, inclusive ao das autoridades que o procuravam."

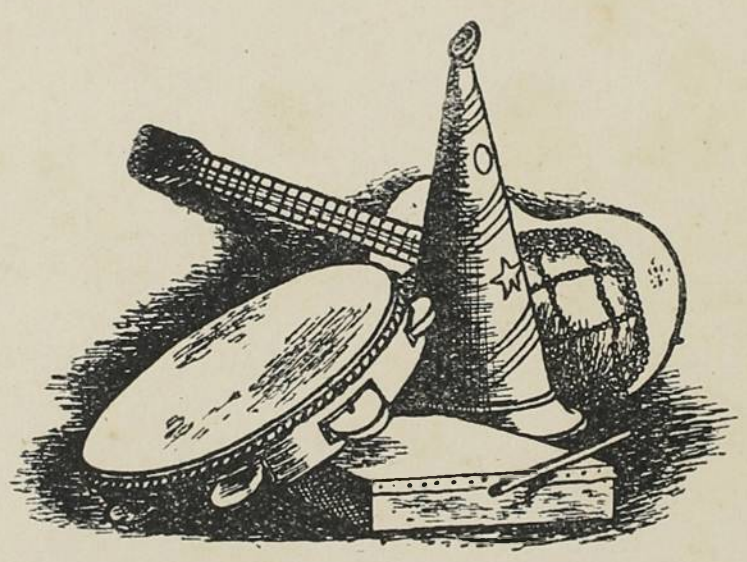
Que repórter alarmado! Injuriou, meus senhores, o povo e as autoridades. Encostai-vos nas paredes, população! Mas eis que na noite do dia chuvoso de domingo, 10 de fevereiro, ouvimos:

"Bicho Papão
Bicho Papão
Cuidado com Febrônio
Que fugiu da Detenção..."

Isso ouvimos no largo do Machado, e eis que o nosso amigo Miguel, que preferiu ir batucar em Dona Zulmira, lá também ouviu, naquele canto glorioso de Andaraí, a mesma coisa. Como se esparrama pelas massas da cidade esparramada dessa improvisação de um dia? As patas inumeráveis batem no asfalto com desespêro. O asfalto porventura não é vosso eito, escravos urbanos e suburbanos? A cuica ronca, ronca, ronca, estomacal, horrível, é um ronco que é um soluço e eu também soluço e canto, e vós também fortemente cantais bem desentoados com êste mundo. A cuíca ronca no fundo da massa escura, dos agarramentos suados, do batuque pesadão, do bodum. O asfalto está molhado nesta noite de chuvoso domingo. Ameaça chuva, um trovão troveja. A cuíca de São Pedro também está roncando. O céu também sente fome, também ronca e soluça e sua de amargura?

Nesta mormacenta segunda-feira de 11 de fevereiro, um jornal diz que "a batalha de confete do largo do Machado esteve brilhantíssima".

Repórter cretiníssimo, sabei que não houve lá nem um só miserável confete. O povo não gastou nada, exceto gargantas, e dores e almas, que não custam dinheiro. Eis o que ali houve, e eu vi uma batalha de roncos e soluços, e ali prepararam batalhões para o Carnaval — nunca, jamais "a grande festa do Rei Momo" — porém a grande insurreição armada dos soluços.



24663

Editora

EMPRÊSA GRÁFICA
O CRUZEIRO S.A.